

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

EMILIANO QUEIROZ

NAS SOBREMESAS DA VIDA
MARIA LETICIA

Imprensa oficial

Emiliano Queiroz

Na sobremesa da vida

Emiliano Queiroz

Na sobremesa da vida

Maria Letícia

| imprensaoficial

São Paulo, 2006

**GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO**

Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Cláudio Lembo
Rubens Lara

imprensa oficial

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretora Financeira e
Administrativa
Chefe de Gabinete

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Nodette Mameri Peano
Emerson Bento Pereira

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Projeto Gráfico
Assistência Operacional
Editoração
Tratamento de Imagens
Revisor

Coleção Aplauso Perfil

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Carlos Cirne
Andressa Veronesi
Aline Navarro
José Carlos da Silva
Débora Guterman

Apresentação

"O que lembro, tenho."

Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, tem como atributo principal reabilitar e resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas do cinema, do teatro e da televisão.

Essa importante historiografia cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. O coordenador de nossa coleção, o crítico Rubens Ewald Filho, selecionou, criteriosamente, um conjunto de jornalistas especializados para realizar esse trabalho de aproximação junto a nossos biografados. Em entrevistas e encontros sucessivos foi-se estreitando o contato com todos. Preciosos arquivos de documentos e imagens foram abertos e, na maioria dos casos, deu-se a conhecer o universo que compõe seus cotidianos.

A decisão em trazer o relato de cada um para a primeira pessoa permitiu manter o aspecto de tradição oral dos fatos, fazendo com que a memória e toda a sua conotação idiossincrásica aflorasse de maneira coloquial, como se o biografado estivesse falando diretamente ao leitor.

Gostaria de ressaltar, no entanto, um fator importante na *Coleção*, pois os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que caracterizam também o artista e seu ofício. Tantas vezes o biógrafo e o biografado foram tomados desse envolvimento, cúmplices dessa simbiose, que essas condições dotaram os livros de novos instrumentos. Assim, ambos se colocaram em sendas onde a reflexão se estendeu sobre a formação intelectual e ideológica do artista e, supostamente, continuada naquilo que caracterizava o meio, o ambiente e a história brasileira naquele contexto e momento. Muitos discutiram o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida. Deixaram transparecer a firmeza do pensamento crítico, denunciaram preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando o nosso país, mostraram o que representou a formação de cada biografado e sua atuação em ofícios de linguagens diferenciadas como o teatro, o cinema e a televisão – e o que cada um desses veículos lhes exigiu ou lhes deu. Foram analisadas as distintas linguagens desses ofícios.

Cada obra extrapola, portanto, os simples relatos biográficos, explorando o universo íntimo e psicológico do artista, revelando sua autodeterminação e quase nunca a casualidade em ter se

tornado artista, seus princípios, a formação de sua personalidade, a *persona* e a complexidade de seus personagens.

São livros que irão atrair o grande público, mas que – certamente – interessarão igualmente aos nossos estudantes, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o intrincado processo de criação que envolve as linguagens do teatro e do cinema. Foram desenvolvidos temas como a construção dos personagens interpretados, bem como a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns dos personagens vividos pelos biografados. Foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferenciação fundamental desses dois veículos e a expressão de suas linguagens.

A amplitude desses recursos de recuperação da memória por meio dos títulos da *Coleção Aplauso*, aliada à possibilidade de discussão de instrumentos profissionais, fez com que a Imprensa Oficial passasse a distribuir em todas as bibliotecas importantes do país, bem como em bibliotecas especializadas, esses livros, de gratificante aceitação.

Gostaria de ressaltar seu adequado projeto gráfico, em formato de bolso, documentado com iconografia farta e registro cronológico completo para cada biografado, em cada setor de sua atuação.

A *Coleção Aplauso*, que tende a ultrapassar os cem títulos, se afirma progressivamente, e espera contemplar o público de língua portuguesa com o espectro mais completo possível dos artistas, atores e diretores, que escreveram a rica e diversificada história do cinema, do teatro e da televisão em nosso país, mesmo sujeitos a percalços de naturezas várias, mas com seus protagonistas sempre reagindo com criatividade, mesmo nos anos mais obscuros pelos quais passamos.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da *Coleção Aplauso*, ela inclui ainda outras séries: *Projetos Especiais*, com formatos e características distintos, em que já foram publicadas excepcionais pesquisas iconográficas, que se originaram de teses universitárias ou de arquivos documentais pré-existentes que sugeriram sua edição em outro formato.

Temos a série constituída de roteiros cinematográficos, denominada *Cinema Brasil*, que publicou o roteiro histórico de *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o

primeiro roteiro completo escrito no Brasil com a intenção de ser efetivamente filmado. Paralelamente, roteiros mais recentes, como o clássico *O caso dos irmãos Naves*, de Luis Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé, e *Como Fazer um Filme de Amor*, de José Roberto Torero, que deverão se tornar bibliografia básica obrigatória para as escolas de cinema, ao mesmo tempo em que documentam essa importante produção da cinematografia nacional.

Gostaria de destacar a obra *Gloria in Excelsior*, da série *TV Brasil*, sobre a ascensão, o apogeu e a queda da TV Excelsior, que inovou os procedimentos e formas de se fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão ao descobrirem que vários diretores, autores e atores, que na década de 70 promoveram o crescimento da TV Globo, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o Grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar.

Se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

De nossa parte coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa

documental e iconográfica, contar com a boa vontade, o entusiasmo e a generosidade de nossos artistas, diretores e roteiristas. Depois, apenas, com igual entusiasmo, colocar à disposição todas essas informações, atraentes e acessíveis, em um projeto bem cuidado. Também a nós sensibilizaram as questões sobre nossa cultura que a *Coleção Aplauso* suscita e apresenta – os sortilégios que envolvem palco, cena, coxias, set de filmagens, cenários, câmeras – e, com referência a esses seres especiais que ali transitam e se transmutam, é deles que todo esse material de vida e reflexão poderá ser extraído e disseminado como interesse que magnetizará o leitor.

A Imprensa Oficial se sente orgulhosa de ter criado a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que nossa história cultural não pode ser negligenciada, e é a partir dela que se forja e se constrói a identidade brasileira.

Hubert Alquéres
Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Prefácio

Quando Emiliano me levou para conhecer sua mãe, Donana me falou com seu humor cearense:

– Já tinha apelado a Santo Antonio para Emiliano encontrar uma moça boa e que gostasse dele para casar, como você.

Disse a ela que eu também andei rezando para o santo, de modo que não chegava a ser um milagre de Santo Antonio, que só fez juntar os pedidos.

Nem me surpreendi quando Rubens Ewald Filho – editor da Coleção Aplauso – disse que eu era a pessoa certa para escrever o livro de Emiliano Queiroz.

11

Emiliano vê o mundo através do teatro; sua formação, desde o princípio, se fez seletiva, culturalizando o que lhe chegou pela via do faz-de-conta. Tornou-se um ator em sua essência.

Quando em 1977 demos a volta ao mundo, seu interesse e sua compreensão foram norteados pela óptica do teatro. Ainda criança Emiliano transformava o quintal de sua casa em teatro.

Este livro conta a trajetória de um velho ator: desde o rapaz ingênuo que sonhava adotar um

pseudônimo, mudando seu nome para Clayton, até o artista consciente cuja vida se confunde com a história do teatro, da televisão e do cinema.

Como já conhecia essa história – vivi boa parte dela – organizei a escaleta em ordem cronológica até o sucesso e sua afirmação como ator em *Navalha na carne*. Daí em diante, abordei os trabalhos mais importantes de que Emiliano participou, sempre buscando em seu depoimento uma investigação sobre os métodos desenvolvidos nas montagens de peças, filmes e novelas; seus autores, diretores e intérpretes. Emiliano, em sua extensa galeria de personagens, interpretou os tipos mais variados.

12

Gravamos horas a fio. Conteí com a inestimável colaboração de Adriano Espínola Filho. Muitas vezes Emiliano escreveu de próprio punho seus depoimentos.

Com a palavra o ator Emiliano Queiroz.

Maria Letícia

Capítulo I

Vocação

Aracati, 1.1.36, meu berço.

Aracati era uma cidade com mistérios. Repleta de casarões, sobrados de paredes com azulejos, varandas, igrejas e sons de pianos. Parecia que a cada quadra havia um piano.

– Esse som vem da casa do Jacques Klein ou então do sobrado do Barão, na rua de trás.

Outro som familiar: as brigas por amor de Dona Priscila com seu marido. Sempre que a loira vizinha começava a discutir, eu e minha irmã Terezinha levávamos nossas cadeirinhas de balanço para a calçada em frente e assistíamos, mais uma vez, a uma cena que era sempre igual. No final ela chorava muito, ele ia embora e ela desmaia-va. Dias depois, ele voltava. E daí a pouco tudo acontecia outra vez para meu deleite.

A poucos minutos dali, o rio doce-salgado e, mais à frente, Canoa Quebrada. Ali dei meu primeiro mergulho, levado por minha mãe.

O mar soprava, em moto-contínuo, um vento doce, aromatizando o calor.



Emiliano com um ano e seis meses.

Diziam que anos atrás o oceano Atlântico era ali na nossa calçada. Contavam histórias. Uma aldeia fora tragada pelas dunas, sumiu do mapa. Era a lenda de Almofala. E um porto com entrada e saída de navios tinha desaparecido.

E dona Belinha, cujos longos cabelos haviam se tornado dois novelos, um de cada lado da cabeça, que ninguém conseguia cortar. Foi preciso a interferência milagrosa de São Francisco de Canindé para os novelos, duros como arames, cederem às tesouras.

Devia ter três anos quando meu pai me levou ao cinema. Fiquei a maior parte do tempo de costas para a tela, olhando o foco da projeção, para saber de onde vinham aquelas figuras. Assim meu pai me contava.

15

Com o teatro foi diferente. Abel Teixeira veio de Fortaleza com sua famosa montagem de *O mártir do Golgota*. Madalena recostada numa *recambier* e o vulto de Cristo passando atrás de arcos em tons dourados. Voltei para casa e, durante um bom tempo, representei todas aquelas cenas. Sabia diálogos, seqüências, mas meu grande momento era a Ressurreição. Anos depois, participaria de várias montagens da *Paixão de Cristo*, uma delas dirigida por Abel Teixeira, que havia me deslumbrado em Aracati. Com a proximidade

do Natal começava o *Pastoril* e as vozes das pastorelinhas chegavam até nossa casa todas as noites.

*Borboleta bonitinha, venha aqui...
ela hoje canta um hino
hoje é noite de Natal*

Depois, entrava o diabo e havia um grande alvoroço. O homem que fazia o diabo era quem entregava verduras e carnes na nossa casa. Minha mãe recomendava a ele:

– Não faça tanto barulho quando entrar no palco. O Emiliano acorda e fica querendo ir assistir ao *Pastoril* a todo custo.

16

Ele sorria e dizia:

– Leva o menino.

Era um homem grande, de pele morena e voz tonitruante. Foi o primeiro ator que conheci.

Um dia, me levaram para assistir ao *Pastoril*. O meu primeiro ator apareceu todo coberto de azul, como um filho de Nossa Senhora. E eu gostei daquele diabo de voz grave, baixa e azul. De repente, folhas-de-flandres foram sacudidas provocando um efeito de trovão. Luzes vermelhas piscaram. Vi raios e fumaça. O manto azul do meu

ator foi jogado para o alto, revelando o outro lado daquela figura.

Agora, um macacão vermelho de seda brilhante, chifres e uma voz aterradora. Tomei um susto, dei uma risada, bati palmas. Naquele momento perdi o medo do diabo para sempre. Assim como para sempre foi o amor que senti pelo teatro.

Um fato curioso aconteceu por essa época. Todas as noites, na mesma hora, eu acordava chorando. Eu chamava meus pais e dizia que um homem de cabelos brancos e pijama listrado estava ali sentado num banquinho. Meus pais não eram de Aracati, não sabiam nada a respeito de antigos moradores. Minha mãe, já preocupada com a situação que se tornava incômoda, falou do fato a uma vizinha. A mulher teve um arrepio:

– Dona Ana, se mude dessa casa. Essa figura que o menino vê é de um antigo morador que se matou. Foi encontrado enforcado usando pijama listrado e tinha cabelos brancos e...

No dia seguinte, mudamos para outra casa e o fato mediúnico foi esquecido e nunca mais se repetiu.

Minha mãe foi preparada para alfabetizar crianças e, assim, logo aprendi a ler e escrever.

Ela lia histórias para mim. Eu adorava, era um ótimo ouvinte. Quando ia repetir as histórias para alguém, mudava as cenas e desfechos. Isso me encantava.

“Quem conta um conto aumenta um ponto”

Em casa tinha uma folhinha do Almanaque Capivarol, com Shirley Temple na contracapa. Ela usava pijama, tinha cachinhos e eu me apaixonei.

Um dia, acordei e me disseram:

– Vamos nos mudar.

- 18 Atravessamos um trecho ou afluente do rio Jaguaribe para chegar a Russas. O caminhão, com a mudança na carroceria e a família na boléia, foi colocado numa balsa que chamavam “pontão”. Um relógio antigo de parede (que guardo até hoje) estava com meu pai, como uma preciosidade. E assim deixei Aracati para sempre, flutuando nas águas daquele rio veloz e ameaçador.

Meu pai, nascido para as bandas do Pará, como se dizia, registrado Henrique Queiroz, ganhou um acréscimo de Severino da avó paraibana. Cresceu em Campina Grande, conheceu os segredos da ourivesaria, a alquimia do ouro derretido nos cadinhos. Seguiu os passos do avô que veio lá do

Velho Mundo e que a família, carinhosamente, chamava “judeu errante”.

Meu pai era um homem bonito, de olhar manso. Falava pouco e nunca de si mesmo. Não conheci ninguém da família de meu pai em toda a minha vida. Ele saiu da casa dos pais em lombo de mula, negociando, fazendo topografia de terrenos em pleno sertão, trabalhando em laboratório de pesquisa das febres da região. Subiu e desceu Norte e Nordeste sozinho até chegar ao Ceará. Casou, teve e perdeu filhos e chegou ao segundo casamento trazendo a filha de sua adoração, a quem chamava com carinho de minha Terezinha. Era generoso e simples.

19

Minha mãe, ele conheceu em Russas.



Minha mãe e meu pai

O pai dela, coronel Custódio Ribeiro de Guimarães, era descendente direto de seu Olsen, fotógrafo oriundo da Holanda, que chegou primeiro a Pernambuco e depois ao Ceará. Meu avô era brilhante, grande, de enormes olhos azuis e barba ancestral. Minha mãe herdou dele a pele muito branca, os olhos em tons azuis e a agilidade de raciocínio.

20

Coronel Custódio foi coletor federal, educador, juiz em causas especiais e um patriarca. Teve oito ou dez filhos do primeiro casamento e mais oito ou dez do segundo. Quando minha mãe nasceu, a família ainda tinha posses, uma fazenda no Castanhão e poder na região. Meu avô perdeu um filho militar, político, numa revolução rastaquëra no Ceará, assassinado com um tiro em plena rua. Por conta disso, sua saúde foi abalada.

Minha mãe Ana, nome também de avó Naninha, vivia em Russas, tinha excelentes amizades ali e em Fortaleza. Todos a achavam bonita e Paurillo Barroso, compositor e teatrólogo cearense, insistia para que ela fizesse teatro. Tinha uma bela voz e chegou a ensaiar uma opereta. Com mais de oitenta anos ainda sabia de cor *A ceia dos cardeais*, de Júlio Dantas, e *As máscaras*, de Menotti Del Picchia.

– Loira como os trigais, os raios de sol e as moedas antigas – declamava.

Com o casamento, trouxe Anézia, sobrinha-filha que permaneceu com ela por toda a vida.

A cidade de Russas era plana, sem casarões ou sobrados, sem o vento do mar, sem o mistério da velha e gótica Aracati. Morávamos afastados da cidade. Nossa casa, na ocasião, não tinha sequer luz elétrica. Era nossa, embora meu pai estivesse acabando de construir. Eu via crescer verduras, a pequena roça, as laranjeiras que meu pai plantava e ajudava os patinhos a nascer, facilitando suas saídas das cascas. Terminei matando uma ninhada ao precipitar-lhes o nascimento.

21

Na cidade de Russas, naquela época, as pessoas gostavam de teatralizar tudo que era evento. De festa de colégio à chegada do Bispo. Assim, na festa do grupo escolar, depois de um tango coreografado, minha irmã Terezinha participou do bailado das vogais cantantes – A, E, I, O, U, Y (Ipsilone). O auditório era grande, o palco então me parecia imenso do alto dos meus quase cinco anos. Entrei em cena vestindo fraque e cartola confeccionados por minha mãe, óculos e bengala feitos por meu pai, maquiagem e bigodes executados por Anézia, e despejei:

– Cá estou eu, eu sou o avô, tenho oitenta anos e, ai!, as costas me doem, às vezes...

Foi uma consagração. Pouco depois, no meio da praça, trepado num palanque, eu fazia o discurso de boas-vindas ao Bispo que visitava a cidade.

– Excelentíssimo Reverendíssimo Senhor Bispo Diocesano – estava consolidada minha fama.

Meu pai me levou ao circo-teatro para ver a peça *Os milagres de Santo Antonio*, que me deixou hipnotizado. Um mar azul com ondas de papelão, peixes pulando, o homem vestido de Santo Antonio. Tudo era faz-de-conta. Dos bichos, do trapézio, dos acrobatas não lembro nada.

22

As santas missões chegaram. Foi um chamado! No catecismo, era o mais bem preparado. Para espanto de minha mãe, exigi fazer a Primeira Comunhão da noite para o dia. Minha roupa azul-marinho de marinheiro, ainda por vestir, foi o figurino, acrescido de velas, laços e livrinho. Todas as crianças de branco e só eu de azul-escuro. Na fila, um menino, uma menina. Eu, pela singularidade do figurino, à frente, ao lado de duas priminhas. Entrando na igreja, eu me senti o alvo das atenções. A vela acesa, o cortejo, as crianças, os fiéis, ou seja, o público. Durante a travessia da nave, eu tanto me virei para os lados,



tanto me exhibi, que acabei botando fogo no véu da prima Ailza. Estava com seis anos.

Os padres convocavam meninos para as obras das vocações sacerdotais. Eles seriam levados primeiro a uma escola e, aos dez anos, para o Seminário, onde estudariam e se tornariam padres. O Seminário ficava em Fortaleza. Talvez motivado pela possibilidade da viagem, pela pompa teatral da igreja, atendendo ao apelo dos sinos da minha curiosidade, procurei um dos padres da Missão. Não lembro o que falei, mas o convenci direitinho. Ele achou comovente, disse que eu seria um Cordeiro de Deus.

24

Toda vez que ele falava em Cordeiro de Deus eu me lembrava do meu carneiro que eu montava feito um cavalinho e que eu amava. Mas ele cresceu, ficou gordo e, para meu horror, foi abatido. Ouvi seus berros desesperados, abri a porta da cozinha e vi meu “Bébé” pendurado, levando marretadas na cabeça. Os longos momentos da sua agonia, eu acompanhei em transe.

– Agora, Emiliano, você avise a sua mãe para vir aqui pois a autorização dos pais é necessária
– disse o padre.

Não esperava por aquilo, pensava que era uma decisão só minha. Tentei explicar ao padre que

minha mãe não era lá muito católica. Não adiantou, e minha mãe foi à igreja comigo a tiracolo. O padre explicou para ela a minha religiosidade, a minha vontade de ser seminarista. Minha mãe, serenamente, argumentou que não, que eu só tinha seis anos e minha família me amava. O padre insistia:

– A senhora precisa ver a fé desse menino diante do altar, o fervor com que reza.

E minha mãe:

– É exibição, padre, quando ele vê que tem alguém olhando, fica fervoroso.

25

O padre, a essas alturas, vermelho de indignação, vociferou:

– A senhora está cortando uma vocação.

E minha mãe:

– A vocação dele é o teatro. Esse menino é artista, eu conheço.

Estava dado o aval e, por toda uma vida, ela foi cúmplice desse filho que viveu e vive do faz-de-conta. A partir daí, o teatro foi a única verdade da minha vida que eu nunca precisei maquiar.

Conheci ou soube de tias com os nomes de Altina, Luthegardes, Tereza, Ruth, Rosa, Rachel, Lou, mas só uma era Maria. Era encantado com ela. Um dia teve um ataque provocado pela meningite na minha frente. Morreu pouco depois. Exigi luto e minha mãe pôs uma tarja preta no meu bolso. Naquela época as crianças no Nordeste participavam de todo o ritual da morte. Das velas, da agonia, do sepultamento, da saudade. No primeiro domingo após sua morte, fomos ao cemitério.

Naquele dia o Campo Santo me pareceu festivo. As pessoas colocavam flores e velas nas covas simples, um monte de terra e uma cruz de madeira com a identidade do morto. A de minha tia era uma dessas.

Enquanto os mais velhos ajoelhavam para rezar, as crianças se relacionavam e, em dois tempos, brincavam de esconde-esconde entre os poucos túmulos erguidos em forma de casinhas. Corri para cá, para lá, me escondi atrás da capela, esperei. Nenhum dos meninos me encontrou. Tinha um parapeito atrás da capela, subi nele, fiquei vendo o movimento naquele precário cemitério.

Chegou um homem, começou a conversar e me chamou para conhecer do outro lado. Me levou

pela mão, fomos em direção ao muro, o portão de trás. Abrimos o portão e eu me deparei com um prado de quilômetros, tudo verde: a grama, as árvores e, ao fundo, um delicado caramanchão branco. Passavam vultos que a distância me impossibilitava de distinguir. Soprava um vento aromático como o de Aracati. Não era dali aquela brisa nem aquele verde. Minha irmã me chamou forte:

– Emiliano!

Dei um salto, estava em cima do parapeito.

Minha irmã reclamou:

27

– Onde você estava? Procuramos você por toda parte.

– Estava aqui – respondi.

E ela, sincera:

– Passamos aqui duas vezes e não vimos você.

Então contei para ela meu passeio e que havíamos saído pelo portão dos fundos. Ela não se deixou impressionar, me levou até o portão dos fundos que estava trancado, me colocou nos ombros do meu primo, já um rapaz, para que eu pudesse

ver por cima do muro. E eu vi: uma região árida, inóspita, com um ou outro casebre. Um calor – segundo diziam – aumentado pelo fogo-fátuo. Meus primos riram da minha esquisitice.

Ainda por essa época, embaixo de uma árvore, adormeci enquanto lia um livro que apanhei de meu pai e que a memória infantil teima em dizer que era *Varenka Olesova*, de Máximo Gorki. Sonhei que estava numa barca grande que corria num estreito rio rodeado de igarapés. O perfume de água-pé, uma flor da época das chuvas, vinha da mata. Percorri sozinho a comprida embarcação com cobertura, bancos, uma mesa e sem viva alma. Lá no fundo um quadro, lindo, luminoso. Uma mulher saía das águas, seu vestido branco colava em seu corpo mostrando suas formas. Os seios delicados estavam à mostra e o que me pareceu um manto eram seus cabelos longos, mas secos. Nele piscavam luzes de fugidios vagalumes. Das mãos, graças eram derramadas.

Contei para minha mãe que havia sonhado com Nossa Senhora das Graças com os seios à mostra. Ela retrucou que não existia *Varenka* como a responsável. Voltei a ler o livro todos os dias no mesmo lugar, a mesma cena do banho da heroína, mas o sonho com a santa nunca mais aconteceu.

Dezesseis anos depois, em São Paulo, entro na casa de uma amiga. Vejo um quadro na parede com a imagem do meu sonho esquecido.

– Que santa é essa? – perguntei.

E ela:

– É Iemanjá, a rainha das águas.

Nos meus tempos de criança a cultura do candomblé, o culto aos orixás, eram desconhecidos no Ceará ou na minha família. Gostei do reencontro.

Por essa época, uma epidemia de tracoma assolava a região. Eu não tinha nada. Meus olhos eram limpos e bem cuidados. No grupo escolar, uma porção de meninos infectados era levada ao posto de saúde para o tratamento. Achei aquelas crianças em fila pela rua um “desfile”, fiquei atraído por aquilo, todo mundo olhava. Me enfileirei entre elas. Representei o papel e cheguei ao posto de Saúde.

29

O homem enfiou a pomada no meu olho saudável com a mesma espátula que usava nos outros meninos doentes. Em três dias eu gritava de dor. Não conseguia abrir os olhos. Perdi a visão. A noite e o dia ficaram da mesma cor. Em casa, a

situação financeira era mais que delicada. Meus pais juntaram o que tinham e minha mãe me levou para Fortaleza. Ficamos de favor na casa de uma prima, que se arrependeu de nos ter recebido logo no segundo dia. Um oftalmologista, Dr. Onório, atendeu aos rogos de minha mãe e aceitou sua proposta de pagar aos poucos meu tratamento. Foi um médico dedicado e competente. Passei por uma "raspagem" na vista. A tal prima que nos hospedou chegou a deixar um cachorro policial no banheiro para nos intimidar, até que nos botou na rua. Mas uma outra prima, que tinha o doce nome de Carmoniza, nos recebeu com muito amor em sua casa até o fim do tratamento e eu esqueci a prima má.

Capítulo II

A 2ª Guerra – Orson Welles

Em plena Segunda Guerra Mundial, Fortaleza fervilhava de *marines* americanos. Nossa capital, juntamente com Recife e Natal, formava o trampolim da vitória. Bases americanas intermediavam os soldados que atravessariam o Atlântico rumo à África e dali à Europa, solapada pelas Forças do Terceiro Reich. Os Zepelins, ou Blimps, cortavam os céus. No mar, podia-se ver os periscópios dos submarinos. Uma manhã, minha mãe comentou:

– Olha, o mar tem mais submarino que jangada.

31

Eu usava óculos pretos, convalescia do tracoma. O que no Ceará valia o apelido de cego Aderaldo (um popular repentista). Já não sentia dor e meus olhos começavam a clarear. Minha irmã Terezinha, desde os 12 anos, morava em Fortaleza: estudava, trabalhava, era hóspede em casa de parentes e nos ajudou no que pôde.

Foi no meio do meu tratamento que Orson Welles apareceu por lá. Costumava ser visto à noite, comendo o prato típico da terra: arroz, feijão e peixe. Quieto, melancólico, “coisas de gênio” – diziam os jornais. Que diabos era ser gênio. Andei perguntando, em vão.

Orson Welles era o que havia de mais inteligente, brilhante, vanguardista. Em 1938, assustou o povo americano com uma adaptação radiofônica do livro *Guerra dos mundos*, de H.G. Wells, como se estivesse fazendo uma transmissão direta da invasão dos marcianos ao planeta Terra. Revolucionou o teatro e seu filme *Cidadão Kane* está aí, para sempre. Orson Welles chegou ao Rio envolvido com o projeto da RKO de Hollywood de realizar um filme para a política de boa vizinhança. Quando soube que pescadores tinham vindo de jangada do Ceará até o Rio de Janeiro para reivindicar melhorias para a classe, mudou seu projeto e resolveu filmar o dia-a-dia desses homens e reconstituir a viagem. Foi assim que o cineasta chegou à costa setentrional do país. O Ceará ofereceu a Welles o argumento de *Tudo é verdade*:



Orson Welles e Jacaré na jangada com seus companheiros na chegada ao Rio de Janeiro



Orson Welles chegando a Fortaleza

Um grupo de jangadeiros, tendo como porta-voz Jacaré, saiu de Fortaleza, viajou 2.700 Km por mar até chegar ao Rio de Janeiro, na época capital do país. O objetivo dos cearenses era reivindicar do então ditador Getúlio Vargas melhores condições de trabalho para os jangadeiros de todo o Brasil. O Estado Novo, ávido por publicidade, estimulou a viagem, divulgando amplamente o fato. Os jangadeiros, já em Cabo Frio, tiveram de retardar a viagem para chegar ao Rio no festivo 15 de novembro. Desfilaram pela avenida Rio Branco com a jangada em cima de um caminhão. Getúlio os recebeu em audiência pública e decretou, para a alegria da comunidade dos jangadeiros, salário mínimo de aposentadoria e pecúlio (assistência) para as viúvas. Esse magnânimo decreto nunca foi cumprido.

No universo dos jangadeiros onde Orson Welles foi filmar em Fortaleza, os moradores da região sentiam prazer em correr atrás daquele americano enorme, para cima e para baixo, praia afora. Ele usava sempre calças brancas arregaçadas até o joelho para facilitar entrar na água, cavava buracos, enterrava a câmera na areia para conseguir belos planos.

Todos em Fortaleza gostaram de Orson, mas o público feminino da periferia torceu o nariz com boa irreverência cearense.



Foto de Chico Albuquerque. Em 1942, Chico fez still para *It's all True* de Orson Welles. Dez anos depois, fotografou jangadas e jangadeiros, em Fortaleza, com o mesmo olhar do diretor

– Menina, sabe quem eu vi na praia? Aquele Orson Welles, ô bicho feio, virgem, tem cara de lua cheia, de prato raso.

– De broa – completa a outra.

Bonito era Tyrone Power, que muitos viram, alguns tinham autógrafos, mas ninguém provava que tivesse sequer descido do avião. Também pudera. Por essa época andaram por lá Artie Shaw, Ilona Massey, Xavier Cugat e Orquestra. Os pracinhas de Tio Sam se divertiam dando autógrafos para as garotas com nomes das estrelas do cinema, Clark Gable, Tyrone Power, Don Ameche e muitos mais.

36

Nas bases e clubes americanos aconteciam festas e as moças que freqüentavam esses lugares foram apelidadas de “Coca-Cola”, nome da bebida que só rolava, na época, entre eles.

Durante as filmagens de *It's all true* em alto-mar, uma onda “encrespada” virou a jangada e tragou a vida de mestre Jacaré. Filmado entre 1942 e 1943, o filme de Welles não chegou a ser terminado e parte de seus rolos foi lançada ao mar.

Eu e minha mãe voltamos a Russas onde meu pai, Anézia e todos os primos e priminhas nos esperavam. Mas em menos de um ano, mais uma vez,

a bagagem foi para cima do caminhão. Estava decidido. Íamos morar em Fortaleza. As notícias da guerra chegavam a Russas através dos jornais, mas agora sentia falta de uma das coisas que mais amei na capital: ligar o rádio e ouvir a PRE-9, a Ceará Rádio Clube. Em poucos anos estaria em seus estúdios como radioator. Aproximava-se o dia da mudança.

*"Eu tenho um gatinho
chamado Japir
alegre e mansinho
que gosta de mim"*

Um vizinho de má índole, logo que sua gata tinha ninhada, separava os filhotes, cortava o rabo dos bichinhos e jogava no meio do mato. Resgatei Japir, curei suas feridas. Japir cresceu, ficou forte, mas sem rabo. Arrumei uma caixa grande e confortável para levar meu gato na viagem, mas meu pai foi irredutível:

37

– Você não vai levar o gato, ele vai ficar com os novos moradores.

Chorei, fiz birra – uma cena.

– Emiliano, você, na sua vida, ainda vai se mudar muito. Não vai querer ficar carregando gato pelo mundo afora.

Na despedida, Japir me olhou, deu um miado fraquinho como era de seu feitio, saiu de sua posição relaxada, ficou de pé nas quatro patinhas. Tenso, permaneceu assim até que o perdi de vista, quando o carro fez uma curva na estrada. Dos dois lados da rodovia uma verde plantação de carnaúba. A estrada me absorveu e Russas ficou para trás, cada vez mais longe.

Capítulo III

Shazan

Eu fechei os olhos dentro do caminhão e pensei forte:

– Shazan.

Cheguei a Fortaleza. Dos oito aos catorze anos aconteceu tudo muito rápido. A “carreira artística” tão promissora em Russas ficou adormecida. Só raramente participava dos eventos da escola recitando uma poesia ou fazendo alguma saudação. Com a chegada a Fortaleza, ganhei a rua. Minha casa no bairro do Joaquim Távora era grande. Eu tinha um quarto só para mim, um jardim e um quintal repleto de mangueiras, jaqueiras e bananeiras. Sagüis pulavam nas árvores e, vez por outra, pássaros exóticos, como uma jandaia.

39

Primeiro no Instituto Ruy Barbosa, depois o exame de admissão no Liceu do Ceará e parte do ginásio. A vida escolar era o compromisso, mas a cidade estava ali para ser descoberta. Atravesava a cidade com a turma, as salinas, as ruas por desbravar e chegávamos à praia. Ali virou o meu domínio. Tudo girava em torno do mar. A guerra tinha acabado, mas vez por outra, eu

me metia numa briga. Tinha um soco forte, mas apanhava também dos meninos maiores. As primeiras descobertas do sexo, do cigarro, das coisas proibidas.

Com catorze anos comecei a trabalhar na Fábrica Progresso, primeiro como contínuo e, em seguida, como auxiliar de escritório. Com quinze, estava estudando à noite. O Colégio Dom Bosco, do Professor Oscar Costa de Souza, pai do cantor e compositor Ednardo, incentivava o teatro e eu criei o Teatro de Arte de Fortaleza, TAF, dentro da escola. José Humberto, um colega de colégio, fazia teatro com grupo amador e foi me levando com ele.

40

Participei de uma peça com a Cia. J. Cabral, não lembro o título. Ensaiei um mês para o papel de cego, como olhar, como usar o tato; afinal, eu conhecia a sensação. No dia da estréia, me puseram uns óculos pretos. Que decepção!



Aos dezessete anos

Capítulo IV

O TEA

Conta B. de Paiva, em depoimento para o livro de Marcelo Costa, *História do Teatro Cearense*:

Em 1952 um grupo de sonhadores criava o TEA, Teatro Experimental de Arte, em Fortaleza. Era o começo, a definição, para alguns que participaram como geradores de um processo cultural em uma região. Eram os da geração dos anos 50.

Mais à frente, B. de Paiva fala sobre componentes do grupo:

43

Um dos meninos ficou famoso no sul, na TV Globo. Emiliano Queiroz, estreante de Complexo, peça minha, e Lampião, de Raquelzinha (Rachel de Queiroz); depois ator de primeira da TV Ceará e que um dia foi Simbita (personagem da peça de Lúcia Benedetti).

Das fichas de atores do TEA e suas preferências artísticas, Marcelo Costa conta: “A ficha de Marcus Miranda tinha o nº 1 e sua preferência, a comédia. B. de Paiva, nº 2, tinha preferência mais ampla – drama e comédia. Uma ficha com a fotografia de um garoto é a 14º, de Emiliano Queiroz, “que não tinha preferências”.

“O Teatro Experimental de Arte foi o maior celeiro de jovens idealistas que já surgiu no Ceará”.
(Carlos Paiva – Revista Comédia Cearense nº 2)

No TEA, tínhamos muitas atividades: líamos peças, ensaiávamos, fazíamos assistência, contra-regragem e assim ficávamos juntos o tempo todo. Com Waldemar Garcia, o mago do teatro cearense, aprendíamos a arte de maquiar, caracterização, prosódia, noções de música, confecção e pintura de cenários e telões. *Lampião* tomou de assalto a cidade.

44

Durante meses ensaiamos dias e noites. Viagens de pesquisa foram feitas a Juazeiro e o espetáculo teria estréia nacional com a presença de Rachel de Queiroz, antecedendo a montagem que era ensaiada no Rio de Janeiro com Sérgio Cardoso no papel de Lampião. Na nossa montagem no Teatro José de Alencar, Marcus Miranda foi Lampião; Glice Sales, Maria Bonita; José Humberto, Ponto Fino; e eu, o prisioneiro do bando acusado de traição. A direção foi de Vicente Marques e B. de Paiva, que também fazia o sapateiro, primeiro marido de Maria Dea, depois, Bonita.

Tarcísio Tavares era um dos mentores do trabalho. Glice Sales, nossa primeira atriz, sensível e delicada, foi Madalena quando eu fui Jesus. Estivemos juntos no mesmo colégio, o Ruy Barbosa,

no final do primário e, anos mais tarde, nos estúdios de rádio e TV.

Eu admirava Marcus Miranda como ator. Achava o melhor de nós todos. B. de Paiva era o líder, fazia a mágica de abrir o Mar Vermelho para o teatro passar. Um mestre, a Escola de Teatro da Universidade Ceará é fruto de sua resistência.

Miranda e B. de Paiva vieram do Teatro Escola do Ceará, outro movimento rico do teatro da época. Dona Marister Gentil e dona Nadir Papi Saboya eram as diretoras. Dezenas de atores e uma estrela, Fernanda Quinderé. Linda aos catorze anos, todos nos apaixonamos por ela em *A importância de ser Ernesto*, de Oscar Wilde, ou em *Os deuses riem*, de A.J. Cronin. De repente, Fernanda abandonou o teatro para casar. Os cronistas registraram a perda.

45

No meu grupo, tomamos um porre e Ary Sherlock chorou como um noivo abandonado. Tempos depois, Fernanda voltaria ao teatro como atriz, produtora e apresentadora de TV. Foi nessa ocasião que Ary Sherlock entrou para o TEA. Grande personalidade, ator ousado e talentoso, meu amigo vida afora. Ary me abasteceu com informações de cinema, teatro e literatura, foi meu professor de História da Arte. Me apresentou quase pessoalmente a Ana Pavlova, bailarina

rusa, sua paixão e de quem gostava de repetir o epitáfio:

“Oh terra, não peses tanto sobre ela que sempre foi tão leve sobre ti”.



Amávamos Ingrid Bergman. Ary era apaixonante. Foi Caifaz e Judas em três montagens diferentes em que participei da vida de Cristo, eu sempre como Jesus. Em uma delas, ainda garoto, estreava Aderbal Freire-Filho, com quem voltei a trabalhar quando me dirigiu em *O tiro que mudou a história*, no Rio de Janeiro. Mantendo a fidelidade de fãs, meus pais assistiam a todas as peças em que eu aparecia. Discretos e torcendo por mim.

Na Comédia Cearense, trabalhei com Haroldo Serra, companheiro desde minha estréia no teatro, em que ele já estava. Haroldo alargou as fronteiras do artista cearense. Ele e Hiramisa Serra, a grande dama do teatro da minha terra, criaram juntos uma história de amor e teatro. Hugo Bianchi era nosso mestre de balé, pioneiro da dança em Fortaleza. Um homem belo.

47

Um vexame aconteceu no Teatro José de Alencar: Tamara Tomanova, a bailarina russa com atuações em filmes de Hollywood, vinha para algumas récitas. Para melhor receber a internacional estrela, os promotores do evento "promoveram" uma faxina geral no teatro. O palco foi varrido, lavado e encerado. Minutos antes de se apresentar, Miss Tomanova, já vestida com seu "tchou-tchou", teve uma crise ao examinar o palco que espelhava. Foi uma correria, "passa pano com querosene que sai a cera", "passa aguarrás", e sei lá o que mais.

Afora um pequeno escorregão, “Graças a Deus nada aconteceu” e a bailarina voou sobre as asas da cera Cachopa, a que deixava o assoalho brilhante como uma jóia. Naquela noite inesquecível, ela dançou *A Morte do Cisne*.

Desde criança implicava com meu nome, achava nome de velho. Meu pai tentava me explicar que era em homenagem a um revolucionário mexicano. Não me convenia. Quando entrei para o teatro vi a oportunidade de adotar um pseudônimo. Um dia encontrei, tirado não sei de onde, meu nome ideal: Clayton. Cheguei ao teatro anunciando a novidade. Meus colegas quase me bateram e a troca ficou para outra ocasião.

Transitava entre o colégio, o teatro e a rádio. Me comportava e agia como adulto. Era independente, pagava meus estudos e me achava dono do meu nariz. Naquele tempo, estava sempre entre os mais novos no teatro ou na noite. Fumava, bebia, fazia sexo. Meus pais me acompanhavam de longe, o quanto podiam, mas eu estava solto.





Capítulo V

Soldado Queiroz ou (Marcha soldado cabeça de papel)

Uma freada violenta, uma guinada de 180°, ocorreu quando fui, aos dezoito anos, chamado pelo Exército para servir à Pátria. Soldado 301 da Bateria do Comando do 13º GAT de Fortaleza Artilharia.

Por um ano, minha vida ficou estagnada. Fui obrigado a dar adeus à vida livre que eu levava. Quando se tem dezoito anos, um ano é uma eternidade. Pensei que ia explodir com tanto enquadramento, ordem unida, educação física, marchas e contramarchas, acampamentos e tiros de canhão. O susto e a revolta dos primeiros dias foram cedendo à camaradagem e, ao invés de sofrer com os hinos e desfiles, transformava aquilo num musical da MGM sobre West Point.

51

Por essa época passou nos cinemas *Viva Zapata*, com Marlon Brando. O nome Emiliano Zapata, personagem de Marlon, era falado, gritado, exaltado por todo o filme. Só aí eu achei Emiliano melhor que Clayton, o meu nome sonhado.

Conviver com quinhentos homens sem a presença feminina é experiência ímpar. Você acaba

conhecendo um lado diferente da medalha convencional. Também havia muita farra e divertimento. Nas noites de folga, dançávamos no forró das redondezas até que um engraçadinho jogava pó-de-mico ou aquelas bombinhas fedorentas e começava um pequeno tumulto, briga e corre-corre.

Uma noite, eu dava plantão na pocilga. Vigiarando algumas dúzias de porcos, cochilei e acordei num susto com o ruído aterrador dos porcos. Fiquei apavorado, engatilhei o mosquetão e atirei para o alto. Em dois tempos o quartel ficou em polvorosa. Tive de improvisar com muito talento uma justificativa crível para o oficial do dia. Ele fingiu acreditar, me pareceu. O exército passou: o soldado Queiroz 301 também.

Capítulo VI

Em ondas curtas e médias

O rádio me absorvia dia e noite. Fui comediante, locutor (no programa do querido Eduardo Fernandes), fiz auditório, trabalhei na discoteca com discos em cera e à chegada do *long play*, como copista de programas, no arquivo musical. Mas, principalmente, fui radioator. Não tenho conta de quantos personagens fiz no radioteatro. Foram dezenas na emissora PRE-9. arqueei ponto na programação da hora do almoço com tipos populares.

Conheci pessoas brilhantes na Fortaleza daquela época. Fiz amigos como Guilherme Netto, “meu tipo inesquecível”. Em minha última viagem para a homenagem que recebi no 15º Festival de Cinema do Ceará, estive na festa dos oitenta anos de Guilherme. Forte, ao lado da mulher e com o mesmo charme do seresteiro de bela voz. Seu sobrinho Ricardo Guilherme, homem do teatro, esteve presente naquela noite.

O ator João Ramos era o diretor do radio-teatro, *gourmet* e meu companheiro nos restaurantes das lagostas e de umas doses nas noites mornas. As talentosas rádio-atrizes, Laura Santos, Ângela Maria, Maria José Brás, Mirian Silveira, Iracilda

Folha do Rádio

NUMERO LXXIII

FORTALEZA — CLARA

MAIO - 1961

Cr \$ 20.00



Gondin e Karla Peixoto. Eu e Karla ficamos muito próximos, tínhamos quase a mesma idade. Nossa amizade foi sólida e confiável. Entre os radioatores, o vibrante e inesquecível Augusto Borges. Nyl Rocha, Mozart Marinho, Paulo Eduardo e Antônio de Almeida. A orquestra do maestro Mozart Brandão e a locutora Neide Maia, voz inconfundível do rádio cearense, minha amiga e incentivadora. Eduardo Campos, o Dr. Manuelito, jornalista e teatrólogo, era o diretor.

– Ceará Rádio Clube, emissoras associadas, em ondas curtas e médias, a PRE-9 apresentou mais um capítulo de *Farol da esperança*.

Nesses anos, Fortaleza recebeu a visita de muitas companhias de teatro e duas me tiraram do sério. Primeiro: Maria Della Costa, Sandro Polônio, Itália Fausta. Maria era uma deusa, fiquei deslumbrado com tanta beleza. No repertório, *A respeitosa*, de Jean-Paul Sartre, e *Tereza Raquim*, de Emile Zola. Anos mais tarde trabalhei com Maria em *Depois da queda*, em São Paulo, e ela continuou me encantando.

Por volta de 1954, Bibi Ferreira chega com sua companhia de teatro com várias montagens. Uma tonelada de cenários, figurinos de época e um grande elenco, entre eles Wanda Marchette, com quem eu viria a trabalhar na novela *Sheik*



Dançando Rock com Karla Peixoto – Auditório PRE-9

de *Agadir*, Francisco Dantas e Herval Rossano, depois meu diretor na Globo. Herval era belo, jovem, brilhante. Sufoquei de inveja quando o vi fazendo o noivo caçador de dotes em *A herdeira*, de Henry James. Bibi era a heroína torturada de James e me arrebatou. Na comédia *Senhorita Barba-azul*, me deliciou e surpreendeu: cantando, dançando e atuando. Havia um requinte, uma jóia burilada em seu trabalho. Era a consciência, o domínio. Com Bibi eu virei pelo avesso, fiquei insatisfeito como ator, me achei precário. Era hora de voar.

Minha mãe me falou:

– Seu pai anda triste, quase não fala.

57

E ele foi ficando cada vez mais calado, guardando só para ele alguma dor muito profunda, incapaz de um gemido, uma queixa. Definiu, entrou em estado profundo de fraqueza. Um dia chamei uma ambulância, pois achei que ele estava mal. Quando os médicos foram embora, vi pela ampola vazia que haviam lhe aplicado morfina. Ele nos deixou dias depois. Providenciei o que se faz nessas horas. Voltei ao trabalho na rádio e decidi ir embora.



Capítulo VII

Viajando num pau-de-arara

Saí do Ceará com o endereço da Escola de Arte Dramática no bolso. Por oito dias atravessei o Brasil sacolejando num pau-de-arara. Linha de ônibus para São Paulo não existia. Para pegar avião, eu não tinha dinheiro. Ia fazer a viagem na boléia, mas uma mulher grávida, com uma criança de colo, passou mal. Cedi o meu lugar e subi para o poleiro. Os quase vinte homens que viajavam iam em busca de trabalho na construção civil. Na indústria da seca era assim, mão-de-obra barata para as grandes capitais. Seria mais volumosa ainda na construção de Brasília. No Nordeste, a falta de água não era responsabilidade dos políticos, e sim culpa de São José.

59

“Dai-nos chuva São José, já que sois Pai amoroso”

A minha imaginação não me abandonou na viagem e eu acabei me sentindo um personagem de *No tempo das diligências*, de John Ford, atravessando o Grand Canyon. A paisagem ia mudando com o correr dos dias e da árida região do Nordeste, entramos no verde de Minas Gerais. Eu nunca tinha visto tanto verde, nem tantas montanhas cheias de vaquinhas pastando. Uma

noite, ainda em Minas, e pela primeira vez, dormimos numa pousada. Tomamos banho nus numa nascente, ficamos revigorados. À noite, fez muito frio. Tinha um garoto chato que me atormentava sem parar:

– O artista aí, vai para São Paulo comer gilete na Praça da Sé. – Era a visão dele em relação ao meu futuro.

60

Chegamos ao Rio, fiquei em São Cristóvão. Dormi no caminhão. Os homens foram recrutados para as obras. O recrutador lamentou que eu não quisesse um trabalho com ele, me achou esperto e disse que eu podia chegar a mestre-de-obras. Mesmo sem conhecer nada, saí na noite, entrei num bar e vi televisão pela primeira vez. Ficamos vinte e quatro horas no Rio. Fui de São Cristóvão à Zona Sul – peguei lotação, andei de bonde e fui parar em Copacabana. Os filmes da Atlântida me apresentaram ao Rio antes de eu chegar à cidade. Fiquei maravilhado. Depois pegamos a estrada, serras, curvas e mais curvas e, finalmente, São Paulo. Achei gigantesco o Viaduto do Chá. O imponente Teatro Municipal, o Mappin, os luminosos...

Cheguei à Escola de Arte Dramática, EAD, em 1958. A secretária da escola confundiu Pernambuco com Ceará e não tinha idéia de que Estado Fortaleza era capital. Inscrito para o vestibular,

preparei da minha cabeça uma cena de *Longa jornada para dentro da noite*, de Eugene O'Neill. A cena, um pequeno monólogo. Todos disseram que fui bem e, depois de mais provas, passei por um interrogatório sobre minha formação teatral, sobre a razão de estar ali.

Dr. Alfredo Mesquita me deu a maior atenção. Na entrevista, quis saber por que eu tinha vindo de tão longe para procurar justo a EAD. Uma aluna, já do último ano e na comissão julgadora, falou em nome da Escola, disse que eu tinha talento, mas seria melhor voltar para minha cidade e fazer teatro "lá". Expliquei que queria aprender em São Paulo para depois voltar. Nenhum convenceu o outro. Ela argumentou que eu estava chegando do "Norte" com um despreparo total para a metrópole e o sotaque era um empecilho. Sugeri que eu cursasse um ano como ouvinte.

61

Eu tinha urgência, saí do prédio da rua Maranhão rejeitado, mas com o propósito de não desanimar. Comprei um jornal já quase de madrugada e vi um anúncio: "Federação Paulista de Teatro faz teste com iniciantes para um curso de teatro com duração de dois anos". Osmar Rodrigues Cruz era o diretor. Corri para lá, fiz exames, fui aprovado e comecei a frequentar o curso que funcionava na rua José Getúlio. Anos depois, numa festa de premiação no Estádio do Pacaembu, encontrei

a moça da comissão julgadora, a porta-voz da EAD. Sorri para ela. Eu estava ali por causa de meu trabalho na novela *Sheik de Agadir* na pele de Hans Stauber, um alemão.

Na Federação Paulista, tive aulas de História do Teatro e Música. Ruy Afonso, um mestre, trabalhava voz e texto. Augusto Boal dava conferências. Osmar, interpretação. E Renné Gumiel, recém-chegada da França, era apaixonante com suas aulas de Expressão Corporal. Foi ali que conheci Eugênio Kusnet. Madame Gumiel me levou para sua escola de dança. Assim fiz minha estréia no palco do Municipal de São Paulo, no Primeiro Festival de Dança Contemporânea.

62

Era 1959. Trabalhei na Real Companhia de Aviação, em lojas de moda, distribuindo filipetas de teatro. Fiz minha primeira peça, *Nêga de maloca*, de Cícero Camargo de Oliveira, com direção de Helio Quaresma, no Teatro Novos Comediantes da rua Jaceguai, no lugar em que se instalou o Teatro Oficina. Durante a peça conheci a atriz Eucharis de Moraes, a Karé, que chegava de Paris, de um curso de Teatro. Nos tornamos amigos e vivemos juntos.

Fui beneficiado por seu amor, cultura, independência e carinho.

Minha irmã Terezinha, na época morando em São Paulo, me abriu sua casa, seu coração e, seguindo a tradição da família, sua completa confiança na minha determinação de ser ator. Foi um anjo-da-guarda. Terezinha teve três filhos em seu casamento, os meus queridos sobrinhos: Oscalina, Manuel e Angélica (hoje vivendo nos EUA com seu marido, Cláudio). Depois ela voltou para Fortaleza, onde mora próxima dos filhos, nora, netos e bisnetos. Somos amigos, mais que irmãos.

Rifka e Bia eram duas irmãs, minhas colegas do curso de teatro. Rifka era linda e sensível. Judia, chegou a ser convidada para fazer Anne Frank. Fizemos, juntos, o espetáculo de dança de Renné



Nega de maloca – Joir Neves

Gumiel e cenas de peças para a Escola. Nunca esqueci Rifka nem seus grandes olhos tristes. Ela tinha outra irmã, a jornalista Liba Fridman, casada com Silas Roberg, da TV Tupi, que me levou para pequenas participações na TV. Numa dessas ocasiões estive em cena com Lima Duarte e Florissa Rossi.

Fiz uma peça infantil minha chamada *Natal azul*, no Teatro de Alumínio, depois, *Pluft, o fantasminha*, de Maria Clara Machado, onde estavam Kleber Afonso e Calinay. Alberto Daversa me escolheu para uma peça no Teatro Brasileiro de Comédia, TBC, que acabou não saindo. Eu procurava todas as produções cinematográficas e foi numa dessas peregrinações que me selecionaram para dançar um frenético *rock'n'roll* com um grupo de "transviados" no filme *Conceição*, de Helio Souto. Não dormi na véspera da filmagem. Cheguei ao estúdio de madrugada, mas só fui filmar lá pelas seis da tarde. Norma Bengell, Anick Malvil e Walter Avancini estavam no elenco. *Cidades exóticas* foi um semi-documentário alemão em que atuei bastante, mas nunca foi visto. As primeiras revistas especializadas em TV entravam na moda. Fui repórter e assinei uma seção. Entrevistei muita gente.

Como a peça do Daversa não saiu, fiquei rondando o TBC, onde ele me apresentou a Flávio Rangel, que me chamou para algumas aparições

na montagem de *O pagador de promessas*, de Dias Gomes. Eu era povo 1, participava da roda de capoeira, comprava acarajé, corria para lá e para cá. No blecaute, para mudanças de cena, tínhamos de nos deslocar com muita agilidade. Numa dessas, atrapalhei Natália Timberg com um esbarrão no escuro e, quando acendeu a luz, Rosa, mulher do Zé do Burro, estava inexplicavelmente segurando o braço do comprador de acarajé. Quase fui despedido. Passada a indignação, Natália riu e me perdoou. Novinha, já era uma grande atriz. Leonardo Villar fez o Zé do Burro e Cleide Yaconis, a prostituta. No elenco, Stênio Garcia, Elisio de Albuquerque, Odavlas Petti, Jacira Sampaio. Entre os populares, Ary Toledo e meu amigo de fé, Lino Sérgio, que faleceu jovem.

65

O curso da Federação terminou e eu encontrei Neide Maia, minha amiga desde que eu tinha 14 anos, passando férias em São Paulo. Ela me contou que os Diários e Rádios Associados estavam inaugurando uma emissora de televisão em Fortaleza, nos moldes das de São Paulo, Rio e Belo Horizonte. Depois de Recife, era a vez do Ceará. A programação local seria totalmente gerada com artistas da terra. Decidi voltar ao Ceará e teve início mais uma fase na minha difícil vida fácil de ator. Ah, voltei para Fortaleza de avião, os tempos já eram outros.



Ana Karenina, com Cleide Holanda

Capítulo VIII

A TV Ceará

Em 1960, eu voltei para Fortaleza. Retomei minhas funções na PRE-9 como radioator. Preparei nossas radioatrizes para o novo veículo. Assumi o cargo de diretor de comerciais ao vivo e selecionei moças para serem garotas-propaganda. Meu estimado Guilherme Netto, diretor artístico, estava lá e eu podia contar com ele. Poucos de nossos artistas conheciam televisão e, trabalhado nela como ator, acredito que eu era o único. E a TV Ceará, Canal 2, entrou no ar.

O surgimento da televisão em Fortaleza foi mais do que a inauguração de uma estação de TV – foi um fenômeno social que transformou a vida de toda a população. As pessoas no Ceará tinham o hábito de sentar na calçada, o rádio ficava ligado. Elas, às vezes, entravam, ouviam uma novela ou um programa, mas voltavam para as cadeiras da calçada. Ali se falava de tudo, mal da vida alheia, bem da vida alheia, sobre o que estava acontecendo. Quando a televisão chegou, tirou essa gente da calçada e botou dentro de casa, onde assistiam a tudo. Então nós, os atores, em menos de três meses de televisão, éramos as figuras mais conhecidas de toda a cidade.

A televisão ao vivo era gerada com talento local: cantores, atores, escritores e diretores. Péricles Leal veio do Rio trazendo uma programação mais ou menos nos moldes da TV de São Paulo e do Rio de Janeiro: teatro de romance, videorama, contador de histórias e aos domingos, um show musical e mais os programas: *TV de mistério* e *TV de comédia*. Começamos quando a TV no Brasil já completava dez anos. Os que vieram com Péricles para implantar o sistema traziam essa vivência. A organização e o planejamento fizeram da emissora um exemplo de profissionalismo que eu continuo a reconhecer, mesmo agora, quase cinquenta anos depois. O exercício nos permitia um aprendizado, uma velocidade de soluções.



Em uma semana, por exemplo, eu fazia cinco ou seis personagens.

Eu escrevia os comerciais ao vivo, tinha contato com os clientes, ensaiava e levava ao ar. Realizava sorteios de carnês das lojas Romcy Magazine - eu era vibrante como apresentador. Adaptei contos, peças e escrevi textos para o programa *Contador de histórias*.

Uma vez, no programa Show Fim-de-Semana, eu e Karla Peixoto fizemos uma cena de beijo, e era tudo ao vivo. A Câmera não cortava e a cena tinha de terminar com beijo. Seguramos a cena. No dia seguinte, um jornal católico se tomou de fúria contra nosso casto e demorado beijo. Na exposição do Sesc de Fortaleza, em foto minha com Cleide Holanda na TV Ceará, Eurico Bivar legendou assim:

“As bocas beijadas por ardentes beijos do loiro-galã Emiliano Queiroz deixaram marcas encantadas...”

Eu continuei fazendo radionovelas pela manhã, que, nessa época, já eram gravadas. Ainda nesse período, fiz duas peças infantis e freqüentei aulas na Escola de Teatro da Universidade do Ceará. Ganhei diploma. B. de Paiva era o reitor. Ele dirigiu na Concha Acústica da Reitoria *Rosário, Rifle*



Poeira vermelha. Primeira novela da TV Ceará, com Laura Santos e Lourdes Martins



Show fim-de-semana (Musical) – Almir Telles, Salette Távo-
ra, Karla Peixoto, Maria Luiza e Ary Sherlock

e *Punhal*, de Nertan Macedo. Viajamos para o Rio de Janeiro e fizemos a peça no Teatro Duse, no bairro de Santa Tereza, numa sessão especial para Paschoal Carlos Magno e convidados. Também nos apresentamos no *stand* de uma feira, onde fomos gravados e mostrados em um circuito de TV americana, a cores, num processo embrionário.

Na TV Ceará, reencontrei todo o pessoal do meu tempo de rádio e teatro. Fui ator no programa do Renato Aragão. Ele ganhou popularidade logo de início. Era mímico, de grande talento e acrobata. Depois, evoluiu para um programa próprio, o *Vídeo Alegre*, onde montava comédias e textos de sua autoria. Até que Renato ganhou o mundo.

71

Cleide Holanda, bonita, um “ar” de Pier Angeli, tinha sido minha vizinha, me via brincando de teatro no quintal da minha casa. Um dia ela pulou o muro e foi brincar de representar comigo. Levamos nosso teatro para o colégio. Cleide foi uma das estrelas da TV Ceará. Fizemos par em dezenas de trabalhos, destacando: *Ana Karenina* e *A Dama das Camélias*. Íris Breno, loira e bela, foi outra parceria nas românticas novelas do Canal 2. Assim como Dora Barros, Maria Luiza, Lourdes Martins, Jane Azeredo, Karla Peixoto e Glice Sales.

Em *O Lobo do Mar*, de Jack London, eu fazia um naufrago que era resgatado das águas para dentro de um navio. Eu era enfiado dentro de uma tina d'água e levava um banho para entrar em cena. Era divertido e atenuava o forte calor do estúdio.

Tinha um show da Linholene, que levava cantoras do Rio e de São Paulo para Fortaleza. Foi assim que apresentei Ângela Maria, Dalva de Oliveira e Norma Suely, que chamei "O Rouxinol da Rádio Nacional".

72 No meu departamento das anunciadoras, (garotas-propaganda), cinco delas foram estrelas da televisão: Rita, Stelinha, Shirley, Adalgisa e Tatiana.

A TV ao vivo era pródiga em acidentes

No teleteatro, com o João Ramos, a grande personalidade do nosso rádio e televisão, numa cena de briga, eu não desviei o rosto a tempo e meu nariz foi quebrado no ar. Em *Passagem para o Havre* (Bola de Sebo), de Guy de Maupassant, eu fazia um oficial prussiano. Em determinado momento, dei um soco tão forte na borda da cama que ela quebrou e o cortinado do dossel caiu na minha cabeça. O programa saiu do ar por

alguns minutos. Entrou o *slide* do indiozinho com a música, todo mundo no estúdio às gargalhadas, e eu tendo uma crise:

– Essa porcaria dessa cama é muito fraca.

E o cenógrafo Rinauro Moreira:

– Você é que tem munheca de ferro.

Volto pra cena, do ponto que tinha parado com a cama, sem o dossel. O público nem tomava conhecimento. Tínhamos agilidade.

Na fase da pesquisa para o livro, Ary Sherlock lembrou: Na primeira novela da TV Ceará, *Poeira Vermelha*, o contra-regra Chiquinho (vindo da TV Tupi do Rio), ao preparar uma bala de festim, errou na dose. Quando Paulo Diniz atirou contra mim, a “falsa” bala furou a calça e atingiu minha perna. Fui atendido na antiga Assistência Municipal, levado pelo sempre atento João Ramos. A evocativa cicatriz continua até hoje, mas o fato estava esquecido.

73

Por essa época, em um programa semanal, ao lado de Maria Luiza, Marcus Miranda se tornou o mais querido comediante da cidade com um tipo adorável, o Praxedinho.



MAZZAROPPI

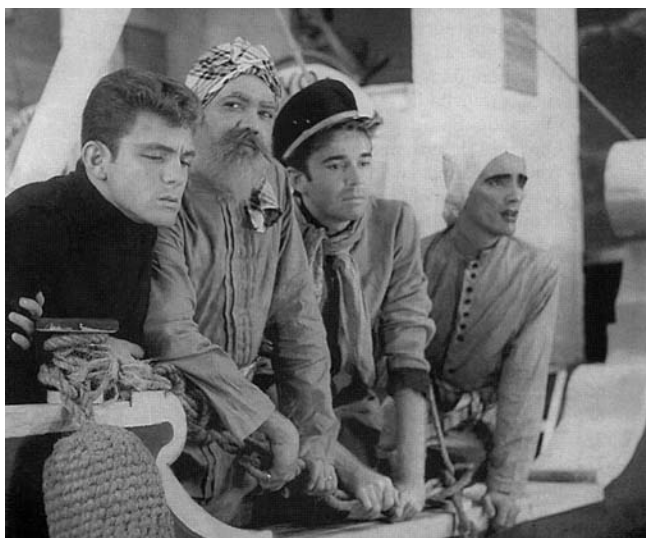
Nas férias eu ia sempre a São Paulo. Numa dessas vezes, Mazzaropi estava levantando a produção do filme *O lamparina*, uma sátira a *Cangaceiro*, de Lima Barreto. Procurava um ator para fazer o filho do cangaceiro, namorado da filha dele. Ao ser apresentado ao Mazzaropi, ele me escolheu. Fui para Taubaté, para a Fazenda da Santa, onde Mazzaropi tinha a PamFilmes. Meus pais, no filme, eram os atores Astrogildo Filho e Zilda Cardoso, popular comediante da televisão. Geny Prado e Manoel Vieira eram um luxo à parte.

Os refletores eram da Vera Cruz, a câmera uma Mitchel, pesadíssima, gigante, o fotógrafo, Rodolfo Icsey, e o diretor, Glauco Mirko Laureli. Mazza ainda não dirigia seus filmes.

Meu santo nunca cruzou muito com santo de cavalo. Lá na TV Ceará, já tinham me colocado em cima de um. Mas ali eu era o filho do cangaço, então, era cavalo para cima e para baixo. Não me senti um John Wayne fazendo o filme, mas venci a tourada.

Quando fiz *Lamparina*, com Mazzaropi, dei alguns palpites no roteiro e ele acabou me chamando toda vez que queria mexer numa cena. Posteriormente, Mazza me chamou várias vezes à sua casa, onde ajudei a criar soluções para seus novos argumentos. Ele me pagava e eu ia embora. Nunca fiz questão de crédito, mas ajudei a nascer algumas de suas histórias. Era sempre divertido, eu ria muito com ele, pois até cairmos na máquina ele me falava de tudo e de todos com seu humor afiado.

Assim que acabou o filme de Mazzaropi, a TV Ceará me chamou. Voltei à Fortaleza e fiz uma novela de Guilherme Neto, *Horas Amargas*. Meu personagem era um jovem atormentado, nos moldes dos personagens de James Dean; minha heroína era Karla Peixoto.



Contador de histórias, com João Ramos, Almir Telles e Ary Sherlock

Nessa época, tinha triplicado o número de televisores, o público tinha crescido muito. O prédio da televisão, no bairro da Estância, se tornou um ponto de atração para a população da cidade.

No programa *Contador de Histórias*, no final da apresentação ao vivo de *Lucíola*, de José de Alencar, o juizado de menores foi para o estúdio e tirou a bela Jane Azeredo (Lucíola) dos meus braços. Jane tinha apenas dezesseis anos.

Na Catedral da Sé – ainda em obras – a TV Ceará montou um espetáculo teatral, *A Paixão de Cristo*, onde eu fiz Cristo, dirigido por Ary Sherlock e transmitido pela televisão. Igreja lotada e, lá fora, na praça, os que assistiam à peça nos aparelhos instalados. Encerrei minha carreira de Jesus por esse período.

77

Houve um momento na TV Ceará em que jovens atores começaram a chegar. Vieram Ilclemar Nunes, Nonato Freire, Paulo Eduardo e Almir Telles – jovem e belo – fez sucesso imediato. Continuamos amigos até hoje.

Depois que eu voltei do filme do Mazzaropi fiquei inquieto, queria ir embora outra vez. Em São Paulo, a televisão estava gravando seus programas – o videoteipe havia chegado. Compreendi que nas emissoras regionais a dramaturgia estava com os dias contados.

Tinha participado de obras de José de Alencar, Domingos Olímpio, Eduardo Campos, Guilherme Neto, Péricles Leal, Martins Pena, Herman Melville, Eugene O'Neill, Kipling, Jane Austin, Emile e Charlotte Brontë, Saroyan, Ibsen, Tchecov, Maupassant, Prosper Mermée, Alexandre Dumas, Flaubert, Jack London, Charles Kingsey, Rafael Sabatine, Shakespeare, Dickens e tantos outros ilustres. Me despedi da TV Ceará, a fábrica de sonhos, no bairro da Estância em Fortaleza, dos talentosos colegas e amigos, da criatividade borbulhante que tanto enriqueceu a minha formação de ator e de homem.



Capítulo IX

São Paulo: voltei

Em São Paulo, procurei Flávio Rangel, que estava dirigindo *Depois da Queda*, do Arthur Miller, para a Companhia de Sandro e Maria Della Costa. Um elenco de primeira: Paulo Autran, Juca de Oliveira, Tereza Austregésilo, Márcia Real, uma jovem chamada Dina Sfat, Fernando Baleroni, Suzy Arruda e Maria Della Costa. Daí o Flávio falou:

– Não tem mais papel para você, mas tem uns garotos que ficam jogando bola e um deles se destaca para mexer com a personagem da Maria.

79

A peça do Arthur Miller contava a trajetória dele com suas três mulheres e se detinha, particularmente, na figura calcada em Marilyn Monroe, que a Maria Della Costa fazia. Com cenário de Flávio Império, a peça virou São Paulo de cabeça para baixo.

Do garoto do parque eu fui evoluindo. Durante a temporada saiu o ator que fazia o presidente do tribunal e Sandro Polônio falou que eu faria o papel. Aí passei a fazer três personagens: o paquerador, um dos meninos do parque e o juiz. Maria me ensaiou em todas as substituições.

No dia em que eu entrei no papel do juiz e falei: “– Está aberto...”, Dina Sfat, que estava lá atrás, no camarim, correu para ver de quem era aquela voz:

– Quem é o homem que está fazendo isso?

E eu soltei o vozeirão. Aquilo me segurou ainda mais naquela companhia. Pouco depois, Delmar Mancuso, ator e assistente, que fazia o papel de Dan, foi transferido para o papel do Juca de Oliveira, que tinha ido embora, e eu passei a fazer Dan, irmão do personagem do Paulo Autran.

Uma jornalista do Ceará foi assistir *Depois da Queda* no Teatro Maria Della Costa em São Paulo e me disse:

– Como é que você largou Fortaleza, a TV Ceará, você não gostava de lá?



Depois da Queda, Maria Della Costa e Paulo Autran

Eu disse que amava. Nunca teria uma experiência tão rica em lugar nenhum. Mas ela insistiu:

– Você saiu de uma posição de estrela no Ceará para fazer praticamente uma figuração na companhia da Maria?

Mas a TV Ceará já tinha ficado no caminho. Isso ela não entendeu.

Aconteceu o golpe de 1964, mas nós acreditávamos que em seis meses iríamos eleger um novo presidente. Doce ilusão.



Maria Della Costa, Melanie Del Nero, Lino Sérgio, Suzy Arruda e Marta Greis

Fizemos temporada com *Depois da Queda* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Casa lotada: os artistas, a intelectualidade, o público. Foi um acontecimento. O Municipal arrebatado, aplaudindo de pé.

Viajei com Sandro, Maria e Cia. para uma temporada em Porto Alegre. A peça foi um sucesso. Conheci Ivone Hoffman, atriz de muito talento. Ivone participou de *As Feiticeiras de Salém*, de Arthur Miller, e tinha uma história no balé. Nos tornamos grandes amigos e ela me apresentou a cidade.

82

Voltei para São Paulo e continuei com *Depois da Queda*, que ficou em cartaz por um ano e meio, ou mais. O elenco foi sendo trocado. Dina Sfat saiu, Paulo Autran saiu, entraram Carlos Alberto e Isabel Tereza, Isolda Cresta e Aracy Balabanian.

Do volume 3 de *Bastidores*, na entrevista de Maria Della Costa a Simon Khouri:

Quando perguntada por Simon Khouri sobre alguns atores e atrizes que cruzaram armas com ela, respondeu:

– Você vai ter algumas surpresas: Fernanda Montenegro, Armando Bógus, Sérgio Britto, Milton Moraes, Paulo Gracindo, Sady Cabral, Hélio Ary, Kadu Moliterno, Márcia Real, Ney Latorraca, Dina

Sfat, Paulo Autran, Taumaturgo Ferreira e Emilianio Queiroz, que foram praticamente lançados no teatro por mim.

Fico feliz que Maria me coloque nessa galeria. *Depois da Queda* foi o início de uma nova fase na minha carreira, onde Sandro e Maria foram tão importantes. Mais de dez anos se passaram desde minhas primeiras experiências no Ceará.

Zilda Cardoso, minha colega em *Lamparina*, me apresentou ao cenógrafo Campelo Neto, que me apadrinhou de cara e me levou aos produtores da TV paulista.



Grande Teatro Raul Roulien, Renato Bruno e Ênio Gonçalves.

Trabalhei na TV Cultura, que pertencia à TV Tupi. Ficava no alto do edifício dos Diários Associados, na rua 7 de Abril, e fiquei frente a frente com o produtor Raul Roulien, que havia sido galã em peças e filmes. Cacilda Becker trabalhou com ele. Quando jovem, era um bonito homem. Um dia foi parar em Hollywood em *Voando para o Rio*, com Fred Astaire e Ginger Rogers. Foi galã de Dolores Del Rio. Em sua vida, teve romances tempestuosos até que se apaixonou por uma mulher especial, Diva Tosca, e casou com ela.

Porém, aconteceu uma fatalidade. O ano, 1933. Um jovem, com dezoito anos na época, e que depois se tornou um grande diretor de cinema, John Houston, filho do ator Walter Houston e pai de Angelica Houston, atropelou e matou a mulher de Raul. Ele voltou em seguida para o Brasil. Nunca falou sobre isso. Ele tinha tanta popularidade aqui que uma das vezes em que veio visitar o país fechou o comércio no Rio e em São Paulo. Como Orson Welles, Raul Roulien também realizou um filme no Ceará, chamado *Jangada*. Mas, ao contrário dos negativos de Orson Welles, que foram lançados ao mar, os de Roulien pegaram fogo e não se salvou nada. Fada Santoro era a estrela de *Jangada*.

Nelly Rodrigues, mulher de Raul, escrevia os roteiros e dirigia, junto com ele, seus programas na

TV Cultura. Fiz com o casal uma série de peças e adaptações literárias.

Eugênio Kusnet

Procurei Eugênio Kusnet, o excelente ator, que estava dando um curso para atores profissionais no Teatro Oficina, do José Celso Martinez Correa. Kusnet me recebeu assim:

– Seja bem-vindo.

O Ferro's Bar em São Paulo ficava em frente a Sinagoga, esquina da rua Avandava. Era ponto de encontro de uma turma de teatro. Não tinha o glamour do Gigetto, mas a comida era baratinha. Era um bar liberal, heterogêneo e festivo. Uma noite, aconteceu um quiproquó e eu tomei uma atitude surpreendente. Dias depois, Kusnet queria que nós fizéssemos um exercício onde a narrativa desse lugar à ação, sem que se perdesse concentração e a emoção proposta. Tinha de ser uma experiência nossa.

E eu mandei a história do Ferro's:

– Nós estávamos numa mesa, dois rapazes e três moças. Um cara da mesa ao lado, sozinho, forte e confiante, começou a mexer com a garota que lhe pareceu desacompanhada. Depois, ele foi

ficando inconveniente, eu pedi para ele segurar. Foi ficando grosso. Pedi outra vez. Ficou abusado, eu mandei ele parar, ele chutou a nossa mesa (passando da narração à ação). Eu dei um pulo, arranquei meu cinto da calça, enrolei a extremidade na minha mão e dei uma chicotada na mesa dele com fúria. O copo de chope voou, o cara se assustou, veio o “deixa disso” e ele sumiu.

Quando eu dei a chicotada na mesa que ficava no centro da nossa aula, os colegas se assustaram. Fundi narração e ação.

– Bom – falou o Kusnet.

86 Era sempre muito educado e gentil, mas senti que tinha gostado de verdade.

Fausi me contou que no dia do “exercício” do incidente no bar, no curso do Kusnet, ele estava presente na sala de aula. Isso foi decisivo quando ele me chamou para fazer Veludo em *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, três anos depois.

O método de Stanislavski foi filtrado por Eugênio Kusnet, para servir como uma luva ao ator brasileiro e sua realidade. Kusnet nasceu na Estônia em 19 de dezembro de 1908.

Do livro *Eugênio Kusnet: Ator e Método*, de Fernando Peixoto:

Quem conheceu o intérprete Eugênio Kusnet poderá lembrar-se de um ator sem exageros, que aos poucos desperta a atenção do espectador pela contenção, pela correção e por uma espécie de segurança tranqüila que se irradia, além da personagem. A "verdade artística" da representação cria uma zona de segurança em torno da qual podem articular-se os outros elementos do espetáculo.

Líbero Miguel

Líbero Miguel me chamou na TV Paulista Canal 5 e eu entrei numa novela que ia durar três meses.



Eu amo esse homem, com Nydia Lícia e Líbero Miguel

A novela se chamava *Eu Amo esse Homem*, escrita por Ênia Petri, mulher de Líbero. Eu era o homem amado e Nydia Licia fez a minha psicanalista, prestigiando a produção. Regina Macedo, mãe de Miéle, fazia a minha mãe. Denis Carvalho, um adolescente, interpretava o namorado da minha irmã, a Márcia Cardeal. Marcos Granato, Ada Hall e Myrtes Grisolli também integravam o elenco.

A novela me colocou num *outdoor* na avenida São João, enorme, um medalhão com a minha cara ao lado de Nydia e Márcia. Embaixo, a legenda: *Eu Amo esse Homem*: apresentando um novo galã.

88

Eu podia tomar dois ônibus para ir ao Canal 5, um que era rápido, que ia pelo Largo de Santa Cecília, e outro que dava uma volta, mas passava em frente ao *outdoor*. E eu várias vezes fiz esse percurso mais longo para namorar o meu cartaz.

Regina Macedo tinha um programa, chamado *Oui Madame*, à tarde, no canal 5. Era um programa com receita de bolo e cantores, mas ela quis abrir uma pauta sobre teatro e eu ocupei o lugar de apresentador.

Uma vez, chegou uma notícia bombástica de que o primeiro-ministro russo, Nikita Krushov, tinha sido

assassinado e o mundo inteiro noticiou. Aquele horário era meio ingrato, não tinha nenhum locutor ali e eu entrei no ar dando a notícia que, cinco minutos depois, teve de ser desmentida. Krushov estava vivo. Na antiga TV Record, apresentei semanalmente um programa sobre cinema.

Daí estreou *Eu amo esse homem*, com uma grande aceitação do público. A emissora subiu pontos. Uma parte daquele sucesso foi atribuída aos atores. Eu fazia o protagonista. Fiz mais duas novelas na TV Paulista e participei ativamente do *Grande Teatro* da emissora.

No final de 1964, Líbero foi chamado para uma emissora que seria inaugurada no Rio, a TV Globo. A emissora foi montada e eles ficaram se preparando para entrar no ar. Mas queriam, imediatamente, uma repetidora em São Paulo e a TV Paulista foi escolhida.

89

Por essa época, eu adorava São Paulo. Vivia intensamente minha noite, minhas experiências, meus amores, tudo corria paralelo. O caldeirão do bruxo. Então, Líbero me disse:

–Vamos gravar *Eu amo esse homem* no Rio.

E eu, na mesma noite, já estava na rodoviária.

Capítulo X

Cidade maravilhosa, cheia de encantos...

Nunca tinha pensado em morar no Rio de Janeiro. Quando cheguei, Líbero tinha alugado um apartamento de dois quartos e me alugou um deles, em Copacabana, na rua Djalma Urich. Mas Ênia Petri, mulher de Líbero e autora de *Eu amo esse homem* precisou ficar no Rio por um tempo.

Ary Fontoura, então, me ofereceu seu apartamento e por mais de uma semana fiquei com ele. Eu e os outros que ele generosamente hospedava: Atualpa Frota, ator cearense, um dos filhos da família Trap na peça *A noviça rebelde*; um antigo colega seu de Curitiba e o pintor Juarez Machado, hoje vivendo em Paris. Eram tantos colchões estendidos no chão da sala que quem chegasse por último – geralmente eu – tinha de pular por cima dos outros. A hospitalidade entre os artistas encontrava em Ary seu legítimo representante. O espaço era pequeno, mas o coração do hospedeiro, enorme.

Em 1965, quando entrei para a TV Globo, ela recendia a novo, era no Jardim Botânico e acabava de inaugurar. Encontrei Fernanda Montenegro, Fernando Torres, Ítalo Rossi, Sérgio Brito. Um universo estelar.

Líbero estava gravando *Ilusões perdidas*, e me chamou para fazer uma participação ao mesmo tempo que eu ensaiava *Eu amo esse homem*, que logo começou a ser gravada.

Com um mês de gravação, a censura exigiu ver os capítulos antes da estréia. Meu personagem – um rapaz atormentado pelo complexo de Édipo – chocou os censores que, de pronto, proibiram a obra para qualquer horário. E, assim, *Esse homem* foi parar na lata do lixo.

Fiquei com uma mão na frente, outra atrás, e as duas na cabeça. Nestor Montemar ia fazer um teste e me chamou para acompanhá-lo.

92

A peça era *Os fantástikos*; o ano, 1965. No teste, eu tinha de cantar uma musiquinha. O personagem não exigia muito, tirei de letra: dançar era mais pular, e, na época, eu pulava feito um Saci Pererê. Pulei de dentro de um baú e o diretor espanhol Antonio de Cabo falou:

- Bravo! bravo!

Daí, pensei:

– Ganhei!

O papel da mocinha foi dividido entre Norma Suely e Suely Franco. E o papel do rapaz ficou com

Gracindo Júnior e Perry Salles. A parte musical era pesada, os casais se alternavam, pois eram nove sessões semanais. El Gayo, o apresentador, Rubens de Falco; Muro, personagem que faz as ligações, Aníbal Marota; os dois pais, Nestor Montemar e Lafayete Galvão. Tinha a dupla de atores que entrava num determinado momento da peça: o velho ator era feito por Acyr Castro; o jovem ator, Mortmer, meu personagem, chamado o homem que morre, morria canastronamente e o público ria muito.

Em sua crítica para a revista *O Cruzeiro*, Accioly Netto escreveu:

Emiliano Queiroz e Acyr Castro são atores da comédie de l'art que levam a peça para o plano da farsa.

93

Cheguei até Carlos Machado, diretor do Golden Room, do Copacabana Palace e da boate Fred's. Era o rei da noite, o homem dos shows maravilhosos, pai da atriz Djenane Machado, casado com a figurinista Gisela Machado. Fui contratado. Ele estava querendo atores, além dos bailarinos, para o show na boate Fred's: *Machado's Holiday*. O elenco tinha Ary Fontoura, Irene Ravache, Suely Franco, Iara Sarmento, Hugo Sandes, Érico de Freitas, Carlos Guimas, Claudia Martins, Rosana Ghesa e Regina Célia. A coreografia era de Leni

Dale e Juan Carlos Berardi. Os cenários e figurinos eram de Arlindo Rodrigues. Tinha orquestra ao vivo, e eu pulava a madrugada inteira no palco da boate Fred's, que ficava na avenida Princesa Isabel com Rua Gustavo Sampaio, onde hoje é o hotel Meridian.

Saía do teatro direto para a boate. Acordava às seis horas, ia para a TV Globo gravar a novela que substituíra *Eu amo esse homem*, chamada *Paixão*



Os fantásticos, Suely Franco, Gracindo Jr., Nestor Montemar, Norma Suely, Lafayette Galvão, Perry Sales, Rubens de Falco e Aníbal Marota

de outono. Começava a era Glória Magadan. Tinha no elenco Reginaldo Faria, Leila Diniz e a bela Telma Elita, que fazia minha namorada.

Enquanto eu fazia teatro, TV e boate, apareceu uma oportunidade também no cinema. Era a primeira versão de *Engraçadinha depois dos trinta*, de Nelson Rodrigues, com direção do J.B. Tanko. No elenco, Vera Viana, Irma Alvarez, Fernando Torres e Nestor Montemar.

Quando eu contei a Nestor que ia fazer um teste para o papel do Cabeça de Ovo, ele falou:

– O Tanko quer um garotão com o cabelo bem amarelo feito gema de ovo. Você devia chegar para o teste com o cabelo descolorido.



Paixão de outono, com Reginaldo Faria.



Sombra de Rebeca (novela), com Carlos Alberto e Yoná Magalhães.



Engraçadinha depois dos trinta, com Ronaldo Brasil e Carlos Eduardo Dolabella



Carnaval barra limpa, com Ary Fontoura, Edson Silva e Waldir Fiori

– Mas Cabeça de Ovo não é pelo formato da cabeça?

E Nestor respondeu:

– O Tanko quer cabelo amarelo, estou te falando.

Antes de me refazer do susto, Nestor já estava voltando para meu apartamento com tinta, pincel e enxague. O casco da cabeça pegou fogo com aquela tinta, mas Nestor insistia:

– Agüenta mais uns dez minutos, Milika (ele me inventou esse apelido).

Depois de quarenta minutos, eu estava enlouquecendo, me enfiei debaixo de um chuveiro e minha vasta cabeleira começou a soltar pedaços. Tufos de cabelo desciam pelo ralo para meu horror. Meu cabelo virou um bagaço, mas ganhei o papel.

Nelson Rodrigues fazia um programa na TV Globo e, quando me encontrava, dizia:

– Cabeça de Ovo, o que você está aprontando?

Ele nunca me chamou de Emiliano. Nelson aparecia nas filmagens e aquilo me encantava. Tive boas críticas, “uma promessa no cinema”. Com J.B. Tanko, eu faria outros filmes, entre eles *Carnaval barra limpa*, um dos últimos musicais carnavalescos.

98

Fiz *Um rosto de mulher*, de Glória Magadan, com direção de Sérgio Brito. Essa novela com Sérgio me permitiu continuar no Rio de Janeiro. Depois, *Eu compro essa mulher*, que lançou a dupla Yoná Magalhães e Carlos Alberto, um sucesso surpreendente na curta trajetória da TV Globo. Glória Magadan, a autora, logo me chamou para sua próxima novela.

O Sheik de Agadir

O Brasil vestia sua camisa-de-força. Estávamos em 1966. Eu continuava na TV Globo, em *O Sheik de*

Agadir, uma novela que trazia pela primeira vez a temática nazista, mas de forma rocambolesca. Juntava a resistência francesa, o *sheik* do deserto e a Gestapo. Mário Lago, eu e Márcia de Windsor éramos os três nazistas.

Marieta Severo, em sua primeira novela, talentosa e encantadora aos dezoito anos, era uma princesa. Uma princesa suave, mas que se revela depois má e perigosa. Inclusive Hans Stauber, meu personagem, ela executou com uma aranha caranguejeira, que eu tive de agüentar subir pelo meu braço durante a gravação.

Fiz um oficial da Gestapo, o oposto do que eu conhecia do cinema e dos documentos da época. Não cortei o cabelo escovinha porque, além de oficial, eu também era um espião. Usei uma capa



Sheik de Agadir, Márcia de Windsor e Yoná Magalhães

preta e meu topete. Quando matei Jean, personagem interpretado por Cláudio Marzo – da resistência francesa e namorado de Madelon (Leila Diniz) – eu apanhei nas Lojas Americanas.

Uma senhora indignada com Stauber me alcançou com um guarda-chuva enquanto gritava, indignada:

– Assassino, assassino!

Foi uma confusão dentro da loja, baixaram as portas e alguém perguntou:

– Quem é o homem que estava roubando a senhora?

– Não, não é roubo! É o Stauber da televisão.



Sheik de Agadir, Márcia de Windsor.

Virou um tumulto.

Como protagonistas, Henrique Martins, o Sheik, a bela Yoná Magalhães, sua amada, e Amilton Fernandes (o Albertinho Limonta da novela *O direito de nascer*), um oficial do bem. *O Sheik de Agadir*, novela de Glória Magadan, atraiu o público masculino pela primeira vez.

Com Stauber, minha vocação para papéis de vilão ficou comprovada. Um senhor que fazia a divulgação das novelas na época estava influenciado com o fato de atores trocarem seus nomes verdadeiros por nomes de personagens que marcavam. Guy Loup, uma atriz de São Paulo que fez *O direito de nascer*, trocou o seu nome para Isabel Cristina, personagem dela na novela. Isso andava meio na moda. Uraci de Oliveira, que fazia um sentinela do deserto em *O Sheik de Agadir*, trocou seu nome para Ura de Agadir.

101

Como eu recebia muitas cartas e elas sempre chegavam endereçadas ao “Senhor Stauber”, ao “Excelentíssimo Sr. Stauber” ou para “O mau e perverso Stauber”, o homem que estava ligado à divulgação me perguntou:

– Emiliano, por que você não muda seu nome para Hans Stauber?

– Mas é um nome alemão com o qual eu não me identifico. Imagina: Nome: Hans Stauber. Nascimento: Aracati, Ceará. Não obrigado, mas eu não acredito.

A essa altura, eu já tinha me conformado em não me chamar Clayton.

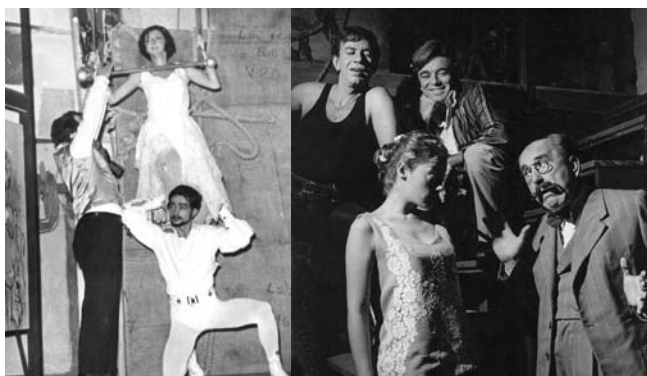
Grisoli e o sabiá

102 Meus colegas que faziam *Os fantástikos*, mais Marília Pêra, se animaram para montar no Rio uma comédia de Gastão Tojeiro, *Onde canta o sabiá*, encenada pela primeira vez em 1921 e montada pela Cia. Cacilda Becker em 1964, como um musical leve em São Paulo. Plínio Marcos e Valderez de Barros estavam no elenco. Valderez fazia sua estréia no teatro profissional. A peça foi dirigida em Recife e São Paulo por Hermílio Borba Filho.

Formamos uma cooperativa, mas os diretores não se interessavam pelo projeto. Até que o diretor teatral Paulo Afonso Grisoli se interessou. Chegado da França, editor do Caderno B do Jornal do Brasil, ele leu a peça, gostou e disse:

– Vamos virar isso de cabeça para baixo.

Grisoli trouxe Sandra Dicksen, que era nossa coreógrafa em *Os fantástikos*. Eu sugeri Campelo Netto e ele veio para fazer cenários e figurinos.



Sabiá, Lafayette Galvão, Marília Pêra, Gracindo Jr., Suely Franco, Nestor Montemar e Afonso Stuart

Onde canta o sabiá se transformou no maior acontecimento teatral do ano. Era 1966.

Grisoli desconstruiu tudo: atores e peça. O texto de Gastão Tojeiro saiu da ordem com a cena 20 passando para a cena 2; a cena 4 indo para as últimas páginas e por aí afora. A ambientação, originalmente uma casa do subúrbio carioca do princípio do século 20, se transformou em universo surrealista, graças à cumplicidade de Campelo Neto, o cenógrafo, com o diretor.

Na desconstrução de Grisoli, o palco do Teatro do Rio foi despido de cenários e usamos paredes e urdimento. Escadas nos levavam até a parte superior da casa. Estruturas que se interligavam com passarelas de madeira, plataformas – tudo

vazado –, cordas e uma chaminé com seu chapéu enorme em primeiro plano, um símbolo fálico subindo rumo ao teto. Dois trapézios surgiam do alto, quando tudo virava um circo no final. Pendurados neles, Marília Pêra e Gracindo Júnior faziam uma cena de amor enquanto se embalavam no espaço de cabeça para baixo.

O figurino de Campelo seguia a época das melindrosas, mas com detalhes extravagantes e muita ousadia no comprimento das saias. A luz nos surpreendia nos mais variados planos do espaço. Grisoli fez e usou a luz como elemento surpresa. As coreografias de Sandra Dickson eram vigorosas, sempre em função da ação. Havia um *charles-*



Onde canta o sabiá, Norma Sueley

ton alucinante dançado por Marília Pêra, Nestor Montemar e Suely Franco. Arrancar a máscara da hipocrisia era o lema que Grisoli propunha para o espetáculo. O sabiá, cantador e bonitinho, preso na gaiola, era a sexualidade reprimida daquela família. Da sua, da nossa, de todos nós.

Seu Libório – brilhante trabalho de Cazarré –, com sua flauta que enlouquecia as meninas, era deliciosamente obsceno. Gracindo Júnior apresentava uma música em francês, cheio de sensualidade. Norma Suely, minha namorada na história, cantava *Prendi una Matita*, de Mogol e Massara, entre a brejeirice do original e muita malícia. Dançávamos uma polca frenética. As segundas intenções eram as molas que impulsionavam a ação.

105

O pai, personagem de Afonso Stuart, fazia malabarismos com uma bandeja cheia de bules e xícaras no alto de uma vara equilibrada em seu queixo. Quando aplaudiam, ele perdia o equilíbrio, a bandeja despencava e a primeira fila se assustava, mas tudo estava preso por fios de *nylon*. Era o circo.

No final, acontecia uma coreografia alucinada onde corríamos por todos os espaços aéreos e terrestres do teatro. A música que nos acompanhava era *Help*, dos Beatles – um *happening*. Bem diferente do momento inicial do espetáculo,

morno e erótico, quando todas as mulheres da casa com roupa de dormir simulavam um *striptease*. A mãe, Suzy Arruda, se enroscava no símbolo fálico, e Marília, cheia de charme numa cadeira de balanço, levantava a perna na altura da cabeça. A peça virou capa de revista e suplemento dos jornais. Todos foram bem recebidos: cenário, figurino, atores, música, coreografia, direção, e Marília Pêra foi consagrada.

O assistente, Antonio Pedro, acabava de chegar da Europa e fervilhava de idéias. Grisoli sabia o que estava fazendo. O fardo da repressão começava a se instalar no Brasil de tanque e baioneta. E a máscara da hipocrisia ficou sólida. *Sabiá* teve seguidores. Novas montagens levaram sua influência. Na estréia, Grisoli não ficou satisfeito, escreveu uma tabela zangado, apontando quarenta falhas no espetáculo e foi embora. No aniversário de 20 anos da montagem, nos encontramos no Teatro do Rio, agora Cacilda Becker, e pude ver o quanto de amor existia nele nas lembranças do *Sabiá*.

Com o título de *Sabiá 67*, a peça foi montada no ano seguinte com Beth Faria, Marieta Severo e Maria Gladys nos papéis criados por Marília Pêra, Suely Franco e Dudu Barreto Leite. Modesto de Souza entrou no lugar de seu Afonso Stuart e Spina substituiu Casaré.



Sabiá 67, Maria Gladys, Marieta Severo, Betty Faria, Suzy Arruda, Nestor Montemar, Gracindo Jr., Norma Suely, Victor de Melo, Antônio Pedro, Sandra Dicksen, Spina e Joel Barcelos

Capítulo XI

O teatro de Plínio Marcos (outubro de 1967)

Terminou a sessão de *Sabiá 67* no Teatro Copacabana. O porteiro me entregou um bilhete. Era do Almir Telles e me dizia que a Cia. Tônia Carrero estava à minha procura. Almir, meu colega na TV Ceará e agora no Rio, estava próximo a mim e presente em todo o meu processo de firmar uma identidade profissional. Excitado, fui jantar no restaurante A Gôndola com a idéia de ligar para a Cia. no dia seguinte. A Gôndola, sob direção de seu José, fervilhava de atores que, depois de seus respectivos espetáculos, se encontravam ali, dividiam um picadinho, tomavam chope, caipirinha, falavam alto, ao mesmo tempo que gargalhadas atravessavam a madrugada.

109

– A Marília Pêra está te esperando naquela mesa.

E a colega-amiga:

– O Fauzi Arap está te procurando. Ele quer você para o elenco de *Navalha na carne*.

A peça, que fora proibida em São Paulo, sem direito à estréia, esteve no Rio, com o elenco paulista, em sessão “secreta”. Foi apresentada

na casa de Tônia Carrero em Santa Tereza, com lotação esgotada. Não assisti. Os atores da minha geração disputavam o papel do Veludo na peça. Mas Veludo ficou comigo. Fauzi Arap era o diretor. Profundo, sábio e objetivo.

Nas leituras adiantadas começamos a aplicar um método dele. Quando um personagem terminava sua fala, antes de atacarmos a nossa, repetíamos o final da fala anterior. Exemplo:

Veludo: - Socorro! Socorro! Monstro! Por que você não faz isso com homem, seu nojento? Aí, esse tarado está me matando!

110 **Vado:** (repete) "... aí esse tarado está me matando!" – Seu puto, você apanhou a grana daqui pra andar com o garoto do bar?

Veludo: (repete) – "... pra andar com o garoto do bar?" – Não entrei aqui hoje.

Vado: (repete): – "... não entrei aqui hoje." – Você veio arrumar o quarto, pegou o dinheiro.

Neuza Sueli : (repete) "... pegou o dinheiro." – E deu pro moleque do bar.

Esse processo foi repetido por toda a temporada e sempre, antes da apresentação, passávamos o

texto completo seguindo esse ensinamento. Até pouco antes da estréia, a peça ainda não tinha sido liberada, mas isso não abatia o nosso ânimo. Os ensaios eram ricos e eu estava ao lado de dois grandes atores brasileiros: Tônia Carrero e Nelson Xavier. Fazíamos improvisações, repetíamos cenas com novas propostas. Tônia, impressionada com o trabalho de dança que Klaus Viana desenvolvia em Belo Horizonte, chamou Klaus que nos preparou para o espetáculo. O espaço, seu corpo ocupando, descobrindo e vivenciando esse espaço.

Sara Feres, cenógrafa paulista, também estava conosco. Com César Thedim, marido de Tônia, re- viraram demolições e acabaram trazendo para o palco portas, tabiques, pias e vigas de construções antigas. César era uma força dentro do trabalho. Fauzi abria o espetáculo com Clementina de Jesus cantando um ponto e um texto sobre a condição da mulher, de Carmem da Silva.

111

Quando tive dificuldade nos ensaios com a violência da peça, Sara Feres me lembrou:

– Fauzi quis você exatamente por esse seu lado forte, violento. Lembre-se do exercício do Kusnet – agora você está fraco e pouco agressivo –, o elenco está decepcionado com você, Emiliano.



Navalha na carne, com Tônia Carrero e Nelson Xavier

No dia seguinte, soltei os bichos. Fauzi queria o mesmo que Plínio, um triângulo – não era a peça de um casal mais um homossexual engraçado. Eram três seres se defendendo, se expondo, se dilacerando com a mesma grandeza.

Perfeccionista, Fauzi levou Tônia a uma interpretação do mais alto nível. Neuza Sueli mudou a carreira da bela e talentosa atriz.

Do Nelson Xavier, que havia feito com Fauzi *Dois perdidos numa noite suja*, eu conhecia a carreira desde *Chepetuba Futebol Clube*, de Oduvaldo Vianna, no Arena, em São Paulo. Ator cerebral, racional, um primeiro ator em toda a sua essência. Era a matéria-prima para as aspirações de Fauzi.

113

Embragado por tanto talento, consegui alcançar Veludo e fiz um trabalho sincero, me dando por inteiro, quebrando a fórmula para personagens homossexuais que, até então, eram calcados no estereótipo dos trejeitos.

Proibida para menores de vinte e um anos, a peça estreou vitoriosa no palco da Maison de France. Em especial, a vitória de Tônia por liberar das garras da censura essa obra-prima de Plínio Marcos e se impor, para sempre, como a grande dama do teatro brasileiro. A montagem de São Paulo entrou em cartaz com o mesmo elenco que

havia se apresentado na casa de Tônia: Rutinéia de Moraes, Paulo Vilaça, além de Edgar Gurgel Aranha e Sérgio Mamberti, que alternaram como Veludo. Direção de Jairo Arco e Flecha.

Na noite da estréia, por muitas vezes, o público aplaudiu Tônia, Nelson Xavier e também a mim. Em uma dessas cenas, quando, depois de ser dominado pelo casal com a navalha na altura dos olhos, Veludo arfa e Vado ameaça:

– Fala logo, anda!?

E Veludo, querendo ganhar tempo:

114 – Estou sem ar.

Também ficaram sem ar o público, a crítica e o teatro brasileiro. Plínio Marcos era, naquele momento, o nosso mais importante dramaturgo. Tônia, Nelson, Fauzi, Sara, Cesar Thedim, Carlos Kroeber, nosso produtor executivo e eu, seus abençoados intérpretes.

Em sua crítica *Uma navalha que brilha*, no *Jornal do Brasil* de 19 de outubro de 1967, Yan Michalski escreveu:

“(...) Emiliano Queiroz completa a distribuição com um trabalho corajoso, digno e forte, que poderá ser decisivo para a sua carreira. (...)”

Pergunta de Simon Khouri para *Bastidores – Série Teatro Brasileiro*:

Simon – Tônia Carrero, com que atores você conseguiu estabelecer um jogo?

Tônia – Nelson Xavier e Emiliano Queiroz em *Navalha na carne*, Rosita Tomaz Lopes em *Casa de Bonecas* e Renato Borghi em *O Jardim das Cerejeiras*.

Domingo 12 de fevereiro de 2006 – *Jornal do Brasil – Caderno B*.

Tônia Carrero em entrevista a Ricky Goodwin:

Rick – Depois dos grandes amores de sua vida, quais foram os grandes atores de sua vida?

Tônia – Paulo Autran, Walmor Chagas e Oswaldo Loureiro. Saindo mais do passado, Sebastião Vasconcelos, Nelson Xavier e Emiliano Queiroz.

Viajando com dois perdidos, uma navalha e um presidente

Como presente de Natal, foi decretado o AI-5 pelo general empossado Costa e Silva. O Brasil entrou nas trevas do obscurantismo, “Pra frente, Brasil”. Nós, os atores, fomos fichados. O poder federal nos concedia a famosa carteirinha da

censura e só com ela era permitido trabalhar. Por causa de qualquer transgressão, como comparecer a passeatas, manifestações públicas ou privadas, envolvimento com peças ou filmes que contrariassem o poder estabelecido, enfim, qualquer coisa como desagradar à avó de algum

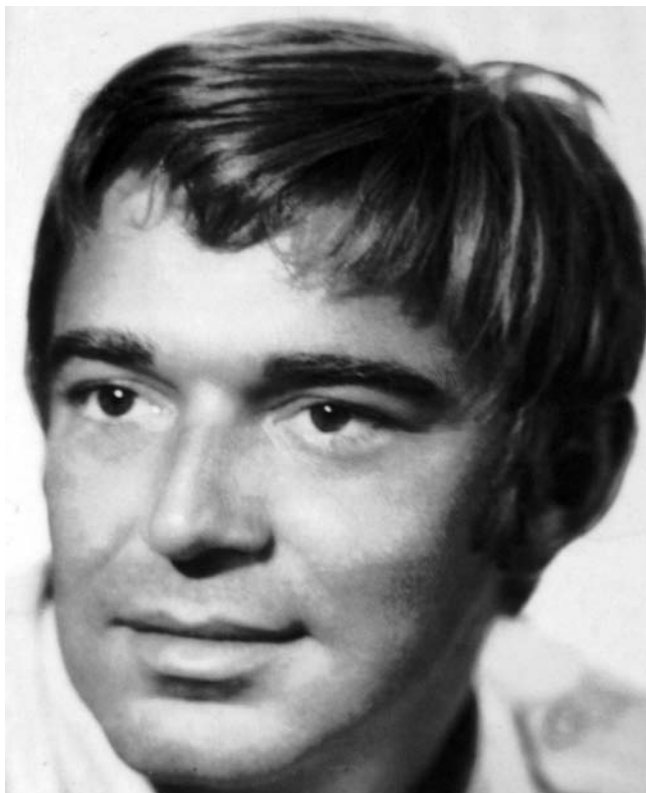


Foto do Programa de *Dois perdidos numa noite suja*

poderoso, a carteirinha não era renovada e ficávamos impossibilitados de tocar a vida.

Depois do sucesso de *Navalha na carne* no Teatro Maison de France, a peça continuou em cartaz, agora no teatro Gláucio Gil, em Copacabana. Tônia foi agraciada com o prêmio Molière. Uma excursão começou a ser programada e foi aí que a porca torceu o rabo.

Norma Bengell, fazendo a peça de Antonio Bivar, *Cordélia Brasil*, em São Paulo, foi seqüestrada,



Dois perdidos numa noite suja, Nelson Xavier



Emiliano Queiroz e Nelson Xavier
em "Dr. Getúlio, sua Vida e sua Glória"
só até amanhã, no Teatro Leopoldina.
Hoje, às 21h. Entradas bilheteria
e na loja Xangri-lá, Andradas com General
Câmara.

Dois perdidos (Teatro), com Nelson Xavier, jornal Zero Hora, Porto alegre

encapuzada, e jogada num carro. Rodou horas sem saber o destino que lhe esperava.

Roda Viva, a peça de Chico Buarque, durante a temporada no Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, foi invadida pelo Comando de Caça aos Comunistas, CCC. Quebraram o teatro e bateram nos atores. Havia sempre uma ameaça.

– Colocaram uma bomba no Teatro Serrador.

Ou:

– Vão quebrar o Teatro Opinião.

As sessões eram interrompidas por alarmes falsos ou por elementos infiltrados na platéia que perturbavam o espetáculo.

119

Mesmo assim, o teatro ficou mais forte. Com os textos proibidos, a imaginação dos diretores foi aguçada e as intenções subliminares ganharam força. Artistas eram presos. Fazíamos reuniões nas madrugadas e, de repente, se estabeleceu a falta de confiança entre os da classe. Ficamos sabendo de alguns que passaram para o outro lado e entregaram o ouro aos bandidos. Foram poucos, felizmente.

Atores sumiam das novelas, ou porque fugiam ou porque eram presos no meio da noite. Nada

era noticiado nos jornais. Alguns desapareceram para sempre.

Outra vez a temporada de *Roda Viva*, no Teatro Leopoldina de Porto Alegre, provocou a ira dos militares. E os atores da peça foram brutalmente espancados no hotel onde estavam hospedados. O sangue espirrou nas paredes e foram submetidos a humilhações de todas as formas, em nome da moral e não sei mais de quê.

120 As manifestações de rua começavam a desaparecer. Espetáculos saíam de cartaz da noite para o dia. Alguns nem estreavam, como *O Berço do herói*, de Dias Gomes. A longa noite dos generais estava em grande gala no Brasil. Na nossa noite – na casa de Tônia Carrero – ela, Carlos Kroeber, Nelson Xavier, Cesar Thedim e eu nos encontramos. Tônia falou que o dono do Teatro Leopoldina em Porto Alegre, onde *Roda Viva* teria sido representada, estava assustado com a violência contra os artistas. E que se a nossa temporada não acontecesse, ele ia vender o teatro. Virou uma questão de honra realizar a temporada.

Com seu prestígio, Tônia mobilizou autoridades da capital gaúcha, recorreu a amigos influentes e foi advertida da falta de segurança. Aceitou as condições impostas. Homens do DOPS nos acompanhariam no teatro, no hotel e em nossa

intimidade. Durante a temporada de *Navalha* eles nos seguiam por toda a parte. Sentavam nas mesas ao lado, no restaurante, no hotel e nas coxias do teatro. Tinham ordens de breicar os do CCC, facção que se comentava ser um braço do exército. Era a violência sem rosto. Corria à boca miúda que portugueses, membros da ditadura Salazar, estavam aqui para ensinar técnica de tortura e do obrigar a falar. O seqüestro legal e protegido estava instituído. A cartilha da violência estava sendo ensinada e fazia escola na marginalidade e no poder paralelo. Ali foi o berço do que vivemos hoje.

Navalha estreou. O público de Porto Alegre em peso estava ali. Uma pequena manifestação aconteceu contra nós. No final, folhetos foram jogados do mezanino do teatro, mas não passou disso. Numa tarde, eu estava com Carlão (Carlos Kroeber) no quarto dele, no hotel. Uma mensagem foi colocada por baixo da porta. Não demos tanta importância. Carlão pegou a mensagem, ficou sério e leu: "Se preparem, vamos navalhar vocês". Então, Carlão colocou a mão no coração, arregalou os olhos e sussurrou "ai que mêda". Foi a primeira vez que ouvi a expressão no feminino. Rimos muito, ele era irônico e cheio de humor.

Uma noite, depois do espetáculo, fomos jantar no Restaurante Tia Dulce. Entramos acompanhados

da comitiva do DOPS. Os freqüentadores nos aplaudiram. Pedimos os nossos pratos. O meu, uma deliciosa galinha ao molho pardo. De repente, entrou o CCC. Uns meninos e um tenente, com cara de pica-pau germânico, feio e ruivo. Fecharam a porta principal. Ninguém entra, ninguém sai. O que chefiava o grupo do DOPS se apresentou ao tenente pica-pau. Segundo ele nos contou, teria dito:

– Temos ordens de atirar em quem mexer com essa gente

Quando eles saíram, fui ao banheiro, vomitei os sapos engolidos e a vergonha do que acontecia em nosso país.

Porto Alegre estava tão longe da época de *Depois da queda* e só quatro anos haviam se passado. Tônia era uma colega encantadora. Com os dias fomos relaxando, fazendo sucesso, indo às festas em homenagem à estrela, a matinês nos cinemas da cidade. Mais confiante, reencontrei amigos, rodei a noite. Numa tarde, abri a porta do quarto para dar entrevista a um jovem jornalista universitário, simpático e muito afável. No meio da entrevista, dois dos nossos “guarda-costas” do DOPS entraram no quarto e revistaram a bolsa do tal jornalista. Na bagagem: fios de nylon e um estilete. Os agentes mandaram o rapaz embora e me avisaram:

– Ele era do CCC, te cuida.

Navalha encerrou com glórias, e Tônia foi embora. Eu e Nelson ficamos. Ia começar a temporada de *Dois perdidos* que, por todas as capitais, alternava com *Navalha*. Tônia investiu parte dos lucros da peça em segurança. Agora, sozinhos, sem Dops como guarda-costas, ficamos à mercê do destino. *Dois perdidos numa noite suja*. A obra de Plínio Marcos arrastou um público jovem: os que participavam do movimento de conscientização. Fez carreira. Na estréia, na rua lateral do teatro, uma porção de motos passava acelerando. O barulho era de lascar.

Ficamos esperando uma reação violenta. Não veio. A não ser duas ou três bombinhas de São João, de efeito moral, na entrada do Leopoldina. Missão cumprida.

123

Cidade seguinte, Curitiba e, depois, Florianópolis. Em Curitiba, uma parte da imprensa ficou indiferente à nossa chegada. Mas não rolou nada mais sério. Às vezes, eu caía na farra depois do espetáculo; numa dessas, quando voltei para o hotel de manhã, estavam todos aflitos. Não foi nada, só uma noite de volúpia para descarregar a tensão. Em Florianópolis, antes da matinê de domingo, Tônia cortava meu cabelo no camarim. Ela fazia isso com perfeição.

Aí ouvimos vozes celestiais que vinham da rua. Tônia comentou:

– Deve ser uma procissão, está tão bonito.

Membros de várias associações se aglomeravam na porta do teatro cantando em desagravo aos imorais, os três da *Navalha*. Saímos de Florianópolis com o avião sacudindo numa tempestade de raios e trovões. Todas as noites, passávamos o texto repetindo o final da última frase do colega e seguindo com a nossa. Exercício que nos acompanhou sempre.

124 Já *Dois perdidos*, nós ensaiávamos exaustivamente. Nelson Xavier, o diretor, trabalhava em cima das minhas mancadas da noite anterior. E assim fui aprendendo um pouco mais a cada dia.

Belo Horizonte. Quase que o bicho pega. A platéia levou um susto. No meio do espetáculo, um juiz de direito – como se apresentou – interrompeu a peça aos berros. Eu, no papel de Veludo, acabava de sair de cena debaixo dos xingamentos de Vado e Neuza Sueli. O homem, da platéia, gritou:

– Isso é uma imoralidade, um desrespeito à família e à Igreja.

E por aí foi, aos berros. O pano foi fechado. Quando a calma voltou, a peça seguiu de onde havia sido interrompida:

Vado: – Você ouviu, Neusa Sueli, o que o Veludo disse? Te chamou de galinha velha.

E ela:

– Despeito de bicha.

O público riu, aplaudiu, confundiu ficção com a realidade. E a peça prosseguiu. Eles não sabiam se era uma brincadeira com o juiz ou se era do texto – como realmente era.

Lá fora, todas as noites, faixas, cartazes e um público crescente de fiéis, que se diziam da TFP (Tradição, Família e Propriedade), rezavam em desagravo.

125

Domingo, 18 de dezembro de 2005, na cidade do Rio de Janeiro. Quando a porta do apartamento de Leina Krespi se abriu, surgiu Tônia Carrero. A sala se iluminou. Seus belos olhos azuis me focaram imediatamente e aquela voz inconfundível me identificou:

– Veludo!

Nos abraçamos. Conteí para ela que estava fazendo entrevistas e colhendo lembranças para a

Coleção Aplauso, onde contaria minha trajetória para a autora Maria Letícia. Ela, então, me lembrou de um fato de nossa excursão:

– Quase no final de *Navalha*, na temporada em Belo Horizonte, a TFP publicou uma matéria no jornal saudando a temporada de *Navalha na Carne* em Minas como um importante acontecimento cultural.

E eu, que tinha esquecido esse mimo da TFP. Quase quarenta anos haviam se passado e, no entanto, as lembranças de *Navalha* continuavam frescas e felizes em nossas memórias. Estávamos ali, eu e Tônia, para um abraço de aniversário em nossa querida amiga Leina Krespi.

Vivi algumas paixões em Belô, mas depois veio Salvador, o Teatro Vila Velha. Quase descendo em Salvador, o avião deu uma arrancada e fomos parar em Recife. Voltamos a tempo de estreiar.

Todos estavam lá: Jorge Amado, Zélia Gattai, a família Veloso, Scliar, Nilda Spencer, Luis Jasmin e Nonato Freire, que começou a trabalhar em *Dois Perdidos*, fazendo direção de cena.

Depois de Salvador, Tônia vai para o Rio e seguimos, eu, Nelson e Nonato: João Pessoa, Campina Grande, Aracaju, Natal, Recife, Fortaleza, São Luiz e outras cidades e capitais. A peça *Dois*

Perdidos tinha sido censurada e liberada pela Polícia Federal apenas para maiores de 18 anos. *Navalha*, só para maiores de 21 anos.

Nós tínhamos que passar pelo crivo da censura local. Em cada praça que chegávamos, apareciam os censores. Homens com cara de papa-defunto, mulheres penteadas por cabeleireiros, todos muito sérios, assistiam aos ensaios da peça de lápis e papel na mão, cenho franzido e nenhum humor. Nos obrigavam a cortar palavras, trechos da cena. Cada um achava imoral alguma coisa. Alguns cochilavam feio durante o ensaio e, depois, diziam:

– Corta “filho de uma cadela”.

127

Só que não existia essa expressão na peça. Um festival de besteiras assolava o país, como dizia Stanislaw Ponte Preta.

Uma censora, oxigenada como uma garçonete de filme americano, implicou com o final da peça:

– Não quero que você diga “sou mau paca”, eu sei o que esse “paca” quer dizer, é a abreviatura de terrível palavrão.

“Paca” virou “pacas”, mas a intenção continuou. Os homens eram os piores. Quanto mais jovens,



D. Helder Câmara e Nelson Xavier

mais intransigentes. Chegávamos a uma cidade e o nosso bicho-papão não era nem a falta de público nem a divulgação: Eram esses bem remunerados e inúteis figurões. Todos eles vivem hoje, os que o diabo não levou, de gordas aposentadorias, *vade retro*.

No meio de tanta asneira, uma luz. Dom Helder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, meu conterrâneo, compareceu à estréia em Recife, no Teatro Santa Isabel. Recife mantinha a tradição inflamada de Miguel Arraes e Julião, e o teatro lotou. No entanto, eu e Nelson tivemos uma decepção: os porteiros fizeram caixa-dois e 40% do público entrava pelas portas laterais, por um preço mais barato. E o dinheiro ia direto para o bolso deles. Quando reclamamos, disseram assim:

– É de praxe.

Tá bom!

A presença de Dom Helder (foto) iluminou o Teatro Santa Isabel. Depois do espetáculo, foi nos cumprimentar no camarim e nos falou da sua emoção. No dia seguinte, sua fotografia no teatro – assistindo à peça – e suas palavras estavam em todos os jornais:

– O autor e os atores de *Navalha na carne* continuam navalhando a insensibilidade da gente. *Dois perdidos* vale mais que dez sermões e vinte conferências.

Dom Helder sofreu intensa perseguição durante o regime militar. Nos encontramos anos depois, e ele falou:

– Emiliano é um grande artista e um homem de coragem.

E, batendo nas minhas costas:

– Cearense dos bons.

130

Para realizar essa excursão, pedi para me matarem na novela *O homem proibido*. Não pensava em TV, cinema ou o que fosse. Eu estava no teatro todas as noites por todo o Brasil.

Acabou-se o que era doce. Voltei ao Rio, mas logo comecei a ensaiar *Dr. Getúlio, sua vida e sua glória*, de Dias Gomes e Ferreira Gullar, para o Teatro Opinião. A vida de Vargas era mostrada através do samba-enredo de uma escola. Nelson Xavier, o Simpatia, presidente da Escola, desfilava como Getúlio Vargas. Tucão, o bicheiro que financiava a escola de samba – feito anos depois por Paulo Gracindo na televisão –, era meu personagem e

desfilava como Carlos Lacerda. Teresa Rachel era Alzirinha, filha de Vargas. Aizita Nascimento, esplendorosa, a porta-bandeira. Dezenas de atores completavam o elenco, parte deles membros de uma escola de samba. Direção José Renato

Mary Marinho fez a coreografia. Cenário e figurinos de Arlindo Rodrigues. Estreamos em Porto Alegre. Às segundas-feiras, eu e Nelson apresentávamos *Dois perdidos*, levando grande público. Os diretores do grupo *Opinião*, João das Neves, Denoy de Oliveira, Pichin Plá e o autor, Dias Gomes –, estavam todos em Porto Alegre. A família de Vargas, o público e a crítica ficaram incomodados. Acharam uma profanação a vida dele ser representada numa manifestação afro-brasileira, a escola de samba. Torceram o nariz.

131

Deixamos Porto Alegre e voltamos ao Rio de Janeiro. Estreamos no João Caetano. Yan Michalsky em sua crítica chamou atenção para o meu trabalho. O violento bicheiro Tucão, rei da zona norte do Rio, tão longe dos meus personagens plinianos.

Uma cortina de chumbo desceu sobre o teatro brasileiro. *Santidade*, peça de José Vicente que eu ensaiava, foi proibida por ordem expressa do General Costa e Silva, que ocupava a Presidência da República. Meus autores começaram a ficar

sem voz, que teatro eu ia fazer? A foto de uma atriz colega minha do curso do Kusnet estava em todos os aeroportos na lista de procurados. O perigo, agora, estava ao lado.

Cinema: *Navalha na carne* e *Dois perdidos numa noite suja*: direção de Braz Chediak.

Braz Chediak assistiu à peça de Plínio Marcos e se envolveu com tema e autor. Ele falou da peça com o Jece Valadão e Jece, corajosamente – havia todas as possibilidades de o filme ser proibido –, resolveu produzir com sua empresa, a Magnus Filmes.



Jornal do Brasil, Dr. Getúlio, Aizita Nascimento, Carlos Guimas e Balalaica

– Emiliano, você quer trabalhar no roteiro comigo?

Eu sempre punha alguma dificuldade nessa coisa de escrever, tinha um pouco de preguiça, mas acabei indo trabalhar com o Chediak.

Navalha, a peça, tinha uma hora de duração. Mas, para o cinema, havia a necessidade de mais 20 minutos para corresponder às exigências das salas exibidoras. Foi, então, que Chediak resolveu:

– Vamos fazer um prólogo. Depois que a câmera entrar no quarto, não vai mais sair – é como se as pessoas estivessem vendo por um buraco de fechadura. E, então, faremos um prólogo com o que se comenta dentro do quarto durante a ação.

133

Nós filmamos o prólogo na Lapa e está registrado como um documento daquele lugar e daquela época. Tem duração de quinze minutos. É silencioso e bonito. Mostra o cotidiano dos personagens: Neuza Sueli fazendo a vida e uma cena de sexo entre Veludo e o garoto do bar. O ator que contracenava comigo era o Ricardo Maciel.

Ricardo foi um menino vítima da repressão. Ele foi preso em Salvador pela polícia baiana, acusado de consumir tóxicos.

Passou por muitas humilhações dentro da prisão, foi violentado. Se matou na Bahia. Uma história pesada.

Nossa cena de amor não passou pelo crivo da censura. Escureceram a imagem no momento do beijo, fizeram umas bobajadas, mas a cena continuou bela. O encontro entre dois homens abandonados e carentes.



Navalha na carne (cinema), Glauce Rocha e Jece Valadão



magnus filmes
apresenta

a navalha na carne

jece valadão
glauce rocha
emiliano queiróz
direção
braz chediak
fotografia
helio silva

produtor
jece valadão

distribuição **ipanema filmes**

Quando nós passamos para o roteiro dentro do cenário, Chediak falou:

– Vamos fazer um rolo inteiro de filme, sem cortes, vamos fazer cenas completas.

136 Não existia o *steadycam* e as câmeras eram muito pesadas para fazer o filme inteiro com câmera na mão, dentro de um ambiente fechado. Chediak, juntamente com o fotógrafo Hélio Silva, pensaram então em criar uma solução: Colocaram uma roldana no teto dos estúdios da Herbert Richers – um estúdio que foi construído para ser de cinema, na Tijuca –, passaram um fio de aço por essa roldana, prendendo, em uma das extremidades, a câmera, e, na outra, em contraponto, um balde com pesos para contrabalançar a câmera, formando assim um móbile equilibrado, era o nosso *steadycam*. O câmera Hélio Silva podia, dessa maneira, se movimentar sem ter de carregar não sei quantos quilos. Ele podia circular entre a gente para fazer essas cenas longas. Após ensaiar à exaustão, filmávamos um plano de quatro minutos com uma qualidade que sobrevive até hoje.

O processo nos entusiasmava, mas havia a dúvida total se o filme seria exibido ou não. No papel de Neuza Sueli para o cinema, Glauce Rocha estava soberba. Glauce era uma mulher de grande



Navalha na carne (cinema) – com Glauce Rocha e Jece Valadão

delicadeza. Freqüentei a sua casa numa época em que fazia leituras de Clarice Lispector. Antes, já havíamos contracenado na televisão e tínhamos muita simpatia um pelo outro. Ela chamou seu gato – um relaxado bichano – de Emiliano, em minha homenagem.

Quando faleceu, aos 36 anos, o jornal *The New York Times* fez um obituário situando seu trabalho no cinema em nível internacional.

Jece Valadão, ator talentoso, respeitado e com grande popularidade, fez Vado, o cafetão. O homem que fazia o cliente da Neuza Sueli era o ator de teatro Carlos Kroeber.

138

Chediak dirigiu com maestria. Seu trabalho tinha uma aura, foi um momento dele, pleno como realizador de cinema. O filme ficou chocante.

Quando passou pela censura, ela, de pronto, não aprovou:

– Não, palavrão não pode. Nós temos de substituir todos.

Chediak, então, com inteligência e ironia, resolveu:

– Nós vamos substituir os palavrões, só que serão dublados em outro tom, BEM MAIS ALTO!

Era uma forma de denunciar que tinha sido adulterado o texto de Plínio.

Cumprimos essa exigência e Jece travou uma batalha para liberar o filme, o que só aconteceu um ano depois. Estreou no cinema e foi o estouro da boiada. Todo mundo quis ver *Navalha* e todo mundo foi ver *Navalha na carne*.

Aconteceram reações inesperadas por parte da platéia. Quando o filme estava passando no cine Odeon, um espectador, revoltado com a minha interpretação – a ousadia do Veludo mais precisamente –, jogou em mim um sapato na tela. Eu talvez tenha sido o único ator de cinema a levar uma sapatada, embora eu não tenha sentido nada, apenas o prazer de saber.

139

Navalha na carne, anos depois, voltou ao cartaz, sempre despertando curiosidade. Em uma exibição em Nova York de *Razor In The Flesh*, estavam presentes a atriz Shelley Winters e Elia Kazan, diretor de filmes como *Uma rua chamada pecado*, *Viva zapata*, *Vidas Amargas* e *Sindicato dos Ladrões* e criador do Actor's Studio, ao lado de Lee Strasberg.

Em entrevista sobre o evento, Elia Kazan destacou a sinceridade dos atores brasileiros e Shelley Winters – atriz premiada do cinema e do teatro

americano – citou o meu trabalho como sendo uma criação para qualquer platéia.

Jece Valadão teve a recompensa do seu esforço e logo depois produziu *Dois perdidos numa noite suja*. Aí ele quis ser só produtor. Preferiu os dois atores que tinham feito a peça. Chediak entrou, então, em contato com Nelson Xavier e nós três começamos a elaboração do roteiro.

Dois perdidos – ao contrário de *Navalha*, com uma fotografia em preto-e-branco, como queria Chediak, parecendo uma matéria de jornal – foi feito em cores, pendendo para o lado pesado. A maioria das cenas acontecia à noite, os personagens eram chepeiros (estivadores), descarregavam caminhões e, durante o dia, dormiam em casa, onde acontecia o conturbado relacionamento. A música era de Almir Chediak.



Dois perdidos teve lançamento especial, uma vez que *Navalha* tinha faturado bem. Nós tínhamos *outdoors* enormes pela cidade com a minha cara e a do Nelson.

Dois perdidos concorreu e ganhou o troféu O Dedo de Deus no Festival de Teresópolis. Criado por Adolfo Cruz, o festival, depois, foi interrompido por determinação política. Chediak foi o Melhor Diretor e eu, o Melhor Ator.

Dois perdidos numa noite suja, peça teatral de sucesso, vira filme com direção de Braz Che-

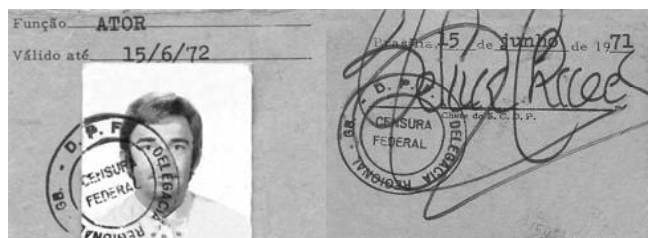


Do livro de Salvyano Cavalcanti de Paiva, *História ilustrada dos filmes brasileiros 1929-1988*

diak. Apesar da marcação teatral concentracionária, o filme foi bem recebido. Emiliano Queiroz e Nelson Xavier eram os principais e estavam soberbos.

O filme motivou Chediak a realizar uma outra obra de Plínio. Começamos a trabalhar no roteiro de *Homens de Papel*, uma história sobre os catadores de papel de rua. Mas, infelizmente, a tentativa de completar a trilogia foi abortada. A censura nessa época estava mais violenta do que nunca e não permitiu que outra obra de Plínio fosse feita. Ficaram apenas os folhetos de divulgação com o nome de Norma Bengell, o meu e o de Sérgio Malta.

Não completamos essa trilogia, mas os dois filmes, *Navalha na carne* e *Dois perdidos numa noite suja*, são até hoje trabalhos que me dão muita satisfação. Os dois fazem parte do acervo do Canal Brasil.



Carteira obrigatória pela Censura Federal, com renovação anual. Estávamos todos fichados

aguardem

HOMENS DE PAPEL

(colorido)

com

NORMA BENGUEL

SÉRGIO MALTA

EMILIANO

QUEIROZ

e grande elenco

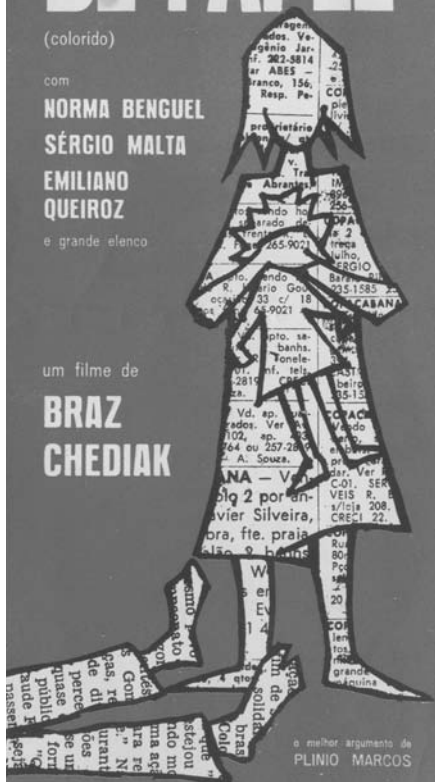
um filme de

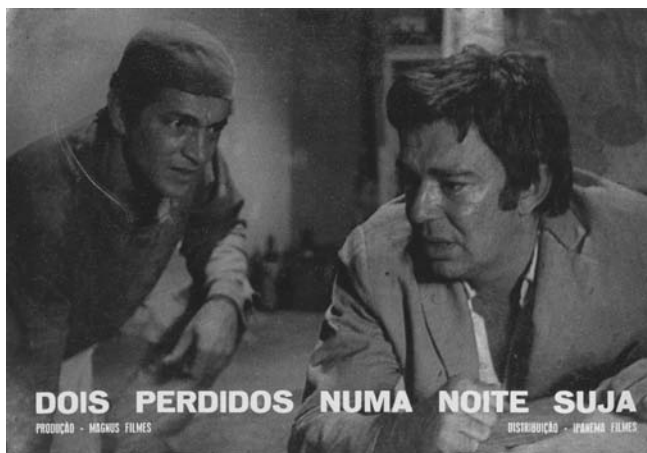
**BRAZ
CHEDIAK**

o melhor argumento de
PLÍNIO MARCOS

produção

HERBERT RICHERS / BRAZ CHEDIAK / NELSON XAVIER





DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PRODUÇÃO - MAGNUS FILMES

DISTRIBUIÇÃO - IPANEMA FILMES

Capítulo XII

Dulcina - a grande dama entra em cena

Com a repressão, todo o meu otimismo e determinação entraram em crise. Pensei em mudar de profissão, fazer outra coisa. Mas o quê? Tentei me alienar de tudo à minha volta, o derrame de ácido lisérgico no mundo tinha chegado até aqui e viajei com ele. Soltei os freios da minha sensualidade e extrapolei meus limites. Um pesadelo de álcool e desânimo, mas o que se podia fazer? A vida estava aí.

Antônio de Cabo me tirou do marasmo ao me chamar para fazer *Catarina... da Rússia, naturalmente!*, no papel de Pedro. A presença de Dulcina



no elenco me seduziu. O autor, Alfonso Passo, espanhol, conduzia a trama estabelecendo forte paralelo entre a corte dos czares e as ditaduras vigentes. Ganhei em dose dupla quando Tereza Rachel entrou para o elenco como Catarina. Tereza, bela e jovem, me impressionava, sussurrava uma palavra e era ouvida até a última fila. Cenário e figurinos eram de Arlindo Rodrigues.

Atores maravilhosos completavam o elenco: Rubens de Falco, Alberto Perez, Lourdes Mayer, Aníbal Marota, Jane Mosso, Ruth Mezek, Raul Da Matta e Ary Fontoura.

146 Em sua crítica no *Correio da Manhã*, Van Jafa escreveu:

Depois do Veludo de *Navalha na carne*, Emiliano Queiroz ronda mais uma criação no papel de Pedro em *Catarina... da Rússia, naturalmente!*

O carro capotou comigo no Aterro do Flamengo, no Rio, quando ia para uma matinê de domingo. Não quebrei nenhum osso, mas o corpo me doía todo quando fiz a peça. Rubens de Falco, atencioso, me levou em seu carro para minha casa depois do espetáculo. O acidente me deixou nervoso e bebendo um pouco mais da conta. Amigos desapareciam e a pressão dos militares sobre o teatro era cada vez mais forte.

Mas Dulcina estava ali e nos tornamos grandes companheiros. “I love Dulcina”, era assim que eu cumprimentava aquele monumento de mulher e atriz. Dulcina estava voltando ao teatro depois da morte do seu marido, o ator e produtor Odilon Azevedo. A minha primeira visão de Dulcina nessa temporada foi assim: estávamos todos na platéia do Teatro Ginástico, ela entrou por uma porta de serviço direto para o palco, deu olá para todos e – no palco, cheio de madeira para o cenário, em desordem – sapateou com suas pernas fortes, subiu poeira e ela exclamou:

– Que saudade do pó de serragem.

Nos tornamos inseparáveis e, para a minha sorte, ela estava ali. Aida Izquierdo, mãe de Bibi Ferreira, era sua amiga. Me adotou de imediato. Magrinha com uma pele impecável, inteligente e espirituosa, Aida dirigia seu carro em alta velocidade. Deixava Dulcina em casa e me levava onde eu quisesse, a qualquer boca da noite. Na casa de Aida conheci Procópio Ferreira, seu ex-marido, sofisticado e brilhante, era o grande ator do Brasil.

Alguns críticos fizeram reverência merecida a Dulcina em sua volta aos palcos. Dulcina foi, segundo Fernanda Montenegro, a mais importante personalidade teatral brasileira do seu século.

Criou uma fundação, uma escola de teatro, com professores de alto nível. Estabeleceu a folga semanal para os artistas e técnicos. Implantou a sonoplastia e representou clássicos de Shakespeare, O'Neill, Bernard Shaw. Aboliu o ponto no teatro – o responsável por soprar o texto para os atores – e baniu a infecta carteirinha que obrigava as atrizes a serem fichadas na polícia como prostitutas.

Em sua histórica montagem de *Chuva*, de Somerset Maugham, Dulcina fez chover no palco. Sua mãe, a atriz Conchita de Moraes, estava nessa montagem. O sucesso foi tão grande que Alda Garrido montou ao lado, no teatro Rival, a sátira *Chuvisco*. Reverteu para a fundação de teatro de Brasília tudo o que possuía, viveu nessa cidade seus últimos anos. Até hoje, mantém, entre os da classe teatral, fiéis admiradores: Sergio Viotti, Fernanda Montenegro, Bibi Ferreira, B. de Paiva, Marília Pêra, Ivan Sena, Ary Fontoura e eu, entre muitos outros.

A representação de Dulcina era viva, energética. Renovada emoção a cada dia. Nosso segundo encontro foi em *Meu bem como posso ouvir você com a torneira aberta*, de Robert Anderson. Eram três peças em um ato. A última das três foi dirigida por ela. Ensaiávamos na rua Constante Ramos, onde ela morava, no mesmo prédio em que vivo hoje.

Era a história de dois velhinhos, passados dos noventa, num fim de tarde, à sombra de um caramanchão. Os dois trocam farpas e carícias. Ela recordando Hubert, seu verdadeiro amor. Ele, cheio de ciúmes do tal Hubert, mas ambos esquecidos que ele é o próprio Hubert.

Tinha uma cena que eu batia no joelho dela com um leve tapinha, ela então jogava sua sombrinha no chão para o galante velhinho apanhar. Às vezes, eu batia com mais força e ela reagia: jogava a sombrinha mais longe e o velho tinha de fazer um grande sacrifício para ser galante. Noutra cena, tocava seu seio e ela, esquecida que era seu marido, reagia com um tapinha coquete na mão dele. Quando meu toque era mais ousado, o



Catarina da Rússia, Dulcina, Tereza Raquel e Alberto Perez

tapa ficava mais forte. Respondia com a precisão de um jogador de tênis.

Ouvia com tal atenção que conduzia o espectador a acompanhar o seu raciocínio. Sua atuação era viva. Seguia a marcação e o texto com fidelidade, mas sempre com emoção renovada pelo estímulo recebido. Gostava de dizer:

– A rotina é aparentemente igual, mas nenhum segundo é igual ao outro.

E com ela no palco não era mesmo.



Catarina da Rússia, Rubens de Falco e Alberto Perez

Seu maior elogio a um colega, depois de uma apresentação feliz, era sempre esse:

– Você, hoje, estava vivo querido, bem vivo!

Dulcina Mymssen de Moraes nasceu em 3 de fevereiro de 1908, na cidade de Valença, no Estado do





CATARINA..
da Russia, naturalmente!

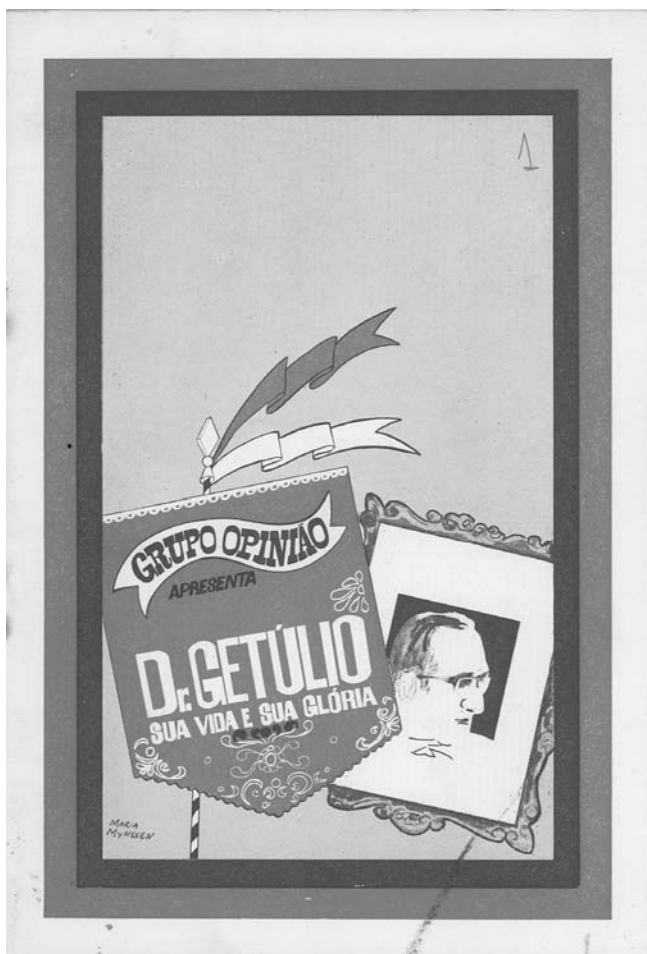
Rio de Janeiro, durante uma temporada teatral de seus pais naquela cidade. Membro da terceira geração de uma família de atores.

O Teatro Opinião de João das Neves - Bordel da salvação - 1972

Com o Grupo Opinião, eu já tinha feito *Dr. Getúlio, sua vida e sua glória*. Agora, com direção de João das Neves, *The hostage* (O refém), do escritor irlandês Brendan Behan, uma produção de Nestor Montemar, para o Teatro Opinião.

Depois de idas e vindas, e da quase interdição pela censura, estreamos. Um refém da guerra entre protestantes e católicos na cidade de Dublin, na Irlanda, é o ponto de partida de uma história pintada pela intolerância e arbitrariedade. A cena se passa





numa pensão familiar que, à noite, se traveste de bordel. Nestor Montemar fazia a Princesa Grace, a esfuziante criada do estabelecimento. Buza Ferraz era o refém, Ivone Hoffman e Jorge Cherques, os donos, e Marieta Severo, a mocinha.

Meu personagem era o Sargento Malady, oficial do Exército da Salvação e que, à noite, se transformava e cantava coisas delirantes, alucinadas, como a música *Somos todos viados*. A trilha da



peça era do Zé Rodrix, e um piano em cena nos acompanhava.

No elenco, Norma Suely – uma devassa Sargenta do Exército da Salvação –, que cantava comigo a pura e lírica *Nós somos soldados do senhor*. A peça contava ainda com Luis Sérgio Lima e Silva, Geyr Macedo Soares, Maria Rita, Dayse de Lourenço e Paulo Ribeiro.

Voltei a trabalhar com João das Neves em 1987, na peça de Luiz Maria Lima, *A nossa voz*, no Teatro da Casa de Cultura Laura Alvim, recém-inaugurado. João escreveu no programa da peça:

156 “Ao ler pela primeira vez *A nossa voz*, senti estar diante de um desafio incomum. A peça de Luiz Maria Lima mexe com um ninho de vespas. Abordar o tema da tortura, levado a cabo pelo regime militar que se instaurou no país após o golpe de 64, ainda é, infelizmente, tabu ou revanchismo segundo a linguagem oficial. Eu mesmo tive, não faz muito tempo, a minha peça *A pandorga e a lei*, censurada sob a acusação de Denegrir as Forças Armadas e ameaçar a segurança nacional estando inclusa em não sei quanto artigos.

No elenco, Marcélia Cartaxo, vencedora em Berlim do Urso de Prata com o filme de Suzana Amaral, *A hora da estrela*, em seu primeiro trabalho em



A nossa voz, Marcélia Cartaxo

teatro no Rio, era a mulher do torturador – meu personagem. Contava ainda com Reinaldo Gonzaga, Renato Coutinho, Simone Hoffman, Clemente Viscaíno. Cenário e figurino de Germano Blum; direção musical de Marcos Leite, e Luiz Fernando Lobo como assistente de direção.

“O que passou, passou. Mas pode voltar. Isso é preciso que a gente não se esqueça - nunca.

Ao grupo *Tortura nunca mais*, todo o nosso carinho.”

João das Neves

Aderbal Freire Filho: o tiro que mudou a história - 1991

No Palácio do Catete, um espetáculo que deveria ficar em cena por uma semana, com três sessões diárias, chegou ao segundo ano de apresentação. Aderbal Freire Filho contou a trágica história do presidente Getúlio Vargas de maneira original.

A peça começava nos jardins do Palácio, com as águias do Catete em forma de arauto, e prosseguia conduzindo o público por suas dependências. Terminava no quarto onde Vargas se matou deixando sua histórica carta.

158 No elenco de *O tiro que mudou a história*, de Aderbal Freire Filho e Carlos Eduardo Novaes, jovens atores de seu grupo e mais: Cláudio Marzo como Getúlio, Rogério Fróes, Paulo José, Jonas Bloch, Domingos de Oliveira, Mário Borges, Cândido Dam, Suzana Saldanha, Marcelo Scorel, Oran Figueredo, Márcia do Valle e Leonardo Neto. Eu era o ministro José Américo de Almeida, do Ministério da Viação e Obras Públicas. Garoto ainda, Marcelo Antony participou do elenco.

Políticos, artistas, jovens e velhos lotavam o Palácio do Catete para assistir de pé à ação que acontecia em cada dependência. Quando tinha uma pessoa de mais idade a produção oferecia

uma cadeira que era imediatamente aceita. Austragésilo de Athayde, por volta dos noventa anos, acompanhou toda a *via-crúcis* de pé. Agradeceu a cadeira e foi um momento inesquecível para todos nós – a presença e o comportamento do impávido imortal.

Muitas luas passaram desde que o menino Aderbal Freire Filho fez sua estréia no teatro em Fortaleza. Foi em *O mártir do calvário*, em que eu era Jesus.

Uma dose de martine – 1988

Leina Krespi, minha amiga, eu conheci nos meus primeiros dias de Rio de Janeiro. Fernando Sabino, o autor, poeta, escritor e compositor, ofereceu a ela sua peça *Martine Seco*, afirmando ser o papel da mulher uma luva para a sua personalidade. Leina levantou a produção com seus esforços e conhecimentos. Convidou Roberto Talma para a direção e ele trouxe Regina Miranda para ser sua assistente e fazer o trabalho de corpo. No elenco, Jorge Fernando, Rodolfo Bottino, Paulo César Grande, Luiz Magnelli e Marcelo Faria – ainda adolescente – em sua estréia no teatro.

Eu e Leina fizemos o casal com um toque de absurdo. O espetáculo de Talma era sofisticado, engraçado, um policial cheio de situações suspeitas.

Rodolfo Bottino fazia, na abertura, uma mulher misteriosa que dançava comigo e morria nos meus braços, vítima de uma dose de martíni envenenada. Depois voltava, na peça, como um policial especializado em arrancar confissões dos presos. O público morria de rir com ele. Suas cenas com Jorge Fernando e Paulo César Grande eram performáticas. O cenário era de José Cláudio; figurinos, de Sônia Soares, e supervisão de montagem, de Patrícia Da Matta.

Martine, depois de cumprir temporada no teatro Villa-Lobos, seguiu para Juiz de Fora e Belo Horizonte, onde lotou o Palácio das Artes. Nesses quarenta anos, Leina Krespi ganhou um espaço especial no meu coração.

Marlene – *A dama de copas e o rei de cuba* – 1973

Quando estava com *Navalha* em Salvador, Olga, a adorável bilheteira do Teatro Vila Velha, fez questão de botar cartas para mim, ler meu futuro no baralho. No meio de uma porção de coisas que eu já esqueci, apareceu uma carta com a figura de uma garotinha de franja vestida de colegial.

– É sua futura mulher.

Achei engraçada a afirmação de Olga. Era 1968. Em 1972, quando conheci Letícia, ela fazia aulas



a dama de copas e o rei de cuba



C-\$ 3,00

Teatro
em revista

**santa
rosa**



Casamento, Maria Letícia

com Klaus Vianna e estava ligada ao pessoal de *Hoje é dia de rock*.

Ela tinha a mesma carinha de criança do baralho com franja, mas sem o uniforme de colegial. Aos vinte e quatro anos, era advogada, dava aula de Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi uma atração imediata, fiquei encantado com ela. Na época, minha popularidade estava em alta e os fotógrafos seguiam a gente pela noite. Foi dando o que falar, e, em pouco tempo, casamos em Brasília, na fazenda dos seus pais, o ministro Gonçalves de Oliveira e Maria das Mercês, minha querida tia Noquinha. Era 28 de fevereiro de 1973. Lúcia Alves e José Augusto Branco foram meus padrinhos.

163

Eu e Letícia assistimos *A dama de copas e o rei de Cuba* em São Paulo, com Rutinéia de Moraes, João José Pompeu e Iolanda Cardoso. Gostamos da peça de Timochenco Wehbi e resolvemos produzir. Chamamos nosso querido amigo Luis Sérgio Lima e Silva para a divulgação e partimos para a empreitada. O produtor da montagem paulista, Fernando D’Almeida, se juntou a nós.

Vanda Lacerda, no que ela considerou o mais difícil papel de sua carreira – distante de sua personalidade fina e requintada –, era Isildinha. Solteirona, operária, frustrada sexualmente e que

divide o quarto com Tita la Cafona, uma mulher da noite, cantora de cabaré, livre e aventureira. Marlene, a histórica cantora da Rádio Nacional – na memória do público, rival de Emilinha Borba, – era Tita. *Botequim*, de Gianfrancesco Guarnieri, tinha sido sua mais recente atuação no teatro.

Bira Tripé era o meu personagem. Malandro, contrabandista esperto e que, em determinado momento, atende a um chamado no correio sentimental de uma revista, feito por Isildinha. Ele se apresenta como futuro pretendente da moça e usa a casa da amada para esconder suas muambas.

164

Letícia trouxe como cenógrafo o artista plástico Cildo Meireilles. O cenário de Cildo se dividia em duas partes. O lado esquerdo do palco era o opaco e sem brilho mundo de Isildinha, com dezenas de vestidos e buquês de noiva envelhecidos, que subiam teto acima. Do outro lado, a cor, o brilho, o esplendor de Tita la Cafona, as penteadeiras, os espelhos e cristaleiras que também subiam até o teto. Uma escultura. No final, espelhos metálicos desciam do urdimento e tudo virava um excitante cabaré. Marlene cantava um número na platéia, que se iluminava.

A direção de Odavlas Petti foi brilhante. Klaus Viana veio para mexer com nossos corpos, e o seu trabalho de relacionamento com espaços e

objetos de cena foi posto em prática. Timochenco Wehbi, o autor, adorava a montagem e revia a peça todas as semanas quando vinha direto de São Paulo para o Teatro Santa Rosa.

Os fãs de Marlene estavam lá, aplaudindo com vigor. Tinha um papagaio em cena, o Rivelino, que falava na hora certa:

– Tita, Tita...

E quando Vanda, no final da peça, atirava em mim, ele dava cambalhotas na gaiola, gritando:

– TITA, TITA, TITA...!

Marlene levava Rivelino todas as noites para a sua casa depois do espetáculo. Afeiçãoou-se ao bicho,



Dama de copas, com Vanda Lacerda

que ganhou de presente da produção no final da temporada. Recentemente, em um programa de televisão sobre Marlene, vi Rivelino em sua casa. Já gordo, pesado, poderoso – um senhor –, mas ainda com seus ares de astro.

No cabaré, a cena final de *A dama de copas*, eu anunciava as personalidades presentes na platéia:

–Hoje, entre nós, Ruth de Souza.

Ou então:

– Ida Gomes.

– Paulo Gracindo.

– Linda Batista, rainha da música popular.



Dama de Copas, Marlene

Por essa época, Liza Minnelli, estrela de *Cabaret*, de Bob Fosse, no auge da fama, estava no Rio. Os jornais publicavam notícias dela em todos os lugares. Assistindo a *Dzi Croquetes*, freqüentando a boate da moda e a noite das praias.

Luis Sérgio resolveu trazer Liza para assistir à peça. Ele vestiu Leilinha, uma amiga nossa, com o figurino da estrela em *Cabaret* e reservou um lugar para ela e meia dúzia de seguranças. O espetáculo lotado com aquele buraco no meio. Seis ou oito cadeiras vazias. A nossa Liza entrou com a peça já começada, meio se escondendo, meio se disfarçando. Na seqüência do Cabaré, eu anunciei:

167

– Entre nós a filha de Judy Garland, estrela internacional de Hollywood, a grande protagonista de *Cabaret*. Para ela, eu peço o nosso aplauso: Liza Minnelli!

O público inteiro aplaudiu nossa Liza – a querida Leilinha – que se levantou vestida a caráter, de cartola e shorts pretos, como no filme da verdadeira Liza, e teve uma crise:

– No, no, please! Eu *estar* aqui anônima!

E saiu destemperada do teatro, com os seguranças atrás:

– No, no, please!

Entre os seguranças, Luis Sérgio, que tentava acalmar a estrela. A platéia, no final do espetáculo, falava para a gente:

– Mas que feio que essa moça fez.

Ninguém percebeu a nossa travessura.

168

No dia seguinte, Nelson Motta registrou em sua coluna de *O Globo*, com humor, a nossa brincadeira. As críticas à peça foram favoráveis, o público gostou. Yan Michalski ressaltou os trabalhos de Vanda e Marlene e destacou a desenvoltura com que cantei e dancei. Hoje, o Teatro Santa Rosa, no começo da rua Visconde de Pirajá, em Ipanema, perto da praça Gal. Osório, já não existe. Ali, eu fiz outras peças como *Que Preguiça*, do argentino Ricardo Talesnik, e *As Garotas da Banda*, uma produção de Nestor Montemar – uma revista – realizada quando quase nada se podia montar nesse país.

Luis Sérgio fez do lançamento de *A dama de copas* e *O Rei de Cuba* um acontecimento. Na apresentação do elenco, o Teatro Santa Rosa virou o auditório da Rádio Nacional, com transformistas travestidos de estrelas. Brigitte Búzios, encarnando Elizabeth Taylor, foi a apresentadora que chamou Paulo Gracindo ao palco.

Na época, Paulo fazia a novela de Jorge Andrade, *Os ossos do barão*, e Brigitte o apresentou assim:

– Com vocês: Paulo Gracindo, os ovos do barão.

Marlene se apresentou como caloura na pele de seu personagem da peça, Tita la Cafona, interpretando um sucesso de sua eterna rival na rádio, Emilinha Borba. Carlinhos I, hoje Camile K, parodiou a verdadeira Marlene, e Marlene Casanova era Emilinha.

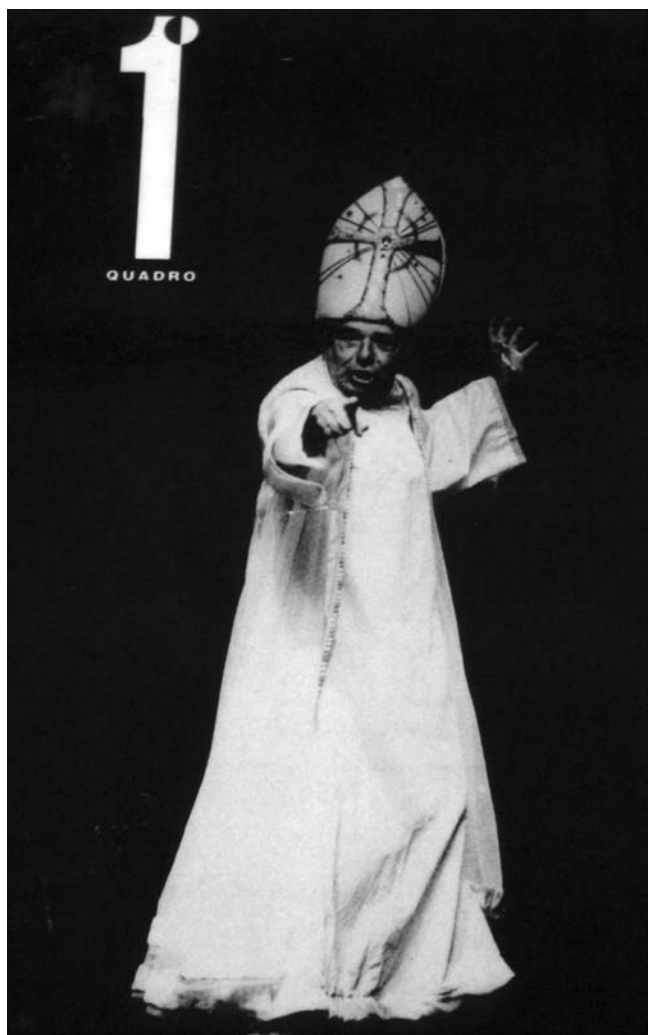
O auditório pegou fogo quando, todas juntas, fizeram a apoteose. Na platéia, estrelas e mais estrelas.

169

O homem e o cavalo

A delirante peça de Oswald de Andrade foi montada no Teatro Villa-Lobos. Milton Dobbin, apaixonado pelo texto, armou um espetáculo multimídia. Os criativos cenários e figurinos de Pedro Sayad completavam a encenação. Milton trouxe por volta de trinta atores, seus alunos do Tablado, salpicou com outros que ele admirava, e me chamou para o papel de São Pedro, protagonista da epopéia.

Meu personagem abre a peça no céu, com um lindo telão de Analú Prestes, atravessa tormentas



O homem e o cavalo

e mares e chega à terra na fase da industrialização. Encontra Cristo (Zózimo Bubul), Cleópatra (Veluma) e acaba num aeroporto em Marte, acompanhado da esposa (Duse Nacarati) e de seu cachorro Sondenborg (Tadeu Mello). Jitman Vibranovich e Catarina Abdala rondavam São Pedro com tentações e promessas.

Um tropel de cavalos feito por atores atiçava a sensualidade da encenação. Todos nós embarcamos na alucinante viagem de Oswald, coreografados por Débora Cooker, sob direção de Milton Dobbin.

Meu adendo de ator

171

A intuição, a imaginação, as lembranças se acendem quando me apresentam um novo personagem. Seja o czar da Rússia, o angustiado Tonho de *Dois perdidos* ou o torturador de *Nossa voz*.

Ao primeiro contato com um texto, inicio uma investigação sem trégua, por necessidade de conhecer o personagem. Seja ao acordar, me olhando no espelho para fazer a barba, assistindo a um filme, ou sonhando. Gradativamente, vou conhecendo sua vida, seus humores. Por mais azedo que seja um personagem, procuro sua graça, mas jamais esqueço que *tudo* está ali no texto, fonte da vida e memória do personagem. A verdade.

Todos os seres humanos, independente de latitude ou longitude, têm os mesmos sentimentos e o mesmo destino: a morte. Nunca me vejo superior a um personagem, seja qual for a sua condição. Me entrego a ele simplesmente, até me sentir confortável. Chega um momento que ele cresce e, como bom aluno, supera o professor. Então dou asas para meu personagem voar. Quando o vôo está alto, tão alto que sinto frio na espinha, obrigo meu personagem a uma rápida aterrissagem e me lanço no meu próprio vôo. A liberdade e o controle.

Um casamento, eu e meu personagem. Independente de ser um casamento feliz ou de conveniência, vamos ter uma vida em comum por um bom tempo. Estabeleço com ele a camaradagem e a cumplicidade, essa emoção tão nobre.

No saboroso processo dos ensaios, estou sempre com ele, almoçando, embaixo do chuveiro, fazendo uma caminhada... Repasso o texto, filtro as emoções dele através das minhas. Vou ao dentista ou ao banheiro com ele a tiracolo.

Todos os personagens deixam marcas e muitas delas ficam de presente para o inconsciente. Personagens são experiências vivas, divididas com os companheiros e o público. Prova de fogo na rotina para a frágil condição humana. Casamos com ele:

na alegria ou na tristeza, nos nossos problemas, ou na nossa felicidade, na doença ou na saúde. Aliança de aço – o espetáculo tem de seguir.

Trabalhando com um diretor convencional ou um gênio inovador, meu processo de ator – quaisquer que sejam as solicitações – não se altera. E com minhas ferramentas, limitações e tempo tento compreender e alcançar o que me é solicitado. Na televisão e no cinema, os personagens vivem um dia-a-dia que não se repete (as cenas nunca são as mesmas). No teatro você vive dia a dia uma “vida inteira” – a repetição. A estréia.

Acabado ou pela metade, nasce uma alma: o personagem. Mantê-lo vivo e renovado todas as noites – seja a platéia amorosa ou crítica – um delicado aprendizado que o tempo vai dando. Quando era um iniciante, meu maior temor residia aí.

173

O teatro coloca o ser humano frente ao semelhante. É vivo, na hora. Não foi ontem, nem será amanhã, por isso é único. Quando a representação pulsa e surpreende é inigualável, maior. Da atuação no teatro não temos nenhuma memória física – é efêmera como a vida que passa sem volta – por isso bela e sem vaidades.

A alquimia só acontece no encontro. Depois, só resta a lembrança. A comovente lembrança.

Um conselho de Shakespeare

Hamlet, personagem de Shakespeare, em uma cena da peça, aconselha seus atores a “ajustar o gesto à palavra, a palavra à ação”. Recomendando para que ninguém sobrepujasse a “moderação natural”.

Conselho a ser seguido como alicerce para, daí, alçar todos os vôos.

Capítulo XIII

O véu de Janete e o verão de Dias

Durante dois ou três anos, Glória Magadan, autora cubana, reinou absoluta na teledramaturgia da TV Globo. Adaptei, sob sua supervisão, um programa aos domingos, no qual dramatizava cartas dos telespectadores. Isso, antes de ela me convidar para adaptarmos, juntos, *A Touti Negra do moinho*, um folhetim francês com novecentas e tantas páginas, acrescido de outras pérolas de livros rocambolescos, que se chamou *Anastácia*. Chegou um momento em que nem eu nem Glória conseguimos tocar aquele calhamaço pra frente. Caí numa arapuca, pensei.

175

A audiência era baixa. Os personagens eram tantos e aumentavam a cada capítulo que um dia alguém, ao entrar na emissora, viu uma fila de mais de trinta pessoas esperando a hora de maquiar e perguntou:

- Essa fila é seleção para algum trabalho?
- Não, é o elenco de *Anastácia*.
- Mas tem tanta gente assim nessa novela?
- Isso aí, é só no capítulo de hoje.

– O Emiliano é louco. E a Leila Diniz, onde está?

– Na outra sala, onde estão maquiando os atores principais.

A coisa ficou feia. Então, eu sugeri a Glória chamarmos Janete Clair para tentar uma solução.

Eu já tinha trabalhado em várias rádio-novelas da Janete, conhecia o diálogo dela e achava muito bom. Também já tinha feito teatro com Dias Gomes. Boni – o brilhante homem da televisão que, juntamente com Walter Clark, criou a TV Globo – quis Janete.

176 Boni foi compreensivo com o caso *Anastácia*. Dele, sempre recebi respeito profissional. Sinto sua falta na televisão.

Logo Janete veio. A princípio, trabalhamos juntos e adiantamos a solução. No livro, me parece, ocorria um maremoto, mas isso ia ser muito difícil realizar na televisão daquela época. Janete decidiu pelo terremoto. Era simples: bastava balançar as câmeras, soltar umas pedras de isopor lá de cima, jogar um pó de serragem e estava feita a catástrofe.

No elenco na primeira fase estavam Myrian Pires, Ênio Santos, Aracy Cardoso, Leila Diniz e Henrique

Martins, que também dirigiu. Na segunda fase, José Augusto Branco estreou na TV Globo.

Saí dos escombros desse terremoto, sacudi a poeira e fui para o meu “canto de ator” fazendo uma reverência à maior novelista do país: Janete Clair.

Durante sua vitoriosa trajetória, Janete Clair, declarou várias vezes:

– Foi Emiliano que me levou para a TV Globo.

“Em *Irmãos coragem*, de Janete Clair:

Juca Cipó (Emiliano Queiroz), personagem secundário na trama, ganhou força e espaço e acabou como um dos pontos altos da novela. (...) Embora irascível no início, torna-se amável e cativante ao final, conquistando a simpatia do público infantil”. (*Dicionário Globo pp.23*)

177

Quando montávamos o personagem, pedi ao maquiador, Eric Rzepecki, uma peruca de cabelos encaracolados e que diminuísse a minha testa para dar uma fisionomia mais tacanha.

Daniel Filho dirigiu a novela dando a todos a maior liberdade, ao mesmo tempo que orientava, indicava, realizava com intensidade e

criava junto. Minha dificuldade com cavalos me deixou inquieto. Falei com Daniel, e ele disse:

– Não tem jeito, Emiliano, você é filho do coronel que está sempre a cavalo e pertence a um bando que só anda a cavalo. Como você pensa em reverter isso?

Então, dei para ele uma solução que estava na minha cabeça:

– Que tal se a cena acontecesse assim: Vem o Coronel e o bando a cavalo, o tropel passa, levanta a poeira e, na rabama, emerge da poeira Juquinha, pedalando ferozmente sua bicicleta.

178

Daniel deu risada e contou para Janete. No capítulo seguinte, Juquinha ganhou uma bicicleta para toda a novela.

Juca Cipó, cheio de testosterona, que convidava as garotas para ver “ninho de corujinha” na esperança de tirar um sarro, virou um mote, e Chacrinha, em seu programa de auditório, brincava com os casais: “E aí, vai ver ninho de corujinha”. E até uma marchinha carnavalesca apareceu. “Vem, vem, vem, ver o ninho de corujinha...”.

Estava plantada a célula do humor no personagem. Desejo que eu tinha de criar um ser vivo e



Irmãos coragem, com Cláudio Cavalcanti e Gilberto Marti-
nho



Irmãos coragem

multifacetado. Autora e diretor me deram asas e eu voei. A novela consolidou o interesse do público masculino pelo gênero e bateu todos os recordes de audiência. A voz do cantor Jair Rodrigues fez eco em todo o Brasil:

"Irmãos é preciso coragem...". Era 1970.

Além de *Irmãos coragem*, fiz, com Janete, *Selva de pedra*, *Pecado capital*, *O Homem que Deve Morrer*, *Pai Herói* e *Véu de noiva*. Quando a Globo me chamou para fazer *A Ponte dos Suspeitos*, estávamos em 1969. A ira dos coronéis obrigou



Selva de pedra, com Célia Coutinho, Dina Sfat e Gilberto Martinho



Pecado capital, com Maria Pompeu, e *Pai herói*, com Beatriz Segall, Elisabeth Savalla.

Dias Gomes a se esconder sob o pseudônimo de Stela Calderon. Uma vez uma telespectadora me parou na rua e afirmou que Stela Calderon tinha sido trazida de Cuba por Glória Magadan, mas que Calderon era melhor escritora. Dias Gomes adorava essa história. Nossa viagem foi a mais longa que um personagem pode alcançar: Dirceu Borboleta.

Em *A ponte dos suspiros*, contracenei pela primeira vez com a talentosa e querida amiga Ida Gomes.

Ainda em 1969, Stela Calderon saiu da cena e voltou para a história da dramaturgia brasileira Dias Gomes, com a novela *Verão vermelho*. Seqüências foram rodadas em Salvador e, meu personagem, Irineu, morria numa cena gloriosa. Em plena festa do Senhor do Bonfim, à noite, o personagem do Carlos Vereza atira em Irineu.



Verão vermelho, com Arlete Salles

Morro nos braços do meu irmão Jardel Filho, sob os lamentos da matriarca Ida Gomes. O médico, Paulo Goulart, dá o veredicto. A multidão da festa, excitadíssima com aquela novidade, participava, opinava, parecia um teatro de rua com a TV filmando. Lavamos a escadaria do Bonfim.

Na novela, estreavam na Globo Dina Sfat, Maria Cláudia e Lúcia Alves. No elenco: Mário Lago, Ruth de Souza, Urbano Lois e Osmar Prado. Uma enorme jibóia passeava, entre os personagens, como moradora na casa da matriarca.

Véu de noiva passava às 20h e *Verão vermelho* às 21h30. Quando morri no *Verão vermelho*, do Dias Gomes, Janete me chamou para o *Véu de noiva*. Fazia Tomaz, marido cruel que torturava a Miryan Pires e matava Gilberto Martinho atropelado. Gilberto depois seria meu pai-herói em *Irmãos coragem*. Chegou uma hora que eu fiquei no ar nas duas novelas, no *Véu* de Janete e no *Verão*, de Dias.



Verão vermelho, com Dina Sfat

Meu primeiro baile colorido

E, mais uma vez, estou com os dois na chegada da TV a cores. Boni era uma força que impulsionava a criatividade, e essa energia atingia a todos.

"Adaptação de Janete Clair da peça *Un Carnet de Bal*, do poeta e escritor francês Jacques Prévert, com direção de Daniel Filho. Uma jovem relembra seu baile de formatura e deseja encontrar seus antigos amores, com os quais havia dançado. A cada reencontro, ela vive uma alegria ou uma

decepção. Primeiro programa da TV brasileira gravado inteiramente em cores. Reapresentado em junho de 1972 e em janeiro de 1995. Elenco: Eloísa Mafalda, Emiliano Queiroz, Felipe Carone, Francisco Cuoco, Glória Menezes, Marcos Paulo, Paulo José, Sérgio Cardoso, Tarcísio Meira, Zilka Sallaberry, entre outros." Dic. da Globo, p. 419)

Quando eu vi *Meu primeiro baile*, falei para os colegas:

– Isso aí parece um viveiro de pássaros. Nós, os atores do Brasil, somos tão diferentes, na cor da pele, dos olhos, dos cabelos, dos traços hereditários, e tão, tão, mais coloridos. Isso merece uma celebração.

185

O caminho de deixar as novelas com cara de filme dos anos 1940, onde a "folhinha do ano" despetalava para indicar a passagem do tempo, ficava para trás. A cor era mais forte, se impunha. Esse Brasil colorido não tinha similar.

O bem amado

Fizemos o primeiro encontro para o *Bem amado*, a próxima novela da TV Globo e que seria inteiramente a cores. Na reunião: Daniel Filho, Dias Gomes, Régis Cardoso, os atores e as atrizes – todos fomos contra a idéia de caricaturar o sotaque

regional. Cada um entrava com seu acento: o carioca do Jardel Filho, o alagoano do Paulo Gracindo, o meu cearense, o mineiro do Lima Duarte, o paulista da Dirce Migliaccio e o hebraico de Ida Gomes – era o Brasil. A novela estreou, o público de cara se identificou e a música pontuou.

Os críticos e colunistas dos jornais, contrariando a opinião pública, puseram restrições. José Fernandes deu nota zero, mas, menos de um mês depois, se redimiou, deu nota 10 e pediu desculpas por não ter entendido a proposta. Mister Eco acusou a novela de parecer um programa humorístico (e daí, qual o problema?) e outros também se colocaram na defensiva. Todos eles voltaram atrás e, depois de *Bem amado*, a televisão nunca mais foi a mesma.

No início as dificuldades com a cor eram enormes. O branco estourava a imagem de tal forma que as pernas da atriz Ida Gomes tiveram de ser maquiadas para não faiscar nas lentes. Cenários, figurinos, tudo passava pelo crivo da cor, mas o elenco permaneceu impávido, um belo viveiro de pássaros, cheio de cores e sons novos.

A novela, escrita por Dias Gomes, foi baseada na peça teatral de sua autoria, *Odorico, o Bem amado, e os Mistérios do Amor e da Morte* (1962), sob direção de Régis Cardoso e coordenação de

produção de Mariano Gatti e Lya Mara. Para escrever a história de Odorico, Dias Gomes se baseou em um fato verídico ocorrido no Estado do Espírito Santo, onde um candidato a prefeito se elegeu com a promessa de construir um cemitério.

A novela era uma sátira política, que retratava a vida dos habitantes de Sucupira – uma cidade fictícia do litoral baiano – e de seu prefeito, Odorico Paraguaçu (Paulo Gracindo).

Em *O bem amado*, um microcosmo do Brasil estava armado, com as ingenuidades, extravagâncias e, principalmente, com a esperteza dos políticos dominantes. Sucupira, a cidade fictícia de Dias Gomes, era o Brasil. Embora qualquer semelhança com o poder fosse mera coincidência, o público não via assim. Colocava a carapuça em quem de direito. Tal qual o Brasil, Sucupira estava sentada em um barril de pólvora.

187

O meu personagem, Dirceu Borboleta, nasceu simples e sem artifícios. Minha fonte de inspiração foi a peça, pois, pela primeira vez, estávamos trabalhando com uma novela adaptada de um texto teatral. *O bem amado* foi montada com Procópio Ferreira, mas as dificuldades que o teatro vivia naquele momento, com relação à censura, impediram o seu sucesso.



O bem amado, com Paulo Gracindo e Lima Duarte

Eu sabia o começo e o fim do personagem, o meio, o miolo dele, é que deu asas à minha imaginação. Toda vez que eu ficava nervoso em cena, o sangue me subia ao rosto e eu ficava cada vez mais vermelho no correr da seqüência. Comecei a usar a cor como elemento dramático.

Paulo Gracindo adorava e provocava Dirceu com mais vigor, até o sangue quase saltar dos meus poros. Quando o diretor falava “valeu”, Paulo ria e dizia:

– Tá roxo feito um peru, Emiliano!

Dirceu Borboleta era carente, com uma mãe dominadora e meio maluquinha, Suzy Arruda. Cumpria votos de castidade por uma promessa feita por “mamãe” para curar uma “beriberi” do filhinho. A repressão sexual de Dirceuzinho se refletia em suas pernas fechadas e seu medo constante. Um dia, numa cena de estupor com Odorico, lhe falta o ar, as palavras se espremiam na garganta, ele não consegue falar, surta e, daí, se estabelece uma gagueira nos momentos em que se sente acuado. “Coooronel”. O elenco de grandes atores e atrizes teve reconhecimento do público e da imprensa. Nosso trabalho foi levado a quarenta países. Paulo Gracindo, Lima Duarte, Jardel Filho, Sandra Brea, Maria Cláudia, Gracindo Júnior; as irmãs Cajazeiras, Ida Gomes,

Dirce Migliaccio e Dorinha Duval, Lutero Luiz, Carlos Eduardo Dolabella, Rogério Fróis, Zilka Salaberry, Milton Golçalves, a carismática Ruth de Souza e eu fomos lançados na memória afetiva desse país com nossos personagens. A direção foi de Régis Cardoso. A música tema de Dirceu era de Vinícius de Moraes e Toquinho.

Matéria na Revista *Veja*, de 19 de setembro de 1973:

190 “Vivendo o patético secretário do prefeito Odo-
rico Paraguaçu, Emiliano tem merecido não ape-
nas o reconhecimento da crítica e do público,
como o do próprio autor da novela, Dias Gomes:
‘Como Dirceu Borboleta, Emiliano conseguiu
fazer uma das coisas mais difíceis para um ator
de televisão: manter o mesmo nível de inter-
pretação durante toda a novela. Foi o melhor
papel que ele já fez. E o personagem, apesar
de ter uma participação importante dentro da
história, cresceu muito mais por causa do seu
excelente trabalho’.”

Lúcia Rito

Trechos da crônica de Artur da Távola em sua
coluna diária em *O Globo*, de 29 de agosto
de 1973:

De Dirceus e de Borboletas

Emiliano Queiroz conseguiu aqui dar uma volta como grande ator para expressar os limites, os hipersensíveis, os nem sempre percebidos pelos outros. Seu desempenho enriqueceu o personagem, deu-lhe vida, "Phatos", ternura trágica, saltando, num elenco de cobras, para um primeiro plano de grande destaque. Parabéns ao ator e ao autor. Só a telenovela permite este "círculo vicioso" de talentos, esta simbiose de vivências entre criador e intérprete. E o permite porque ela não é obra entregue pronta: vai sendo feita enquanto é representada ao longo de seis meses num processo criador totalmente novo na história da comunicação humana.

191

Terminou *O bem amado* e eu fui demitido sem entender por quê. Eu, nessa ocasião, era funcionário da Globo (não contratado, mas sim um funcionário), fui mandado embora com o final da novela. Não procurei ninguém para saber o motivo, reclamar ou interceder, aceitei simplesmente ser despedido. Amarguei a decepção e me completei com o cinema e o teatro. Eu e Letícia produzimos a peça *A dama de copas e o rei de Cuba*. Embora convidado, não tive vontade de atuar em outros canais.

Só voltaria a Globo tempos depois, pelas mãos de Dias Gomes e de Daniel Filho, para a primeira versão de *Roque santeiro*. Eu fazia o Zé das Medalhas, e Débora Duarte era a minha mulher (personagens, na segunda versão, vividos por Armando Bogus e Cássia Kis). Nossos filhos eram Isabela Garcia e Luiz Carlos Niño.

Por essa época, voltei a ser funcionário da TV Globo, onde permaneço até hoje. Nesses quarenta e um anos – começados nos estúdios no bairro do Jardim Botânico – passamos pela Herbert Richers, Cinédia, Tycon e, finalmente, a morada definitiva, o Projac. Quando gravo em seus estúdios, continuo me sentindo em casa.

192

Roque santeiro foi proibido pela censura federal. Aqueles que se diziam governantes do Brasil privaram o público de uma bela obra – falou-se na ocasião que alguém, por uma linha grampeada, ficara sabendo que *Roque santeiro* era uma adaptação de *Berço do herói*, de Dias Gomes. Peça que dona censura havia proibido na estréia – nada mais Sucupira nesse nosso Brasil. Brasil de grampos, torturas, arbitrariedades e burrice. Não foi à toa que eles expediram uma ordem de prisão contra “Sófocles”, tido como um subversivo ignorante. Mal sabiam eles que o sr. Sófocles vivera na Grécia algum tempo atrás, bem antes de Cristo.

Mais uma vez, Janete e Dias se entrelaçaram em minha vida e eu fui para o elenco de *Pecado capital*, de Janete, que entrou no ar no lugar de *Roque santeiro*.

Alguns anos depois de exibido no Brasil, *O bem amado* passou em Portugal e logo se transformou num estrondoso sucesso. Fui à cidade do Porto, contratado para inaugurar um dos primeiros *shop-pings*, o Dallas. Desde o desembarque em terras portuguesas, tudo se transformou numa grande recepção. Recebi uma placa homenagem (Grande Personalidade Artística) em cerimônia pública.

Visitei o Mercado principal da cidade. Um prédio secular com um pátio ao centro. Três andares subiam com varandas e sacadas de forma circular. Fui recebido no pátio, a notícia se espalhou. Feirantes e fregueses se aproximavam das sacadas chamando por Dirceuzinho e, durante mais de cinco minutos, fui aplaudido com entusiasmo. Agradei, emocionado, aquela platéia que subia céu acima.

Nas minhas folgas, viajava a Madri. Ali assisti a Zarzuela, gênero de teatro essencialmente espanhol. Muitas vezes voltei a Portugal.

No México, o sucesso da novela se transformou em premiação. No Brasil, recebemos o comunicado de que *O bem amado*, novela, autor e atores, tinham

sido escolhidos os melhores da temporada em produção estrangeira.

Em 1980, quando me chamaram para fazer o seriado de *O bem amado*, fiquei com medo. Na novela, Dirceu Borboleta era fruto de uma emoção continuada. Nada fora imposto, nem a voz, nem o gesto, nem a sua perplexidade diante do mundo.

No seriado, o prefeito Odorico Paraguaçu, que morreu no último capítulo da novela inaugurando o cemitério, ressuscitou para mais cinco anos de sucesso. Lima Duarte, o Zeca Diabo que estava preso, foi anistiado e ganhou a liberdade para abrilhantar o seriado. E Dirceu Borboleta, que cumpria pena por ter assassinado sua mulher Dulcinéia (Dorinha Duval), foi julgado e solto para contribuir com a continuação. Kleber Macedo completou o trio das irmãs Cajazeiras no seriado. O elenco contava ainda com Lutero Luiz e Carlos Eduardo Dolabella, que participaram da versão original, e Yara Cortes, agora a delegada, originalmente, Zilka Salaberry.

Quando comecei o seriado, estava inseguro. O personagem não tinha chegado. Me ressentia de espontaneidade, mas, com os novos episódios, fui incorporando, procurando no meu passado de Dirceu as raízes e inspiração. Aí tomei gosto e foi pra valer outra vez.

Dias Gomes criava uma história completa semanalmente e o mote era sempre alguma coisa que estava na manchete política ou social.

E aí o Dirceu se transformava. No episódio *O capeta em Sucupira*, alusão ao filme *O Exorcista*, Dirceu incorporou o prefeito, enfrentou Odorico, cuspiu a hóstia santa, sofreu um descarrego – gravado no terreiro de Jair de Ogum – ficou nu no ritual, tentou possuir dona Juju (Dirce Migliaccio). Virou o capeta. Esse episódio sofreu 30 cortes da censura, o recorde.

Durante cinco anos de seriado, Dias Gomes escreveu coisas antológicas. Nunca falei sobre o que gostaria de fazer. Era telepático, eu pensava, ele pensava e escrevia. Quando gravamos em Nova York, para onde Odorico havia viajado com sua comitiva, para tentar trazer a ONU para Sucupira, a minha cena diante dos teatros da Broadway foi igual à minha reação anos antes, quando conheci aquele território. Dirceu, deslumbrado com os cartazes, os luminosos das fachadas dos teatros, exclama:

- Ah, a Broadway.

Dirce Migliaccio (Dona Juju), no coração de Manhattan, parada numa rua, recebe um jato de vento do metrô, sua saia sobe e repete a famosa

cena de Marilyn Monroe. Ida Gomes (Dona Dó), no Central Park, é defendida por Zeca Diabo (Lima Duarte) a cavalo, que salva sua amada professora perdida naquela zona de moças de vida fácil.

Eu e Lima Duarte gravamos na boca do Vesúvio. Corri com um coco em frente à Casa Branca, esperando falar com Ronald Reagan. Na Torre de Belém, em Lisboa, num episódio com participação da atriz portuguesa Guida Maria. Em Pompéia, com todo o elenco, depois com Paulo Gracindo, depositando flores no túmulo de Napoleão em Paris, na torre Eiffel e no Bateau-Mouche. A família Sucupira correu o mundo.

196

No último ano do seriado, Oswaldo Loureiro assumiu a direção. Os cenários foram de José Dias e figurinos de Zenilda Barbosa e Paulinho Loes.

Depois, Dirceu se matriculou na Escolinha do Professor Raimundo, de Chico Anísio – este um ator completo.

No Carnaval, Dirceu desfilou em carro alegórico com oito mulatas, quando a Unidos da Ponte levou para a avenida a vida de Paulo Gracindo.

O personagem foi um marco na carreira do ator.”(Dic. Globo).

Roberto Paulino escreveu na revista *Manchete*, em 1982:

A capetosa criativice de Emiliano

Dizer que Emiliano Queiroz esteve com o diabo no corpo em *O capeta em Sucupira*, da série *O bem amado*, é óbvio demais. Afirmar que ele *pintou o diabo* é minimizar sua atuação. As transformações do frágil, submisso e casto *Dirceu Borboleta* no irreverente, agressivo e libidinoso capeta foram espetaculares, emocionantes mesmo. Trabalhos como este marcam a carreira de um ator. Emiliano, por artes do diabo, dominou com competência e criatividade um papel extremamente difícil. Sua expressão fisionômica se alterava profundamente. Do *Dirceu Borboleta* boboca saía um satanás violento e chegava a parecer que o ator também era outro. Para deixar de prolegômenos e entrar nos finais, Emiliano Queiroz brindou o público com uma artístice espetaculante.

197

Da dramaturgia de Dias Gomes, participei ainda da minissérie *O pagador de promessas*, com direção de Tizuka Yamazaki.

Com direção de Régis Cardoso, fiz *Estúpido cupido*, última novela em preto-e-branco da TV Globo. No capítulo final, entrava a cor.



Estúpido cupido, Padre Almerindo

Capítulo XIV

Jorge Fernando

Conheci Jorge Fernando pouco mais que um menino. Cabelos compridos, olhos faiscantes, curiosos. Atraído pelo chamado do teatro, em pouco tempo, estava atuando, aparecendo e indo para a Europa com os *Dzi Croquetes*. Quando vi Jorge Fernando em *As gralhas*, de Braulio Pedroso, tempos depois, confirmei meu primeiro pensamento: “Esse menino é cheio dos talentos”. Houve um tempo em que a gente não se viu muito, mas sempre sabíamos um do outro.

Como atores estivemos no set de *Pai herói* e, depois, o verdadeiro encontro, quando me dirigiu em *Cambalacho*, de Sílvio de Abreu. Jorge Fernando trouxe, além de sua criatividade, uma alegria, um novo comportamento na direção. Ele afastou dos atores da televisão o medo que era a mola do poder em alguns diretores. Os que estavam ali para reinar e não simplesmente dirigir. Com poder e determinação, mas com graça e leveza, ele levou o prazer de seus dirigidos para a telinha.

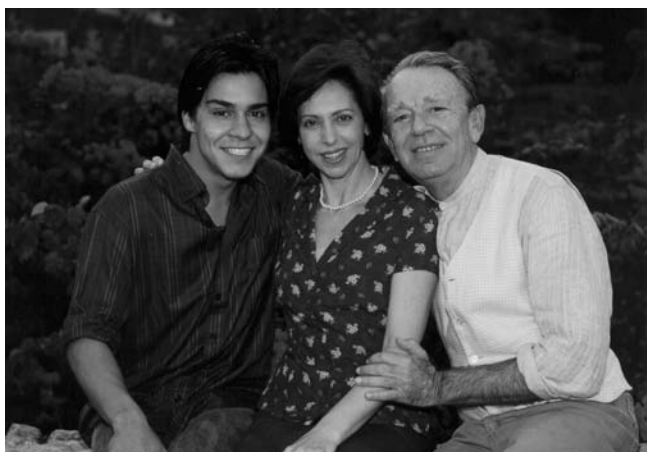
Eu e Sílvio nos conhecemos em São Paulo, na década de 60. Atores fazendo testes, batalhando trabalho. Em 1986, com *Cambalacho*, ele me traz



Em *Cambalacho*, de Sílvio de Abreu, meu personagem, Tio Biju, tinha três sobrinhos: Paulo César Grande, Maurício Mattar e Flávio Galvão

de volta com um novo personagem, depois de anos como Dirceu Borboleta na novela e no seriado *O bem amado*. Tio Biju tocou para a frente minha carreira. Do autor fiz também: *Rainha da sucata*, *Deus nos acuda*, quando contracenei com a maravilhosa Dercy Gonçalves, e *Filhas da mãe*. Em todas as novelas de Sílvio, fui dirigido por Jorge Fernando.

Com o diretor participei de *Que rei sou eu?*, de Cassiano Gabus Mendes, fazendo um velho secular. Eric Rzepecki, o competente maquiador da TV Globo, acreditava que eu incorporava seu trabalho na composição dos personagens, o que



Era uma vez, com André Gonçalves e Stela Freitas



Rainha da sucata, com Tony Ramos



Filhas da mãe, com Regina Casé e Thiago Lacerda



La Roche, maquiagem de Eric Rzepecki

valorizava suas caracterizações. Fez pessoalmente a peruca de Juca Cipó, que eu idealizei, e durante anos pregou em mim barbas e bigodes.

Trabalhou mais de quatro horas no meu rosto construindo o secular *La Roche*. Eric me mandou flores quando o personagem foi para o ar.

Com Jorge fiz ainda *Era uma vez*, de Walter Negão, *Chocolate com pimenta* e, em 2005/06, *Alma gêmea*, de Walcyr Carrasco.

Walcyr Carrasco, em *Alma gêmea*, me deu um personagem sob medida, vivido, sofrido, gaiato

e leve. O elenco desta novela foi o sonhado, em talento e companheirismo.

No meu núcleo, as talentosas Fernanda Souza (Mirna) e Rita Guedes (Anja), e essa força da interpretação que é o jovem Emílio Orciolo Netto (Crispin). Emílio me escolheu como amigo e isso me encheu de alegria. A alquimia dessa família foi total. Reencontrei André Golçalves, meu querido Dedé.

Com direção de Jorge Fernando, Fred Mayrink e Pedro Vasconcelos, *Alma gêmea* foi um presente para o público.

204 Numa satisfação extra, contracenei com a adorável Nicete Bruno, com quem tive um encontro em *Flávia, cabeça, tronco e membro*, de Millôr Fernandes, no palco do Teatro Ginástico, dirigidos por Luiz Carlos Maciel.

No teatro, eu e Jorge Fernando contracenamos de forma prazerosa em *Martine Seco*, de Fernando Sabino, sob direção de Roberto Talma, no Teatro Villa-Lobos, no Rio de Janeiro.



Alma gêmea, com Priscila Fantin e Emílio Orciollo Netto



Veneza, Maria Letícia

Capítulo XV

A volta ao mundo

Em 1977, eu e Letícia resolvemos conhecer o Japão por influência de nossa amiga Júlia Pessoa. Atravessamos o Atlântico. Letícia tinha a intenção de me apresentar a alguns países da Europa, que ela já conhecia. Começamos por Paris e seguimos adiante.

Londres estava em festa. Era o cinqüentenário da rainha Elisabeth e uma loja de departamentos exibia, em suas vitrines, manequins com figurinos e adereços das peças de Shakespeare. Vimos, no Aldwych Theatre, *Sonho de uma noite de verão* – *Midnight Summer Dream*.

207

Em Amsterdã, no museu Van Gogh, me impressionaram o pequeno tamanho dos quadros para obra tão grandiosa e minha semelhança física com os auto-retratos do pintor. Da Itália, conhecemos Roma, Veneza e Milão. De lá, seguimos para Hong Kong, Bancoc, Nova Déli, na Índia, com seus templos e danças. Tóquio e, depois, Okinawa, onde convivemos com o grupo de dança folclórica de Minoru Miagui. Julinha, prestigiadíssima, pelo governo japonês, nos abriu portas para as artes do país, entre elas o clássico Teatro Nô e o popular Teatro Kabuki.

O Kabuki, com seu processo de desenhar a alma do personagem no próprio rosto, o sacerdócio daqueles atores e sua capacidade em se travestirem, já que na tradição Kabuki todos os atores são homens, é impressionante. Em Guinza, no centro de Tóquio, um prédio secular abriga o Teatro Kabuki, que se apresenta ali todos os dias. Uma vez por ano, os japoneses, vindos das diversas regiões do país, assistem ali a uma função teatral tão grata à sua tradição. Começa pela manhã, por volta das 10h e segue até as 20h, sua última sessão. Peças seculares em um ato são encenadas com requinte e detalhes de interpretação. Numa delas a heroína se despede do seu amado deixando um adeus escrito em caracteres que ela desenha por todo o cenário com o pincel preso entre os dentes.

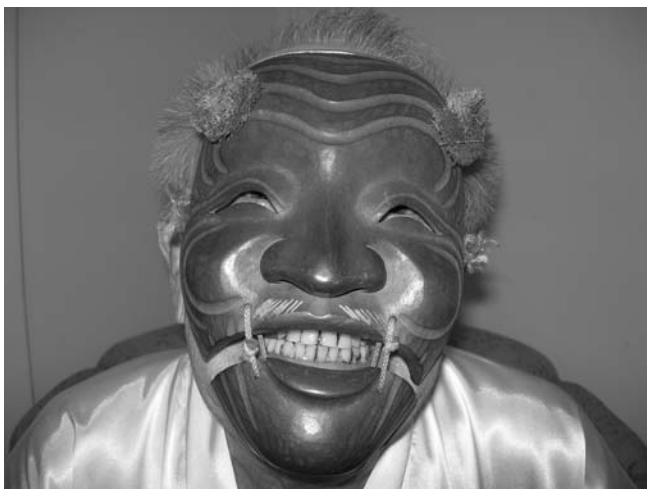
No meio da platéia, um alçapão se abre, uma liteira conduz a gueixa – pivô do ciúme – até o centro do palco. Esplendor e apuro técnico.

Entre um drama e outro, o sinete – comédia ligeira. Nessa hora, o público aproveita para abrir suas “caixinhas” e fazer uma refeição rápida entre risos e algazarras. Recreio total.

Agora, no ano de 2006, chega de Tóquio a notícia que o Kabuki, depois de uma série de dificuldades, estaria ameaçado de fechar suas portas



Okinawa, Minoro Miagui.



Emiliano com máscara de Okina – Teatro No

para sempre. Sua formação de componentes do grupo, todos homens, era restrita a uma classe: famílias tradicionais de atores, onde os papéis passavam de pai para filho. Com o tempo, acabou ficando sem sucessores.

Com a crise se agravando pela invasão de novas culturas, para não desaparecer, o Kabuki mudou toda a sua estrutura, na esperança de que surjam novos valores e interesses. Abriu uma escola para crianças de ambos os sexos que pagam alto por uma educação ministrada pelos atores mais jovens.

210 Mesmo com todo o respeito que os japoneses têm à tradição, a entrada das mulheres foi aceita com naturalidade. Assim como a chegada de atores de família leiga. Para o bem e continuação dessa arte.

Na volta, atravessamos o oceano Pacífico. Passamos por Honolulu, Hawaí, e chegamos ao continente americano por Los Angeles, Califórnia, onde brincamos com sonhos da infância. De Hollywood à Disney e, de lá, para Nova York.

O Actor's Studio continuava ali no coração de Manhattan. Sua fama nos anos 1950 alcançou mundo quando, buscando uma identidade mais autêntica para o ator americano, revelou para o

teatro estrelas como Marlon Brando, Montgomery Clift, Joane Woodward, James Dean, todos eternizados pelo cinema.

Em 1977, o lendário Lee Strasberg continuava à frente do Actor's. Chegamos ali, eu e Letícia, através do Instituto Americano de Teatro, para participar de aulas práticas, exercícios e da concorrida aula especial de Mr. Strasberg. O método Stanislavski foi o adotado pelo Actor's em sua busca pela memória emotiva, o cotidiano, o autoconhecimento.

Lee Strasberg, pequeno em sua compleição, com um tipo quase casual, incendiava à primeira palavra. Nessa ocasião, sua aula consistia em audições com atores que apresentavam uma cena e, depois, eram submetidos à avaliação do mestre. Impiedoso, frio, sagaz, detectava logo o efeito em detrimento do sentimento. Anulava o ator, o desnudava diante de todos e passava ao próximo trabalho. Abominava o que era feito para impressionar e destacava a importância do conhecimento da própria respiração.

Mas um exercício mereceu seu reconhecimento. Na cena, uma mulher vítima de derrame perde a clareza total da voz e os movimentos de um lado do corpo e ninguém sabe o que o provocou. Ela tenta explicar a uma amiga que encontrar o

marido com outra mulher desencadeou o derrame. Com esforço pungente, ela faz a denúncia que nós, da platéia, entendemos, mas sua amiga não.

Um traço da personalidade de Lee Strasberg: um ator presente à aula teve um ataque e caiu desmaiado. Houve um pequeno alvoroço, chamaram um socorro, que chegou com policiais e médicos. Durante a confusão, ele, impassível, repetia:

– Stay relax, stay relax...

Cogitado se o desmaio seria fome, droga ou nervos, chegaram ao diagnóstico de hipoglicemia, falta de açúcar no sangue. Socorrido o moço,



Equus, com Ricardo Blat

Mr. Strasberg consultou o relógio, descontou os quinze minutos de interrupção e prosseguiu com sua aula.

Encontramos, no curso do Actor's, Celso Nunes, que dirigiu *Equus* no Brasil. Atores que faziam teatro em Nova York, ex-alunos do Studio, compareciam às "audições" de Mr. Strasberg. Nesses dias, transitavam por lá Rod Steiger, Mia Farrow e Anthony Perkins.

Como sempre nasce uma estrela em toda história que se preza do *show business* americano, correu no Actor's a notícia de que a atriz do exercício do derrame tinha saído de lá contratada para um filme em Hollywood. E era verdade. Um olheiro que estava presente na audição contratou a moça. Voltamos ao Actor's Studio em nossa próxima temporada em Nova York.

213

Alguns momentos especiais nos teatros da Broadway ficam aqui registrados: *The night of tribades*; uma biografia de Strinberg durante o processo de ensaios de *A mais forte*, com Bibi Anderson, Max Von Sidow e Eillen Atkins; *The elephant man*, com David Bowie, e *Miss Margarida way*, com Estelle Parsons, dirigida pelo autor, o brasileiro Roberto Athayde – no Brasil, com o título original de *Apareceu a Margarida*, Marília Pêra foi a intérprete, um grande sucesso.

Gina – 1978

Escalado por Herval Rossano, fui falar com ele:

- Pois não, Herval.
- Tem passaporte, cara?
- Tenho. Acabo de chegar de uma volta ao mundo.
- Então, vamos para Nova York. Vamos gravar uma novela em Manhattan!

214 Falei com o Luiz Antônio Martinez Correia para saber se havia a possibilidade de ficar quinze dias fora dos ensaios da *Ópera do malandro*. Ele disse que a produção estava muito adiantada e eu não deveria deixar de fazer a novela, pois a viagem a Nova York ia contribuir para o meu trabalho na *Ópera*. E assim fomos rumo aos States. Herval Rossano, Mário Márcio Bandara, na ocasião, seu Assistente, e Cristiane Torloni, a bela Cristiane, aos dezoito anos de idade.

Na novela de Rubens Ewald Filho, o seu amor pelo cinema estava no meu personagem, Fernando, um diplomata. Apaixonado por Gina (Cristiane Torloni), passeia com ela pelos pontos turísticos de Nova York que serviram de cenário para filmes famosos.



Gina, com Cristiane Torloni

A locação que me seduziu foi o Little Italy, cenário de *O poderoso chefão*. Tínhamos um trailer e, de madrugada, íamos para aquele pedaço da Itália plantado em Manhattan. Filmávamos antes do movimento das ruas, pois nossa trama se passava em 1958 e estávamos em 1978. Esquecia o trailer e ficava na rua, mesmo quando não estava gravando.

A partir dos oito anos, o cinema entrou na minha vida. Os meus ídolos, os meus ícones, sempre estavam relacionados a ele. Comecei a assistir filmes na Base Aérea – herança da Segunda Guerra Mundial em Fortaleza –, onde eram exibidos antes de entrar em circuito comercial. Ali eu vi *Sangue e Areia*, com Tyrone Power, Rita Hayworth e Linda Darnel, *A marca de Zorro*, *O mágico de Oz*, *Marujos do amor*, com Gene Kelly, o carnavalesco *Esse mundo é um pandeiro* e todos os filmes do Gordo e o Magro.

Um dia, eu estava gravando uma cena no Washington Square Garden, usando microfones de lapela, com aqueles fios imensos, e a Cristiane caminhando ao meu lado. O meu texto dizia mais ou menos assim:

– Foi aqui que Henry James viveu e situou o seu romance *A herdeira*. Numa dessas casas morava a personagem da história que foi feita no cinema

por Olivia de Havilland. No Brasil, a peça foi encenada no teatro com Bibi Ferreira – e acrescentei – tendo como galã Herval Rossano.

Quando eu falei isso no teste de som, Herval deu um pulo do carro onde estava sendo feita a seleção de imagens e falou:

– Não fala isso, não, você é louco! Mas vem cá, você viu isso mesmo?

Não só vi, como foi a chegada da companhia de Bibi em Fortaleza que me acelerou os neurônios para o delicado ofício que é a atuação, a longa viagem na busca do faz-de-conta.

217

Uma noite, eu fui ao teatro e, depois, me convidaram para uma sessão de jazz. Eu fui esticando, aproveitando aquela Manhattan em pleno verão e a noite correu. Dia seguinte, eu e Cristiane tínhamos uma gravação dentro de um *ferry boat* rumo à Estátua da Liberdade.

Cheguei ao set de filmagem para gravar a cena e o meu olho estava cansado, mal-dormido. Como todos os turistas estavam de óculos escuros, pois era um dia de sol forte, eu enfiei uns óculos na cara. Ensaiei e, na hora da cena, Herval falou:

– Tire esses óculos.

Eu ainda tentei:

– Não, não, mas...

Ele foi definitivo:

– Você acha que eu vou trazer um ator do Brasil para os Estados Unidos para ele chegar aqui e botar uma máscara na cara? Tire esses óculos agora – e puxou os meus óculos.

Durante a cena, eu falava para Cristiane das belezas de Manhattan à proporção que o *ferry boat* chegava próximo à ilha da Estátua da Liberdade. As águas do rio eram um verdadeiro rebatedor daquele sol. Assim, ao mesmo tempo em que discorria sobre as belezas da cidade, lágrimas copiosas caíam dos meus olhos, que ardiam como pimenta.

Na segunda fase da novela, Sérgio Mattar passou a dirigir com supervisão de Herval. A essa altura,



Hoje é dia de Maria

eu e Cristiane tínhamos dois filhos, interpretados por Louise Cardoso, estreando na TV Globo, e Arlindo Barreto.

Voltei a trabalhar com Herval quando dirigiu o programa *Você decide*. Antes, já tinha feito com ele a novela *Maria, Maria*, no papel de um retirante. A novela de Manuel Carlos resgatou a obra de Lindolfo Rocha, *Maria Dusá*.

Da novela *Gina* e da viagem a N.Y., registro os companheiros: o autor Rubens Ewald, Herval, Mário Márcio e a minha querida Torloni.

Na volta para o Rio de Janeiro, o avião teve uma pane, um princípio de incêndio, na pista do aeroporto Kennedy. Fiquei ali sob o fogo cruzado dos aviões que subiam e desciam. O trabalho em Nova York me deixou com mais energia para chegar ao Brasil, recomeçar os ensaios de *Ópera do malandro* e conciliar esse trabalho com *Gina*. No elenco, Tereza Amayo, Denise Dumont, Diogo Vilela, Lauro Góis, Marcelo Picchi, Fátima Freire e Castro Gonzaga.

Capítulo XVI

Ópera do malandro

Tocou o telefone. Era Chico Buarque de Holanda me convidando para fazer sua peça, *Ópera do malandro*. Nessa ocasião, os jornais já estavam falando de uma montagem que seria o grande evento teatral. Eu andava ávido por desafios e *Ópera do malandro* chegou bem a tempo.

Com o diretor Luiz Antônio Martinez Correia, fizemos uma primeira leitura na casa de Chico



Elenco da Ópera do Malando e mais John Nechling, Maurício Sette, Chico Buarque e Luiz Antônio Martinez Correia (diretor)

Buarque, que foi dionisiaca. Todo mundo ansioso para participar de um trabalho daquela dimensão. Marieta Severo preparou um *buffet* maravilhoso. Silvia Buarque, bem menininha, ajudando a servir, já era uma atriz. Depois da leitura, arrebatados, ficamos excitados e o vinho trouxe um calor a mais. Fomos ensaiar no Clube Fluminense. As primeiras leituras foram bem, depois o Luiz Antonio começou a fazer laboratório. Exemplo: todos os bandidos tentando transar com Fichinha, uma das prostitutas. Ela resistindo bravamente. Depois deste dia, de gritos e palavrões, o Clube ficou incomodado. Tentamos ir para um clube da rua São Clemente. Novamente, as limitações impostas impediram a liberdade necessária ao trabalho.

Daí Maria Letícia sugeriu: “venham ensaiar aqui em casa”. Eu alertei que eram umas vinte pessoas, fazendo laboratórios do arco da velha. Maria Letícia não se importou, convidou o elenco, os músicos e começamos a ensaiar em nossa casa na rua Joana Angélica, em Ipanema, ainda hoje sede da nossa firma, a Estúdio Pesquisa.

Assistimos à obra de Bertold Brecht registrada em filmes. Nas aulas, o professor Manoel Maurício de Albuquerque repassou a História do Brasil, do descobrimento até a ditadura de Getúlio Vargas, cenário da peça.

Ópera do malandro, de Chico Buarque (1978), trazia a essência e a alma da *Ópera dos três vinténs*, de Brecht (1928), que, por sua vez, havia se inspirado na *Ópera dos mendigos*, de John Gay (1728). Nessa trindade, Genivaldo, vulgo Geni, trouxe o DNA da Jeny dos piratas, que foi moldada por duas personagens femininas da *Ópera* de Gay. Lotte Lenya foi a Jeny, de Brecht, cantando Kurt Weill. Começamos a improvisar segundo o roteiro de cada peça. A *Ópera* de Gay é situada entre os mendigos, as prostitutas, a ralé.

Na casa, foi montada uma estrutura para os ensaios. Tinha música de manhã com Paulinho Sauer, prostitutas e bandidos à tarde, depois cenas com Luiz Antonio e, no final, o pessoal que sobrava ficava conversando até de madrugada.

223

Eu e Leticia trouxemos do Japão máscaras com expressões que compõem o teatro Kabuki – a mocinha, o diabo, o vilão, a morte e a vida – e uma de madeira do Teatro Nô, o Velho Okina.

Influenciado, voltei com a idéia de fazer um personagem no qual eu desenhasse a emoção na minha cara. Trouxemos uma maquiagem de cera para desenhar, no rosto, a alma exposta. Um dia, Luiz Antonio disse:

– Nós vamos fazer a montagem da *Ópera dos mendigos*, correndo pela casa inteira.

Assim, a varanda da frente da nossa casa virou a delegacia, onde a Cidinha Milan era espancada. Na sala, as prostitutas ficavam sentadas à espera dos clientes. Mara Rúbia, a dona do bordel, descia correndo as escadas, via o piano e tocava. E eu fazendo “vida” pelas dependências da casa como uma prostituta bêbada e encenqueira. Foi uma improvisação dinâmica da peça de John Gay.

Colocamos à disposição da montagem alguns figurinos comprados na Broadway e os da peça *Dama de Copas*. Luiz Antonio dirigia com entusiasmo e conhecimento. Nós o apelidamos de *O jovem Brecht*.

- 224 Tínhamos uma preparação de corpo pesada com o carnavalesco Fernando Pinto e com Ronaldo Resedá. Nosso professor de História, Manoel Maurício, contava como era a Inglaterra de 1728, qual o regime, como vivia a classe pobre, qual a quantidade de ratos que tinha na cidade, o grau de promiscuidade em que viviam os personagens de Gay.

Mara Rúbia explicou que estava com um problema pessoal e deixou a peça. Lamentamos a perda da Rúbia. Luiz Antonio trouxe, de São Paulo, Maria Alice Vergueiro, musa do Teatro Oficina.

Passamos, então, à *Ópera dos três vinténs*, de Bertold Brecht. Luiz Antonio nos trazia todas as

músicas de Kurt Weil que tinham sido a essência do teatro brechtiniano – um casamento perfeito. E entramos no universo de Brecht. E eu no personagem da Jeny dos piratas. Brecht fundiu dois personagens de Gay e nasceu Jeny, trapaceira, mulher da noite, bandidona e sedutora.

Chico Buarque veio assistir ao ensaio de Brecht na casa da rua Joana Angélica e brincou:

– Comecei a ouvir os gritos de vocês desde a praça Nossa Senhora da Paz. Vim guiado pelo ouvido.

Alguns vizinhos já tinham reclamado dos ensaios, Ary Fontoura, tentando apaziguar o ânimo de uma vizinha, que reclamava ao telefone, disse:

225

– Minha senhora, trata-se de uma peça.

E a mulher respondeu:

– Pois é, mas eu pretendo assistir no teatro, não daqui da minha cama. Agora eu quero dormir.

A música da Geni tinha três estrofes, mas Chico Buarque, depois do ensaio, me pediu para esquecê-la, pois ele ia compor outra.

Depois da peça de Brecht, segunda trindade da sequência de óperas, partimos para o terceiro movimento, a *Ópera do malandro*.

Herval Rossano me chamou para gravar em Nova York a novela *Gina*, de Rubens Ewald Filho. Falei com o Luiz Antonio e ele me incentivou a fazer.

Quando eu voltei, Chico Buarque já estava com a nova música pronta, era *Geni e o Zeppelin*.



Ópera, Maria Alves, Otávio Augusto, Elza de Andrade e Cidinha Millan





GENI E O ZEPHELLIN

Letra e música de Chico Buarque

De tudo que é nego torto
Do mangue e do cais do porto
Ela já foi namorada
O seu corpo é dos errantes
Dos cegos, dos retirantes
É de quem não tem mais nada
Foi assim desde menina
Das lésbicas, concubina
Dos pederastas, amásio
É a rainha dos detentos
Das loucas, dos lazarentos
Dos moleques do ginásio
E também dá-se amiúde
Aos velhinhos sem saúde
E as viúvas sem porvir
Ela é um poço de bondade
E é por isso que a cidade
Vive sempre a repetir
Joga pedra na Geni
Joga pedra na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Um dia surgiu, brilhante
Entre as nuvens, flutuante
Um enorme zepelim
Pairou sobre os edifícios
Abriu dois mil orifícios
Com dois mil canhões assim
A cidade apavorada
Se quedou paralisada
Pronta pra virar geléia
Mas do zepelim gigante
Desceu o seu comandante
Dizendo - Mudei de idéia
- Quando vi nesta cidade
- Tanto horror e iniquidade
- Resolvi tudo explodir
- Mas posso evitar o drama
- Se aquela formosa dama
- Esta noite me servir

Essa dama era Geni
Mas não pode ser Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni

Mas de fato, logo ela
Tão coitada e tão singela
Cativara o forasteiro
O guerreiro tão vistoso

Tão temido e poderoso
Era dela, prisioneiro
Acontece que a donzela
- e isso era segredo dela
Também tinha seus caprichos
E a deitar com homem tão nobre
Tão cheirando a brilho e a cobre
Preferia amar com os bichos
Ao ouvir tal heresia
A cidade em romaria
Foi beijar a sua mão
O prefeito de joelhos
O bispo de olhos vermelhos
E o banqueiro com um milhão
Vai com ele, vai Geni
Vai com ele, vai Geni
Você pode nos salvar
Você vai nos redimir
Você dá pra qualquer um
Bendita Geni

Foram tantos os pedidos
Tão sinceros, tão sentidos
Que ela dominou seu asco
Nessa noite lancinante
Entregou-se a tal amante
Como quem dá-se ao carrasco
Ele fez tanta sujeira
Lambuzou-se a noite inteira

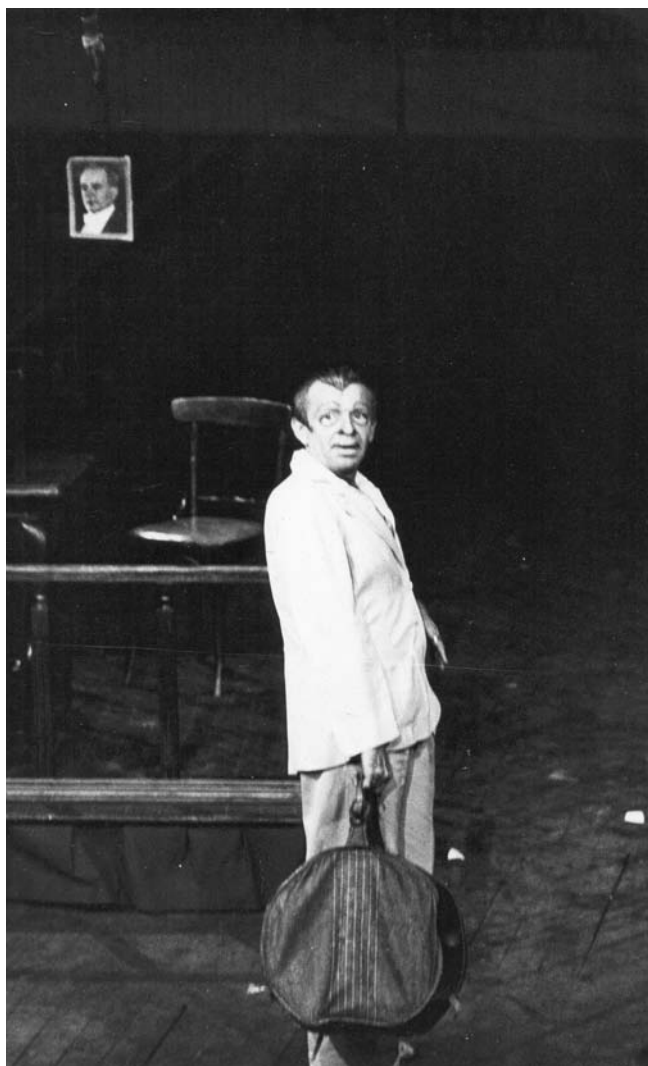
Até ficar saciado
E nem bem amanhecia
Partiu numa nuvem fria
Com seu zepelim prateado
Num suspiro aliviado
Ela se virou de lado
E tentou até sorrir
Mas logo raiou o dia
E a cidade em cantoria
Não deixou ela dormir
Joga pedra na Geni
Joga bosta na Geni
Ela é feita pra apanhar
Ela é boa de cuspir
Ela dá pra qualquer um
Maldita Geni





Geny, *Ópera do malandro*





Carlos Kroeber brincou:

– Ah, não. A minha música só tem 9 linhas, a sua tem 98? Vou-me embora da peça.

Deixou o elenco depois, não por essa razão, é claro. Tony Ferreira assumiu o personagem.

O erudito John Nechling era o diretor musical, um talento. Quando eu quis cantar a música da Geni, tive dificuldades. Enquanto o coro entrava, formado por Elba Ramalho, Claudia Jimenez, Cida Moreira, Cidinha Milan, Ilva Nino, Wander de Castro, Paschoal Vilaboim, Maria Alves, Vicente Barcelos e Neuza Borges, eu dançava correndo pela passarela. Daí eu me enrolei todo para retomar a música. Depois de uma sucessão de erros, Nechling explodiu comigo, eu quis deixar o trabalho, mas Chico, paciente, disse:

– Não, se você não cantar a música, você diz.

Ele interferiu de uma forma serena, muito positiva, e eu continuei.

Glorinha Beuttenmüller estava fazendo o trabalho de voz. A *Ópera do malandro* foi uma produção do Teatro dos Quatro, tendo à frente Sérgio Brito, Paulo Mamede e Mimina Rovêda. Durante os ensaios da peça, eu quis desenhar

o corpo, tinha um sapato de salto alto, largo, quase militar, daí o Luiz Antonio pedia para eu arrebitar a bunda. Inspirada num camareiro do Teatro Copacabana, que valorizava sua anatomia com enchimento, Letícia comprou um travesseiro de bebê, costurou ao meio – ficou uma bundinha perfeita – e eu coloquei. Deu uma nova silhueta. Uma vez, no ensaio, de madrugada, cansado, fui ao camarim, tirei o travesseirinho e voltei para ensaiar.

Daí a Glorinha falou:

– Você está muito triste.

E eu respondi:

– É, estou desbundado.

E ela:

– Literalmente, pode voltar e botar a bundinha.

Ela viu que, ao tirar o travesseirinho, Geni tinha fugido. Ela sabia que aquilo era parte do meu personagem, externo, acoplado ao interno, portanto, muito importante. Maurício Sette, cenógrafo, e Rita Murtinho, figurinista, aprovaram o acessório.

Uma noite, Glorinha pediu para passar uma cena da peça. Quando eu dizia “aqui na Lapa”, o tom era como se a Lapa estivesse lá longe, nos Arcos. Já ensaiávamos no Teatro Ginástico a algumas quadras da rua da Lapa. Glorinha disse:

– Não, a Lapa está aqui no palco, aqui é a Lapa.

Me concentrei para dizer a música da Geni. E ela foi me fazendo ver, a cada palavra, a imagem correspondente, o real sentido de cada uma delas. Eu dizia: “De tudo que é nego torto, do mangue e do cais do porto”, e Glorinha perguntava:

– Qual a diferença entre negro do mangue e do cais?

238

Falei que o “nego” do mangue estava em baixa, meio bebum, meio sujo, e o do cais do porto, aquelas figuras musculosas, fortes, lustrosas, mais para Cândido Portinari. Era a imagem da palavra em toda a sua delicadeza. O Paulinho Sauer acompanhou ao piano minha emoção sem cobrar os “bemóis a meia voz”.

Glorinha nos alertava para envolver o espaço com a voz, o palco e a platéia, no que ela classifica como o grande abraço sonoro.

No meio da temporada, um susto. Tinha uma hora em que eu saía de cena e só voltava quando

Marieta terminava de cantar, com Elba, *O meu amor*. Nessa música, eu tinha de ficar atento. Meu camarim ficava no andar de cima. Eu entrei e deixei a chave na porta. Elas já começavam a cantar. Quando tentei sair, a camareira tinha trancado a porta por fora. Primeiro, chamei em voz baixa por alguém, depois pedi socorro. O cão galgo de Tony Ferreira uivou no camarim. Ninguém me ouvia e a música delas acabando. O camarim do Teatro Ginástico dava para um estacionamento. Fui até a janela e pedi ajuda a uns travestis que batiam ponto por ali. Eles foram, esmurram a porta que dava para o palco. Quando o porteiro abriu, apavorado, disseram:

239

– A Geni está trancada no camarim e tem de descer para cantar.

Me soltaram e eu corri para cantar *Geni e o Zepe-lim*. Como sempre “soltei os bichos”.

Geni tinha uma tatuagem feita em pilot por Serginho, nosso filho, e que Maria Letícia retocava todas as noites. Na praia, eu aparecia com o desenho exótico. Geni não me largava.

Por mais de um ano fui aplaudido quase todas as noites ao final da música, mas precisei me afastar. Tonico Pereira assumiu Geni. No meu último dia de *Ópera do malandro*, queria sair

sem me despedir de ninguém. Mas a orquestra me esperava no palco tocando *Adeus amor, eu vou partir...* Todos ainda com os figurinos da peça. Foi lindo.

Matéria de Susana Schild, em 1990 – 12 anos depois da estréia da *Ópera do malandro*

(...) *Stelinha*, de Miguel Faria Jr., segundo concorrente do 18º Festival do Cinema Brasileiro de Gramado, abriu com garra a corrida aos prêmios deste ano. Dificilmente Ester Góes perderá o Kikito de melhor atriz, assim como Emiliano Queiroz o de melhor ator coadjuvante. Em não menos de cinco minutos, no papel de Alcides, o líder de fã-clube da cantora, Emiliano tem uma atuação comovente, comparável à mítica Geni que o consagrou, nos palcos, em *A Ópera do malandro*, de Chico Buarque. (...)

Matéria de Roberta Oliveira, no *jornal O Globo*, de 14 de julho de 2003 – 25 anos depois da estréia da *Ópera*

A primeira superprodução da era Miguel Falcabella como gestor da rede municipal de teatro: o musical *Ópera do malandro* no Teatro Carlos Gomes. *A Ópera do malandro* teve sua estréia em 1978 no Teatro Ginástico. Com direção de Luiz Antonio Martinez Correia, o musical reve-

lou Cláudia Jimenez e consolidou a carreira de Elba Ramalho.

Mas quem roubava a cena mesmo era Emilia-no Queiroz no papel de Geni. Na nova versão, dirigida por Charles Möeller e tendo Cláudio Botelho como diretor musical, o papel caberá a Sandro Christopher.

Homem é homem

Minhas memórias do Kabuki e de Geni da *Ópera do malandro* foram elementos fortes para, mais uma vez – e agora numa peça de Brecht –, expor na pintura do rosto a alma e o momento



Davi Pinheiro, Marcos Alvise e Ricardo Maurício

do personagem. Um exemplo: no segundo ato de *Homem é homem*, o sargento Fairchild, meu personagem, vem bêbado, vestido a rigor e os soldados em cena, Davi Pinheiro, Ricardo Maurício, Marcos Alvisé (foto), me agarram, me jogam para um lado e para o outro, me levantam para o alto como se eu fosse um boneco. À minha cara branca e aos meus bigodes pintados do início do espetáculo acrescentei um detalhe: os olhos fechados. Era assim que realizava toda a cena. Sobre as pálpebras, desenhei meus olhos vidrados e enormes. A sutil iluminação de Eldo Lúcio e a excelente tradução de Leyla Ribeiro enriqueceram a montagem.

242

Me realizei trabalhando no teatro Ipanema – de querida memória por *Hoje é dia de rock* e tantas outras criações – ao lado de Rubens Corrêa e dirigido por Ivan de Albuquerque. Ivan havia visto *Ópera do malandro* e, quando me chamou para fazer *Homem é homem*, me disse:

– Emiliano, você me arrebatou cantando Geni.

A peça de Brecht era complicada, então, cada um de nós era encarregado de fazer alguma coisa nos bastidores. Eu puxava uma corda para levantar um painel. Todas as noites, quando Rubens Corrêa passava por mim no palco e me via fazendo aquela contra-regragem, dizia:

– Emiliano, vou colocar isso nas minhas memórias. Você, num momento de total inspiração, como contra-regra de *Homem é homem*.

Trechos da crítica de Yan Michalski, no *Jornal do Brasil* de 15 de janeiro de 1980, sobre a peça *Homem é homem*, de Bertold Brecht, realizada no Teatro Ipanema:

Ao analisar o processo de transformação do carregador Galy Gay no sanguíneo soldado Jeraiah Jip, Brecht nos alerta para a possibilidade do ser humano ser modificado para o pior a fim de ser facilmente manipulado por interesses escusos. (...) É desse humor de fala sinistra que o diretor Ivan de Albuquerque parece ter partido para definir o desenho estilístico do espetáculo, que se confunde, em ampla medida, com a definição do tom interpretativo do protagonista Rubens Corrêa em magistral composição. Os outros intérpretes entrosam-se harmoniosamente na proposta da encenação, destacando-se a violência bruta de Davi Pinheiro, a brutalidade pérfida de Emiliano Queiroz e a sedutora presença de Leila Ribeiro.



Homem é homem, Leila Ribeiro

Capítulo XVII

Filmes e diretores

Independência ou morte - 1972

O cenógrafo Campelo Neto me indicou ao diretor Carlos Coimbra para um personagem no filme *Independência ou morte*. Quando Coimbra me conheceu, acabou trocando de papel e me dando o Chalaça.

O filme de Oswaldo Massaini seria lançado nas comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil. Ao contrário do que se falou, o filme não teve nenhuma subvenção oficial nem foi produzido com a ajuda do governo. Foi uma realização do Massaini, um produtor de grandes obras, como *O pagador de promessas*, de Anselmo Duarte.

245

No elenco, Tarcisio Meira, como Dom Pedro I, e Glória Menezes, como a Marquesa de Santos. Kate Hansen fazia Dona Leopoldina e Dionísio Azevedo, que também era o diretor de atores, fazia José Bonifácio. Foi especial encontrar pelos sets, embora rapidamente, Anselmo Duarte, Lola Brah, Ilka Soares, Vanja Orico, Abílio Pereira de Almeida. Manuel da Nóbrega e Heloísa Helena fizeram, respectivamente, D. João VI e Carlota

Joaquina. Tarcísio Meira Filho, D. Pedro criança e Maria Cláudia, D. Amélia.

O filme representa o momento da família imperial no Brasil que resultou no famoso e histórico Grito da Independência.

Aliás, esse grito ficou famoso para mim. Na filmagem em Gericinó, ativaram um riacho especialmente para a cena, que contaria com a participação dos Dragões da Independência.

Então lá fui eu participar do grito histórico de D. Pedro. A cena foi montada de forma *hollywoo-*



Independência ou morte, Jairo Arco e Flecha, Glória Menezes e Tarcísio Meira

diana. Centenas de cavalos, o rio, uma beleza. No ensaio, eu me agarrei em cima daquele cavalo e fui. Chegando lá, formamos o quadro da independência com a fila dos homens mais próximos de D. Pedro, onde eu estava incluído e, mais atrás, os Dragões, representando a tela consagrada de Pedro Américo. Tarcísio, a cavalo, na frente, corria como D. Pedro, em um momento muito forte de sua ótima interpretação. Ensaíamos umas duas ou três vezes e tudo correu bem.

Quando estávamos nos preparando para filmar – eu já em cima de meu cavalo – o cavaleiro que estava ao meu lado, um oficial dos Dragões da Independência, me deu alguma orientação para eu ficar mais à vontade com aquele cavalo tão grande e tão largo que as minhas pernas mal conseguiam abarcar. No momento em que eu estava agradecendo a ele, o diretor gritou:

247

– Ação!

Me distraí, os cavalos foram, eu escorreguei pela traseira do bicho e fiquei ali parado, no meio daquela poeira, com aquele tropel passando dos dois lados. Eles desviaram de mim, saí ileso. Cavalos e cavaleiros chegaram até a margem do riacho, fizeram o círculo. Tarcísio, de espada em punho, olhou o meu cavalo que chegou e se colocou no lugar da sua marcação. Eu não estava

em cima dele, mas para o cavalo, tudo bem, ele havia cumprido a sua missão.

– Cadê o Emiliano!

Estavam todos preocupados, porque eu podia ter sido machucado por aquele tropel. Mas aí, a poeira foi cedendo, fui cambaleando cabreiro até eles.

O diretor ordena:

– Vamos refazer a cena. Enche o Ipiranga. Volta os cavalos pro lugar.

248 O caminhão-pipa encheu o rio Ipiranga outra vez e os cavalos voltaram para o lugar. E voltaram todas as coisas. E eu, humilhadíssimo com aquele mal-estar de ter provocado e ser o responsável por refazer uma cena tão complicada.

Aníbal Massaini, que também estava fazendo um dos oficiais da comitiva de D. Pedro, brincava muito comigo com essa história do cavalo. Sempre que eu estava em cima de um ele falava, debochando de mim:

– Força Chalaça, força Chalaça!

Então o diretor gritou:

– Põe o Emiliano em cima do cavalo e vamos rodar.

E o Aníbal:

– Põe o Emiliano em cima do cavalo e amarra!

Claro que eu não precisei ser amarrado e estou lá até hoje na reprodução do quadro de Pedro Américo.

Independência ou morte, um sucesso absoluto, entusiasmou as platéias. O diretor, Carlos Coimbra, realizou filmes como *A madona de cedro* e *Lampião* com Leonardo Vilar. Durante anos, no dia 7 de setembro, o filme foi exibido nos mais variados canais: Globo, SBT e TVE. Agora ele faz parte do acervo do Canal Brasil. *Independência ou morte*, viva!

249

Flavio Tambelini, pai

No início de sua carreira, Flávio Tambelini foi crítico de cinema dos Diários Associados. Idealizador do Grupo Executivo da Indústria Cinematográfica, órgão que depois virou o Instituto Nacional de Cinema. Foi ele quem levou para as telas Nelson Rodrigues e Rubem Fonseca.

Tambelini me distinguia como um ator de raras qualidades. Me deu o roteiro de *Extorsão* para



Extorsão

escolher o papel que eu quisesse. Segundo ele, escolhi o menor, mas claro que escolhi aquele com que mais me identifiquei. Para mexer com ele, eu dizia:

– Se eu filmar cinco dias com você você vai me amar. Se eu filmar cinquenta dias, você vai enjoar de mim.

Ele ria. Tambelini freqüentou a nossa casa e era querido por todos os amigos.

Quando nos deixou, em 1976, tinha três ou quatro roteiros para filmar e em todos eles, um papel para mim. Brincando, ele dizia que eu era um ator bergminiano. *Extorsão* foi minha primeira indicação para o Kikito no Festival de Gramado.



Extorsão, o instigante filme de Tambelini

Oscar Santana – 1976

Oscar Santana participou de todo o movimento do *Cinema Novo* baiano, fez filmes com Glauber Rocha e Roberto Pires.

Cabeção era o meu personagem no seu filme *O pistoleiro*. Naquela época, eu era cabeludão. A primeira idéia foi raspar a cabeça. Oscar tinha gostado, mas quando eu cheguei em Salvador, ele falou:

– Vamos encaracolar esses cabelos.

Fui ao cabeleireiro, meu cabelo foi frisado e eu fiquei com uma cabeça enorme, de medusa, cheio de cachos. Cabeção era o afilhado, protegido do



Pistoleiro, com João Carlos Barroso

dono da fazenda, interpretado pelo Gilberto Martinho. O personagem era cruel, mas ao mesmo tempo infantil e carente.

O filme mostra o universo dos matadores profissionais, e gira em torno da história de um rapaz que recebe uma missão: matar. O personagem-título é interpretado por João Carlos Barroso. Uma das cenas mais violentas que eu já rodei foi aquela em que um inimigo do “padrinho” é atrelado a um jipe. O jipe corre arrastando esse homem e eu batendo nele, flagelando o pobre coitado. Rui Rezende fazia o capataz da fazenda. João Carlos Barroso e eu fomos indicados ao prêmio Coruja de Ouro. Não ganhamos, mas foi valiosa essa indicação por nosso traba-



Com o diretor Oscar Santana





O pistoleiro

Iho no filme de Oscar Santana. Leo Bartucci fez a fotografia.

O roteiro era de Michael Sarne, inglês, que dirigiu o clássico *Joana*, o último filme de Mae West, *Myra Breckinridge*, e fez músicas com os Beatles. Foi dirigido por ele em *Intimidade*, com Vera Fischer e Perry Salles.

Geraldo Miranda - 1976

Na década de 1960, na época do Festival Internacional de Cinema, no Rio de Janeiro, estavam presentes Catherine Deneuve e sua irmã Françoise Dorléac, que era ainda mais bela. Françoise se apaixonou por Geraldo Miranda e os dois

tiveram um romance. Françoise viajou para a África cumprindo um contrato cinematográfico com a promessa de voltar ao Brasil e reencontrar o seu amado. Um trágico acidente de carro, quando voltava de uma filmagem, levou a vida de Françoise.

Quando Geraldo me convidou para o filme *Um brasileiro chamado Rosaflor*, eu fiquei encantado com sua personalidade. Ele falava baixo, com voz mansa, amava o cinema e sabia, com precisão, aquilo que queria colocar na tela. Era uma história estranha e bonita sobre uma mulher, interpretada por Joana Fomm, e quatro irmãos de uma mesma família poderosa da região. Os irmãos eram interpretados por Carlos Kroeber, Otávio

Augusto, eu e Ura de Agadir.





Um brasileiro chamado Rosaflor, Joana Fomm e Rui Santos, na câmera

Na trama, esses irmãos abusam da moça e o tempo passa. Anos depois, o filho dessa mulher, já adulto, interpretado por Stephan Nercessian, planeja uma vingança. Ele resolve eliminar cada um dos irmãos de uma maneira diferente e, assim, vai cumprindo a sua promessa assassina.

258 O meu personagem é seqüestrado pelo de Stephan e levado para dentro de uma mata, para morrer de fome e de sede. Angustiante. Ele invadia o meu carro na Praça XV e me obrigava a dirigir, tomando o caminho da Barra da Tijuca. Naquela época a Barra era um deserto. Na cena, nós parávamos o carro próximo a um terreno que estava sendo loteado e corríamos para entrar no mato. Quando entramos no mato, o terreno era movediço e nós começamos a afundar. Era um pântano. Tivemos de ser socorridos.

Em cima desse pântano, hoje, estão construindo verdadeiros arranha-céus na "Manhattan carioca".

Lamentavelmente, as cópias do filme se perderam. No elenco: Susana Faini, Lucélia Santos e Jofre Soares. Fotografia de Ruy Santos.

Geraldo Miranda saiu do nosso convívio muito jovem. Esse foi seu único longa-metragem.

O inferno pediu
seis homens
e...

Um brasileiro chamado **Rosa flor**

um filme de **Geraldo Miranda**



com **Stepán
Nercessian
Joana Fomm**

**Lucelia Santos. Jofre Soares. Suzana Faini
Carlos Kroeber • Emiliano Queiroz • Oswaldo Loureiro
Otávio Augusto • Tuna Espinheira • Ura de Agadir**

montado por Ana por Ana

foto de **Rui Santos**

colando

Produção
Cine e Vídeo
Cine e Vídeo
Linha de Filme



Oswaldo Caldeira – 1989 - 1999

Fiz dois filmes com Oswaldo Caldeira. *O grande mentecapto* (1989), inspirado no romance de Fernando Sabino, rodei em Belo Horizonte, contracenando com Diogo Vilela. Faço um político estressado, candidato a prefeito.

Em *Tiradentes* (1999), estou na pele de Cláudio Manuel da Costa, o poeta. Filmei no teatro de Ouro Preto onde meu personagem ensaia uma peça de sua autoria. Cláudio Manuel vai preso e encarcerado na casa de um dos seus velhos companheiros de ideais políticos (Cláudio Cavalcanti). Um poeta aprisionado que termina enforcado na



O grande mentecapto, com Diogo Vilela



Tiradentes

casa de seu melhor amigo. Quando nós filmamos *Tiradentes*, o som deixou a desejar para o diretor e nós tivemos de dublar. No processo, consegui aprimorar meu trabalho. Uma composição sensível e que ganhou com a dublagem.

Miguel Faria Jr.

Meu primeiro encontro com Miguel Faria Jr. foi durante a temporada de *Navalha na carne* e *Dois perdidos numa noite suja*, em Belo Horizonte. Ele estava realizando o curta-metragem *Arte: Comunicação*, que falava do Brasil naquele momento. Já havia entrevistado José Celso Martinez Corrêa (*Roda Viva*), Tônia Carrero e Luiza, a querida babá de Tônia.

Meu trabalho com Nelson Xavier no filme de Miguel foi uma cena de *Dois perdidos*, que nós filmamos no próprio Teatro Marília, em Belo Horizonte, numa tarde de descanso da companhia. Só voltamos a nos encontrar para o filme *Stelinha* (1990), uma história de Rubem Fonseca, de quem eu já havia feito *Extorsão*, com Flávio Tambelini. O meu personagem em *Stelinha* é o presidente do seu fã-club, um apaixonado pela estrela.

Trabalhei com Marlene em *A dama de copas e o rei de Cuba* e ela tinha um fã-club enorme no Brasil. Grande sucesso na Rádio Nacional, foi eleita pelos fãs "a maior". Membros desse clube iam assistir à peça. Eles tinham uma característica que nos chamou a atenção: quando aplaudiam, o faziam com tal força, tal vigor, como se as palmas de um deles ou de uma delas valesse por quatro ou cinco pessoas. Os homens se comportavam diante dela como valetes, príncipes consortes, eles tinham uma postura de reverência e de muita dignidade.

A visão que eu tinha do presidente de um fã-club era de uma pessoa que organiza tudo isso, que tem uma missão com a estrela que ele elegeu. Stelinha não era uma cantora com o sucesso da Emilinha, Marlene ou Dalva de Oliveira. Seu sucesso se devia mais à sua beleza, juventude e graça. Tinha ainda uma bonita voz, mas se encontrava em decadência.

Ela começa a receber flores e acredita que são mandadas por Alcides, presidente do seu fã-clube. Resolve visitá-lo no cortiço onde ele mora. O encontro deles é o grande momento do meu personagem.

Quando eu fui experimentar o figurino, Carlinhos Prieto tinha imaginado um personagem com robe de chambre, pantufas, um ente exótico dentro do mundo em que ele vivia. Então, eu conversei com Prieto, depois com Miguel, e disse:

– Eu acho que Alcides não é um estranho no ninho onde ele vive. Ele é um homem dali. Quando sai daquele universo é que ele se veste como eleito daquela rainha.

263

Miguel e Carlinhos concordaram com minha observação. Então eu fiz a cena, de quando recebo Stelinha no cortiço, com uma bermuda, uma camisa comum, e na missa, calçado no que eu havia visto nesses fãs, de paletó e gravata, com a maior identidade masculina.

Nós filmamos a cena da visita dela no bairro da Saúde. Tinha um amolador de facas muito bêbado que não atendeu aos pedidos da produção de diminuir aquele barulho e nós terminamos filmando com aquela “serra” atrás de nós. Algum tempo depois, na praia do Leblon, eu encontrei com Arnaldo Jabor, que falou:

– Eu vi o filme do Miguel e você está com um trabalho muito bom, Emiliano. O Miguel só está em dúvida sobre ter de dublar porque aquele barulho da serra atrapalha. Eu falei para ele tentar limpar o som para não perder sua voz gravada ao vivo.

Fiquei torcendo para não dublar, eu tinha feito o personagem com uma emoção tão própria, tão do tamanho a que eu tinha me proposto. E não dublamos.

264 Quando Miguel me chamou para fazer *Stelinha*, o cinema estava passando por uma grande crise e se filmava muito pouco. Filmes mais expressivos eram fruta rara.

Nunca avaliei um personagem por seu tamanho dentro da história. Ser um “momento” dele me basta.

O filme teve uma sessão privada numa distribuidora de cinema e o José Lewgoy me disse:

– Alcides é um trabalho para prêmio.

O filme foi para Gramado e ganhou vários Kikitos: Melhor Filme, Direção (Miguel Faria Jr.), Atriz (Ester Góis), Atriz Coadjuvante (Stela Freitas), Trilha (Edgar Duvivier), Fotografia (Jacques Cheui-

che) e o Prêmio de Melhor Ator Coadjuvante, que foi para mim. *Stelinha* marcou uma retomada do meu trabalho no cinema. Ester Góes, embora tenha uma bela voz, por urgência da produção, foi dublada nas canções por Adriana Calcanhoto.

Trechos da crítica de Wilson Cunha em *O Dia*, de 2 de agosto de 1990

Gramado, maior de idade

(trecho da crítica)

“(...) Recorrendo a elementos clássicos de melodramas, o roteiro de Rubem Fonseca trafega por títulos conhecidos – algumas vezes *Stelinha* pode lembrar *Por Volta da Meia Noite*, por exemplo, a outros pode recordar *O que Terá Acontecido a Baby Jane...* – recolhe episódios igualmente palpáveis (como a missa de aniversário de Emilinha) da memória afetiva da platéia e traça o painel dos que foram e não sabem conviver com o ter sido.

Nessa se lançam com admirável empenho Ester Góis e Marcos Palmeira – mas, principalmente, Emiliano Queiroz. Em marcante participação, Emiliano Queiroz vem como presidente do fã-clube, o que ainda idolatra sua estrela, embora com uma ponta de nostalgia. Extraordinariamente patético.

Reencontrei Miguel Faria Jr. no século 21.

Um registro: em 1968, dirigido por Alcino Diniz, fiz o colorido *Jovens Pra Frente*. No elenco, Rosmary e Jair Rodrigues no auge da juventude e popularidade. O filme me deu um momento precioso: dividi o mesmo set com Oscarito, o Rei dos Reis do cinema brasileiro.



Com Marcos Palmeira e Ester Góes

Capítulo XVIII

Filmes e peças de que participei em outras funções

Feira livre – 1979

Saí da *Ópera do Malandro* e pulei direto para a rua Joana Angélica para dirigir *Feira livre*, de Plínio Marcos, produzido pelo Estúdio Pesquisa.

Maria Letícia trouxe para o projeto a coreógrafa Graciela Figueroa, uruguaia, bailarina clássica, e que foi para os Estados Unidos por problemas políticos. Lá fez um trabalho de dança moderna com Twyla Tarp, expoente da nova dança americana, coreógrafa do *Hair*, e dançou os solos de Nijinsky que não eram executados por mulheres. No Brasil, ela agregou o grupo Coringa, realizando um trabalho baseado no estudo sobre os movimentos naturais do corpo.

267

Maria Letícia escolheu o poema do Plínio Marcos, *Feira livre*, que Maria Helena Velasco apresentou. O texto do Plínio é uma pesquisa sobre os tipos e as cantigas de feira do Brasil. Estendemos essa idéia para a América Latina, influenciados por Graciela.

Maria Letícia convidou Glorinha Beuttenmüller, que tinha sido sua professora na escola de teatro

e que desenvolvia um trabalho com cegos de *sensitive training*. Fonoaudióloga, Glorinha começou a desenvolver seu método numa escola de cegos. Lá, chegou para eles e disse que não tinha experiência, mas queria ajudar. Perguntou qual a maior dificuldade que tinham. Eles responderam:

– Nós falamos sobre coisas que não vemos. Nós não temos a imagem do que falamos.

268 A partir daí, Glorinha começou a desenvolver o seu trabalho, que foi utilizado depois no teatro no sentido de buscar a imagem da palavra. Isso porque o ator, quando se reporta ao texto, se lembra do texto escrito no papel, sendo a reconstrução da imagem da palavra de grande utilidade no método de interpretação para o ator.

Quando Maria Letícia foi a São Paulo pedir os direitos a Plínio Marcos e disse que era uma criação coletiva, ele retrucou:

– Criação coletiva... tá, e quem dirige?!

Ela disse que Emiliano Queiroz podia dirigir e ele, então, aprovou na mesma hora:

– Tá, mas com a condição de o Emiliano ser o diretor.

Comecei a dirigir e fui agregado ao grupo Coringa junto com outros atores que queriam fazer um trabalho de corpo com Graciela.

Dirigi *Feira livre* para o Teatro Opinião com música de Kátia de França. Kátia nos foi apresentada por Elba Ramalho. Paraibana, maestrina, tocava sanfona e pesquisava sobre o som de cegos de feira. Seu trabalho foi acoplado ao nosso. Coreografia de Graciela Figueiroa, cenário de Mirela Nocera e figurinos de Maria Letícia, que também fez o papel do Pivete batedor de carteira, linchado na feira, por indicação de Plínio. No elenco, Maria Helena Velasco, Louise Cardoso, Ricardo Zambelli, César Manaus, Mestre Lua, Catalina Bonaki (romena, estreando aos sessenta e quatro anos, depois de cursar a escola de teatro), Luis Sérgio Lima e Silva, Patrícia Hungria, Sérgio Maia e eu.

269

No meu entusiasmo na direção de *Feira*, extrapolei de uma feira de bairro para todas as feiras, ao comércio em todos os sentidos.

A madrugada da feira se transformando na madrugada velada das zonas de prostituição, do álcool, das drogas.

A feira ecoava com seus pregões e suas cantigas populares:

A gente trabalha, trabalha...
Essa vida é uma batalha, bandalha
Tremendo saracotico.
Muito esforço feito a esmo
E por conta disso mesmo
Falta tempo pra ficar rico

Profecias apocalípticas também eram anunciadas
por Catalina Bonaki:

– Está acabando, vai acabar, está acabando,
vai acabar!

O sonho tinha acabado. Estávamos no fim do
movimento hippie e no início do movimento
punk. A *Feira livre* anunciava isso.



Feira Livre, Maria Letícia

Trecho da crítica de Luiz Carlos Maciel na revista *Veja* – 14 de fevereiro de 1979

Gestos de Força

Uma encenação feérica para Plínio Marcos

Plínio Marcos não é, certamente, o dramaturgo mais sutil ou delicado que se possa imaginar. Pelo contrário: a força de sua obra teatral irrompe de uma franqueza crua e quase brutal. Plínio fala direto, sem papas na língua – e seria simplesmente grosso, não fosse o seu faiscante senso de teatro, sem dúvida o maior em nossa dramaturgia desde Nelson Rodrigues. Com alentado número de textos proibidos pela censura e há oito anos sem lançar um trabalho novo no Rio de Janeiro, nesta **Feira livre** (Teatro Opinião) Plínio parece ter trocado o naturalismo feroz de suas primeiras peças pela linguagem do musical e a estilização que ela exige.

271

UMA ALQUIMIA – A grande surpresa do espetáculo, entretanto, não é o texto de Plínio, mas sim o trabalho de Emiliano Queiroz, que tomou o roteiro como simples pretexto para um exuberante exercício de encenação. Mesmo com sacrifício de suas intenções ingenuamente mais sérias – isto é, sociais e políticas –, Emiliano, ator sensível e receptivo, faz sua estréia na direção com um

espetáculo que é um verdadeiro caldeirão de influências, experiências e meras impressões. Dessa maneira ele retoma com descarada paixão a linha evolutiva do teatro brasileiro que, até fins dos anos 60, procurava uma nova linguagem para o espetáculo, sob a inspiração sem dúvida um tanto remota, mas magicamente viva, do francês Antonin Artaud (1896 – 1948).

272

Como o ecletismo e a mais aberta receptividade parecem caracterizar a visão do diretor, encontra-se de quase tudo em seu espetáculo – desde os traços caricaturais de teatro de revista à instigação sensorial e os golpes de pura teatralidade preconizados por Artaud. Para alimentar seu caldeirão – ou seja, sua própria idéia de “Feira livre”, como estilo de espetáculo –, Emiliano contou com a música que transformou os versos do texto em composições lineares mas animadas como cantigas de roda. O resultado final dessa alquimia sem preconceitos revela-se feérico.

Louise Cardoso exhibe graça e competência, Luís Sergio Lima e Silva um desenvolvido senso de detalhe e, finalmente, Maria Letícia mostra uma intuição cômica que merece ser saudada como autêntica revelação.

O mais importante, porém, é que não só eles, mas todo o elenco esbanja um genuíno e contagiante

prazer em estar no palco. Dessa maneira, o que falta ao espetáculo em matéria de limpeza artesanal ou apuro técnico sobra em vitalidade – sobretudo, aquela alegria em representar que, sem dúvida, faz parte da misteriosa essência do teatro vivo.

***Vejo um vulto na janela, me acudam que eu sou donzela* – 1981**

O sindicato estava fazendo leituras das peças que tinham sido censuradas durante muito tempo e que tinham sido liberadas com a abertura. O objetivo era revitalizar essas peças para não serem esquecidas e colocá-las no mercado. Maria Letícia escolheu para ler a peça de Leilah Assunção, *Vejo um Vulto na janela, me acudam que eu sou donzela*, uma peça sobre o golpe militar de 1964 numa perspectiva feminina, de oito mulheres.

273

Para dirigir, indicou Glorinha Beuttenmüller. E Glorinha entrou na leitura com as estrelas que faziam aulas com ela: Rosamaria Murtinho, Ana Maria Magalhães, Marieta Severo, Maria Cláudia, Suely Franco, Norma Dumar, além de Maria Letícia, que trouxe também Ida Gomes.

Foi um dia em que estava chovendo muito, um dilúvio caía na cidade do Rio de Janeiro. Pensaram em desistir, mas como já estava todo mundo

ali no Teatro Glauce Rocha e não tinham mesmo como sair por causa da chuva, fizeram a leitura, que durou três horas e meia. As pessoas ficaram atentas à leitura e, no final, Rosamaria Murtinho disse:

– Eu conheço o público e o público gostou da nossa leitura. Vamos montar essa peça.

Maria Letícia e Rosamaria começaram a levantar a produção e, no momento certo, me chamaram para dividir a direção com a Glorinha Beuttenmüller. Alguns cortes foram feitos para que a peça ficasse mais compacta e com menos tempo de duração.

274

O cenário especialíssimo de Maurício Sette, que se abria sobre rodinhas, dava uma grande dinâmica ao espetáculo. Ao mesmo tempo, usávamos esse movimento com o barulho dos bondes que cortava aquela casa (a história acontecia em São Paulo). Eu e Glorinha dividíamos a direção: ela ficava com a parte do texto e eu, com a encenação.

Vejo um Vulto... foi um sucesso de público. A peça acabou tendo uma continuação no teatro Sesc da Tijuca. Estávamos em 1981. No elenco: Rosamaria Murtinho, Maria Letícia, Aline Molinari, Ana de Fátima, Melise Maia, Dilma Loes,

Cissa Guimarães e Monah Delacy. Ana Maria Magalhães substituiu Rosamaria Murtinho na temporada do Sesc.

Rodrigo Faria Lima entrou no final da produção com o que precisávamos ainda para abrir o pano.

Vejo um Vulto na janela, me acudam que eu sou donzela foi levado para o cinema com direção de Maria Letícia e outro título, *1º de abril, Brasil*. No filme, foram inseridos documentários do Golpe de 1964 e os personagens do filme passavam por dentro deles. Esse era o mote. O roteiro do filme foi feito por mim e por Maria Letícia, com *storyboard* de Mixel e fotografia de José Tadeu Ribeiro e Edinho Santos.

275

Ela ganhou prêmio de melhor direção no Festival de Curitiba em 1989. Nosso roteiro foi premiado no Festival do Rio de Janeiro; Rosamaria Murtinho ganhou o Kikito de Melhor Atriz no Festival de Gramado em 1989 e Marília Alvim os prêmios de Melhor Montagem em Gramado e Curitiba.

No filme, além das atrizes da peça Rosinha, Maria Letícia, Ana de Fátima (foto), Aline Molinari e Melise Maia, entraram Ticiane Stuart, Tessy Callado e Ida Gomes.

Como a peça era de mulheres, no filme os homens apenas agiam, mas não tinham voz. Eles eram: Chico Diaz, Aluísio Abreu, Ricardo Blat, Eduardo Lago, Ivens Godinho, Sérgio Otero e eu. Segundo a diretora: "Mudos, mas bonitinhos".



Maria Alice e Ana de Fátima



Rosamaria Murtinho, Ida Gomes, Melise Maia



Sara e Severino, elenco: Leina Krespi, Cláudia Mauro, Paulo César Grande, Marcos Miranda, Antônio dos Santos e Tadeu Mello

***Sara e Severino* - 1995**

Comecei a escrever *Sara e Severino* de brincadeira. Contava para os amigos sobre a época ingênua da Fortaleza da Segunda Guerra Mundial. Falava das *Coca-Colas*, as garotas “levadas da breca” que fugiam de casa à noite para encontros com os *marines* norte-americanos. Das farras que faziam regadas a *Coca-Cola*, que ninguém sabia o que era, dos *black-outs*, das praias cheias de submarinos, dos perigos para a nossa cidade

costeira, ignorados da população. Eu falava dos destroços dos navios que eram torpedeados e que inundavam a praia de brinquedos japoneses e tecidos estranhos.

Uma peça de um tecido que parecia um fustão foi adotada pelos caçadores de refugos do mar como pano para vestido. Era plástico – ninguém conhecia –, daquele tipo que depois virou cortina de cozinha. Uma labareda de fogão incendiou a rodada saia da filha de dona Laelia. Aquilo era um perigo.

Eu contava essas histórias e os amigos diziam:

278

– Põe isso no papel, põe no papel!

Enfim, foi o que eu fiz.

Ângela Leal, que era Secretária de Cultura, me aconselhou a inscrever o texto no processo de seleção para o certificado de Mérito Cultural da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. Ganhamos o certificado de qualidade e dois meses na Casa de Cultura Laura Alvim.

Os ensaios foram o que houve de melhor, com a presença de Leina Krespi, Cláudia Mauro, Paulo César Grande, Marcos Miranda, Antônio dos Santos e Tadeu Mello.

Eu conheci Antônio, Tadeu e Rodrigo Solteiro, três cearenses, na montagem de *O homem e o cavalo*, com direção de Milton Dobbin, no Teatro Villa Lobos, e me identifiquei com eles. Convidei os três para fazer a minha peça *Sara e Severino*. Rodrigo ficou na parte da administração.

Já nos ensaios, o elenco se divertia com Tadeu Mello e ele foi ganhando espaço no espetáculo. Do cabo Rocilda, evoluiu para Taradamus – a mulher do horóscopo – e, por fim, foi Carmem Miranda, cantando *I like very much*. Ele surgiu em cena com a música de abertura dos velhos filmes da Fox e arrasava.

279

Como ator, eu fazia Severino, uma homenagem a meu pai, e mais um personagem que me divertia muito, Vovó Faustina – uma velha linguaruda, racista e intolerante – arquétipo de figuras de minha infância no Ceará.

Durante a temporada me ausentei por conta das gravações de *Irmãos coragem* em Diamantina. Luis Sérgio Lima e Silva assumiu o posto. Os cenários e os figurinos eram de Zenilda Barbosa e Peter Gasper criou a luz.

Na edição do jornal *O Dia* de 7 de julho de 1995, o jornalista Amindo Blanco escreveu:

Em temporada no Teatro Laura Alvim a comédia *Sara e Severino... na era das coca-colas*, escrita e encenada pelo ator Emiliano Queiroz.

Hoje com 58 anos de idade, o grande Emiliano recorda na peça episódios que viveu, ainda menino, em Fortaleza, quando a cidade, durante a II Guerra Mundial, serviu de base aos militares norte-americanos, que ali introduziram um refrigerante de sabor então estranho, mas que logo conquistaria o paladar brasileiro.

280 O autor cita os seus filmes *cult* dos anos 40, entre eles *Casablanca*. E a deliciosa Cláudia Mauro faz a *bombshell* Heddy Lamour, que desembarcava no Nordeste para levantar a moral das tropas. Certamente, nem Heddy Lamarr e Dorothy Lamour, que inspiraram o nome da personagem, fariam melhor.

Escrevi uma outra peça, *La ultima noche de Glória*, que teve uma leitura dramatizada no Teatro Casa Grande, durante uma campanha para angariar fundos para o sindicato dos dubladores, em greve, no Rio de Janeiro.

Rachel de Queiroz

– Somos parentes. Ninguém é Queiroz impunemente.

Foi assim, sorrindo, e me estendendo a mão calorosa, que Rachel de Queiroz me cumprimentou ao sermos apresentados. Foi após uma récita especial de *Lampião*, em sua homenagem, há mais de 50 anos.

Rachel, em 1930 com apenas vinte anos, foi lançada no Olimpo dos escritores com seu romance *O quinze*. Ano de uma das mais devastadoras secas no Ceará. Durante a ditadura de Getúlio Vargas, Rachel foi presa acusada de comunista. Na minha casa, ficamos preocupados, principalmente meu pai que achava Getúlio capaz das piores, para minha contrariedade.

A presença de Rachel na platéia do Teatro José de Alencar, em Fortaleza, na apresentação de *Lampião*, alterou inteiramente a concentração do meu angustiado e jovem prisioneiro do grupo de Virgulino. Eu pensava nela o tempo todo: “ela está aqui em carne e osso”.

Em 1995, Rachel assistiu a *Sara e Severino... na era das coca-colas*, peça minha, na Casa de Cultura Laura Alvim, em Ipanema. Ela chegou ao teatro com a cineasta Leilany Fernandes. Depois da peça os atores – Rodrigo Solteiro e Antônio dos Santos – levaram-na de carro, no percurso entre o Teatro Laura Alvim, em Ipanema, e o Edifício Rachel de Queiroz, no Leblon.

Eles ficaram encantados com a prosa da escritora conterrânea. Ela falou com graça sobre os russos, os árabes, os holandeses, os judeus, os libaneses e os africanos que pigmentaram o povo cearense. Brincando comigo, na saída do teatro, Rachel me falou:

– Emiliano, me senti na terrinha vendo a Fortaleza daquele tempo, ouvindo na PRE-9 o jogo do Ferroviário, as cantoras do rádio, achando graça e me balançando na rede.

Me deu um abraço e completou:

282 – Só faltaram os camelos! – disse, em alusão à chegada de uma leva de camelos ao Ceará em priscas eras. Qualquer semelhança entre os climas do deserto e o nosso não convenceu os ruminantes e eles sumiram.

O curta-metragem de Liloye Boubli, *Tangerine girl*, do conto de Rachel de Queiroz, rodado no Ceará, tinha por ambientação o mesmo cenário da minha peça, ou seja, a Fortaleza da Segunda Guerra Mundial.

Rachel foi assistir a *Sara e Severino* por indicação da diretora que propôs recheiar a sua *Tangerine girl* com os personagens da peça. O conto de Rachel se reporta somente à paixão de uma menina e um zepelim com seus mágicos condu-

tores. Rachel foi com a intenção de ver se os meus personagens teriam a mesma vivência dos seus. Concluiu que dona Sara e seu Severino tinham as mesmas raízes, o mesmo sangue dos personagens de seu conto. O roteiro de Liloye Boubli, Maria Letícia e meu mesclou os personagens da peça e do conto de Rachel.

Liloye rodou *Tangerine girl* no litoral cearense. De forma poética, contou um pedaço da história de Fortaleza. O filme foi apresentado no Festival Sundance nos Estados Unidos e ganhou o prêmio de direção de arte no festival Cine-Ceará. Ao elenco da minha peça se juntou Carla Manso, no papel de Tangerine, Fernanda Quinderé e B. de Paiva. A fotografia de Fernando Duarte imprimiu a nostalgia dos anos 1940.



Tangerine girl, Leina Krespi

Teatro Rival

Eu venho de uma época na qual os diretores de teatro eram os iluminadores dos seus próprios espetáculos e os técnicos em iluminação, por sua vez, realizavam o que lhes era solicitado. O exemplo mais completo disso, entre os diretores com que trabalhei, foi Flávio Rangel. Suas peças recebiam a luz de sua imaginação como em *Depois da queda*, onde tudo era muito criativo e belo.

284 Sempre gostei dessa parte. Em *Feira livre* inventei formas de iluminação usando os recursos precários do teatro. Em *Vejo um vulto na janela...* eu pude viajar melhor, pois as condições do BNH, hoje Teatro Nelson Rodrigues, eram mais favoráveis.

Trabalhei com Ângela Leal no seriado *O bem amado*. Ela fazia a filha do Odorico Paraguaçu. Nessa ocasião, fomos gravar em Portugal e Itália. Em Roma, encontramos Nelson Motta que nos deu acesso aos acontecimentos musicais. Em Nápoles nos divertimos muito. Brincamos de representar no anfiteatro de Pompéia, com a cidade destruída por “Deus” totalmente vazia, sem a presença de turistas, apenas atores e técnicos da produção de *O bem amado*. Gravamos na borda do Vesúvio. Depois, em Capri e na Gruta

Azul. A caminho da África, depois das gravações, sofremos um acidente de carro e voltamos. Essa viagem consolidou minha amizade com Ângela. Fizemos juntos duas peças de teatro: *Honey baby*, de Paulo César Coutinho, com direção de Jaqueline Laurence, e *Flávia, cabeça, tronco e membro*, de Millôr Fernandes, com direção de Luis Carlos Maciel.

Ângela Leal, por herança de seu pai, recebeu o Teatro Rival que, durante um tempo, foi administrado pelo SNT. Depois, ela assumiu. Juntos, fizemos uma pesquisa sobre a história do Rival. Entre as preciosidades fotográficas encontramos um logotipo do teatro em letras *art-nouveau* que ela recuperou.

285

O teatro foi inaugurado nos anos 1930 com a peça *Ciúme*, de Oduvaldo Vianna, com Dulcina de Moraes e Osvaldo Lousada, o querido Lousadinha.

Quando entrou em atividade, com shows musicais resgatando a velha guarda, contribuí, ao lado de Barba, iluminador oficial do teatro, com a minha inventividade na iluminação. Usamos o que tínhamos em refletores. Ressuscitei um velho canhão na intenção de criar um clima com aquela luz, operando eu mesmo o pesado instrumento. Nada era por computação. Isso nos

obrigava a ter muita criatividade. Entre os muitos shows que iluminei posso lembrar os de Cauby Peixoto, Trio Irakitan, Carlinhos Lira – no qual a deputada Jandira Feghali tocou bateria – e Carmem Costa, onde fui diretor e roteirista. Meu melhor trabalho como iluminador foi em *Nova leitura*, que marcou o retorno de Claudete Soares – roteiro de Demétrio Ferreira e Luis Sérgio Lima e Silva, que também dirigiu. Um belo show. Minha passagem transitória, porém intensa, pelo Teatro Rival, satisfaz minha curiosidade com a luz para sempre.



Teatro rival, com Ângela Leal

Capítulo XIX

Os fantástikos

Arthur Xexéu no *Jornal do Brasil* de 19 de junho de 1996

Há muitos motivos para os apreciadores de musicais irem conferir *Os fantástikos* no Teatro de Arena. Para começar, é a produção mais caprichada que a versão original, em cartaz no teatro off-Broadway há 36 anos. Para continuar, as versões compostas por Cláudio Botelho mantêm a poesia do original e soam fluente em português. Para terminar, o elenco sabe cantar (nos casos de Chiara Sasso, Cláudio Botelho e Nildo Parente) ou sabe superar suas deficiências vocais (nos casos de Beto Bellini e Guilherme Correa). Mas o que mais recomenda uma ida ao Arena é a explosão em cena de Emiliano Queiroz. *Os fantástikos* é também uma bela homenagem a atores. A papéis de igual destaque para jovens iniciantes e para veteranos. Emiliano pega um desses papéis para veteranos e faz o que quer com o personagem. Improvisa, superatua, mas, principalmente, homenageia seus pares. Só por Emiliano Queiroz, o ingresso para os fantásticos já está pago. Mas, além de tudo, é bom teatro musical surpreendentemente feito no Brasil.



Os fantásticos

A produção competente de Érica e Beto Bellini contou ainda, em seu elenco, com Antônio dos Santos (o Muro), que prepara o ambiente para as novas ações, e Paulo Bibiano (o homem que morre), meu personagem em 1965 no Teatro Carioca. Os cenários e figurinos de Charles Moelher valorizaram a minha atuação com a túnica de gola clássica e o saltimbanco do 2º ato. Cláudio Botelho foi o diretor musical e Ana Kifouri fez o trabalho de corpo, ampliando nossa visão de espaço em cena.

Elias Andreato dirigiu a peça com leveza e rigor de movimentos. Ele se encantava com o nosso trabalho e, na primeira vez que fiz o ensaio de pé, Elias brincou comigo:

289

– Vai ganhar um prêmio, Emiliano.

Ganhei dois – o Mambembe e o prêmio Ibeu – na ocasião conferido a um só artista, ator ou atriz.

Viajar pelo mundo de Pit, o velho ator, meu personagem, foi uma avaliação para um homem como eu, na ocasião chegando aos sessenta. A tentativa de se manter jovem, de se fazer acreditado e disputado, transbordava meu peito de emoção e carinho. Sua ingenuidade e pureza foram, na verdade, uma avaliação do que eu era, do que viria a ser.



Com Paulo Bibiano

Emiliano Queiroz

Prêmio Ministério da Cultura Troféu Mambembe,
Categoria Teatro Adulto

Rio de Janeiro 1996

Comissão julgadora:

- Bárbara Heliodora – crítica do jornal *O Globo*
- Ana Bernstein – pesquisadora teatral
- Armindo Blanco – crítico do jornal *O Dia*
- Lionel Fischer – crítico do jornal *Tribuna da Imprensa*
- Macksen Luiz – crítico do *Jornal do Brasil*



Os fantástikos, Chiara Sasso, Guilherme Corrêa, Beto Bellini, Nildo Parente, Cláudio Botelho, Antônio dos Santos e Paulo Bibiano

Capítulo XX

Minha mãe

Dentro de cinco dias estarei fazendo setenta anos. Aqui, gravando esse depoimento, procurando lembrar do que ficou para trás, veio um momento da minha vida muito pessoal, mas que eu sinto vontade de dividir. Na proximidade dos noventa anos, minha mãe começou a definhar no processo da esclerose. Às vezes, quando eu chegava na sua casa, ela já não tinha idéia de quem eu era, mas não perdia o humor quando eu dizia:

293

– Eu sou seu filho.

E ela:

– Filho? Velho desse jeito? Então devo estar uma macróbia!

Eu insistia:

– Se eu não sou seu filho, então quem eu sou?

E ela de pronto:

– Você é o ator Emiliano Queiroz.

Esse ela nunca esqueceu. O ator que ela foi a primeira a reconhecer e de quem foi cúmplice até nos seus momentos de divagação final. Esse elo, essa cumplicidade, me proporcionou um momento pelo qual sou grato à vida. Quando ela já estava muito fraquinha, eu ia dia sim, dia não à casa dela para eu mesmo, nesses dias, dar seu banho. Uma manhã, eu estava no Arpoador, tinha ido à casa dela no dia anterior. Saía de um mergulho, era um calor forte de verão, dezembro, quando um pensamento me dominou:

294 – Minha mãe deve estar com vontade de tomar um daqueles banhos que só eu sei dar. Ela sempre gostou tanto do verão, de ir à praia, de tomar chuveiradas. E eu fui para a casa dela imediatamente.

Cheguei lá, ela sorriu olhando para mim com uma atenção muito especial. Dei um banho demorado, deixei ela refrescar, sentir bem o contato, o sabor da água no seu corpo, depois eu enxuguei sua pele. Minha irmã vestiu nela uma camisola novinha e, nos meus braços, levei minha mãe até sua cama. A cama ficava em frente a uma janela. Eu deitei minha mãe voltada para aquela luminosidade, ela olhou para mim demoradamente. Depois de um tempo, voltou a olhar pela janela, deu um suspiro e se foi.

Minha primeira neta se chama Ana. Seu pai Sérgio lhe deu esse nome em homenagem a minha mãe. Carla, que ela ajudou a criar, deu o nome de Ana Clara a sua filha. A filha de minha sobrinha-neta Tetê se chama Ana Lícia.



Dona Ana, minha mãe

Capítulo XXI

Século XXI

O amigo invisível

Acompanhei a criação e o lançamento do livro de Maria Letícia, *O amigo invisível*. Ela me chamou para participar da transposição de seu livro para a tela. Os personagens da sua história, seus pais, irmãos, tios e primos, eu já conhecia. Aprendera a gostar deles durante a nossa convivência. Seus pais, generosos e finos, foram sempre carinhosos e compreensivos comigo. Conhecia nas versões saudosas dos parentes e da querida tia Lourdes as histórias da infância da menina Tixa. Moramos



O amigo invisível, com Fernanda Ghelman.

com nosso filho Sérgio na mesma casa onde ela viveu sua infância.

Aparentemente seria fácil, mas nenhum roteiro é fácil de realizar. Na filmagem, participei da preparação dos atores e convivi com a inteligência da menina Fernanda Ghelman, no papel de Tixa. Todos os outros atores faziam parte dos nossos trabalhos, de nossas vidas. Eu também fiz, como ator, o Vô Juca, personagem de quem eu ouvi falar muito durante todo o tempo de convivência com a família. O filme teve uma bela fotografia de Fernando Duarte e a harpa de Cristina Braga. Seu pré-lançamento, na Casa de Cultura Laura Alvim, aconteceu junto com a segunda edição do livro.

298

Dona Laura Alvim, amiga da família Gonçalves de Oliveira, conheceu Maria Letícia ainda menina. Ressaltava sempre a sua inteligência e seus bons sentimentos. Juntos, visitávamos dona Laura, quando ainda morava sobre as obras que pareciam intermináveis para a realização de seu sonho: transformar a mansão em casa de cultura e construir um teatro. Os primeiros ensaios de *Feira-Livre* foram realizados ali no Teatro Laura Alvim, quando tudo aquilo era um amontoado de poeira e dificuldades.

O amigo invisível, de Maria Letícia, participou de mostras infantis e festivais.

Xangô em Compostela

Miguel Faria Jr. me convidou para fazer *Xangô de Baker Street* (2001), do livro de Jô Soares. Meu personagem, Doutor Saraiva, um médico legista naquele Brasil Império com assepsia zero, profundamente vaidoso, arrumava os seus cabelos o tempo todo durante autópsias que ele realizava nos cadáveres, ensopando seu cabelinho branco de sangue.

Sempre me senti à vontade para idealizar e fazer sugestões aos maquiadores sobre minhas caracterizações. Em *Xangô*, nossa maquiadora-chefe, a inglesa Lesley Smith, trazia técnicas muito evoluídas de maquiagem sobre barbas, bigodes e carecas. Foi dela a caracterização de Judi Dench para *Elizabeth da Inglaterra*, que valeu um Oscar a atriz. Tive a liberdade para conversar com o Miguel sobre o que gostaria de fazer. No processo de caracterização, meus cabelos foram grudados no couro cabeludo com gel fixador e uma touca de borracha por cima – dando a idéia de careca – onde eram colocados tufo de cabelo. Optamos por suíças, ausência de bigodes e barba por fazer.

Meu trabalho com o Miguel sempre foi de muito entendimento e admiração mútua.

Algumas cenas foram rodadas na cidade do Porto, em Portugal, reproduzindo o Rio antigo. No elenco, Marco Nanini, Anthony O'Donnell, ator inglês que fazia Dr. Watson, a atriz portuguesa Maria de Medeiros, que fez *Pulp Fiction*, de Quentin Tarantino, e Joaquim de Almeida, como Sherlock, além de Cláudia Abreu, Talma de Freitas, Caco Ciocler e Cláudio Marzo, no papel de D. Pedro II. Direção de arte de Marcos Flacksman, figurinos de Marília Carneiro e fotografia de Lauro Escorel.

300 No Porto tivemos três dias de folga e resolvemos ir a Santiago de Compostela. Só que, ao invés de fazer o caminho a pé, piedosamente, como todos os peregrinos, fizemos a “peregrinação” de van. Marco Nanini, Anthony O'Donnell e Olívia Guimarães na caravana.

Na parábola, a cidade foi construída ali a partir de raios e luzes que apareciam naquela região, quando era desabitada e cheia de sons misteriosos. Reza a tradição que lá passaram apóstolos de Jesus, inclusive Maria. Ali, foi descoberta a tumba do apóstolo Tiago, após um ermitão chamado Pelágio observar uma chuva de estrelas caindo em um ponto do bosque. Daí o nome Compostela, que vem do latim *Campus Stellae*, ou seja, “Campo das Estrelas”.

Dizem que você não volta de lá sem ter tido alguma iluminação, algum toque. Fora o deslumbramento da catedral, a beleza da cidade. Nós tínhamos combinado levantar muito cedo para ir até a catedral e aproveitarmos o dia e, de repente, quando eu cheguei na janela do quarto do hotel, estava uma grande cerração, um nevoeiro espesso. Não dava para enxergar um palmo diante do nariz. Parecia que tinha uma cortina. Tentei ver a cidade através da bruma, esperando alguma resta de sol, quando veio a reflexão singela:

– É a vida, se tem uma cerração não adianta querer o sol.



Xangô, Isabel Guéron e Marco Nanini



Joaquim de Almeida e Antony O'Donnell



“Elementar meu caro Watson”, como diria o Sherlock de *Xangô de Baker Street*.

Deixamos o campo estrelado e voltamos ao Porto para as primeiras tomadas do filme e depois, no Rio de Janeiro, fizemos a parte final.

***Lisbela e o Prisioneiro* – Guel Arraes**

Conheci Fabrício Mamberti ainda menino, quando viajei com seu pai, Sérgio Mambert, e com Pepita Rodriguez e Carlos Eduardo Dolabella na excursão da peça *Viva Sem Medo Suas Fantasias Sexuais*. Pepita, excelente empresária e colega, Dolabella, o amigo de sempre, e Sérgio Mam-



Tadeu Mello

berti, um companheiro cheio de graça e alegria. Ganhamos dinheiro, nos divertimos e rodei o Brasil vivendo sem medo todas as fantasias. Fabrício nos acompanhou na viagem. Era um garoto encantador. Juntos, acreditamos ter visto um disco voador em Recife.

304 Fabrício Mamberti, algum tempo depois, começou a sua carreira de diretor na televisão. As primeiras cenas que ele dirigiu na segunda versão de *Irmãos coragem* foram comigo. E mais à frente, quando ele estava participando com Guel Arraes da elaboração de *Lisbela e o Prisioneiro*, me chamou e eu entrei para o espetáculo. Assim, trabalhei com Virgínia Cavendish, Bruno Garcia, Lúcio Mauro Filho, Livia Falcão, Marcos Oliveira e Tadeu Mello, dirigidos por Guel.

O ator que fazia o papel do matador teve de deixar o elenco. Guel estava procurando um outro para substituí-lo e o Eduardo Barata, assessor de imprensa, falou para ele:

- Guel, tem um ator muito bom chamado Tadeu Mello, o Emiliano conhece e o Lúcio Mauro também.

Lucinho falou para o Guel:

– Ele é ótimo.

E eu emendei:

- Você está precisando de um ator para o papel do matador, eu não sei se o Tadeu é para esse personagem, mas eu posso te garantir que você vai gostar muito de conhecê-lo. Dirigi Tadeu em *Sara e Severino* fazendo Cabo Rocilda e Carmem Miranda.

Ele veio, fez uma leitura e, quando terminou, Guel falou para mim:

– Emiliano... ele não é o matador, mas eu não posso perder essa figura.

Houve então um remanejamento no elenco: Marcos Oliveira passou a fazer o papel do matador com vigoroso talento e Tadeu assumiu o papel do Cabo Citônio, personagem que Marcos ensaiava.

305

Às vezes, durante as viagens da peça ou quando tínhamos uma platéia mais quieta Tadeu entrava, o público começava a rir e Marcos Oliveira dizia:

– Entrou o salvador da pátria.

No seu processo de trabalho, Guel trazia tudo desenhado milimetricamente, elaborado em

função da cenografia, da iluminação, da cena e, em especial, a serviço do personagem. Era matemático, você chegava a um verdadeiro *cartoon* quando a cena ficava bem realizada. Às vezes, Guel subia no palco e mostrava para nós detalhes das cenas, e ficávamos encantados. Um Marcel Marceau.

O trabalho de corpo com Duda Maia contribuiu muito para o acabamento, o desenho dos personagens e eu me vi fazendo coisas novas naquele momento.

306 A peça estreou. Foi um sucesso no Teatro Glória, administrado pela atriz Maria Padilha. Fizemos duas temporadas em Brasília, uma delas na Fundação Dulcina; Recife e Fortaleza, no Teatro José de Alencar. Abrimos o Festival de Guaramiranga na serra cearense. *Lisbela e o Prisioneiro* fez uma temporada brilhante em São Paulo no Teatro Hilton, onde o Pão de Açúcar patrocinou matinês aos domingos com ingressos a preços populares, que se esgotavam voando.

Chegou um momento em que eu precisei sair da peça. Eu estava comprometido no Rio de Janeiro com o filme *Madame Satã* e a temporada em São Paulo se prolongava por conta do sucesso. No meu lugar, entrou o ator André Matos.

No último dia de apresentação no Teatro Hilton, Virgínia Cavendish tomou o centro do palco e falou em nome do elenco, da produção e da direção, palavras de muito carinho, valorizando meu trabalho, minha importância dentro do projeto. Fiquei lisonjeado e muito emocionado.

A jornalista Marília Gabriela estava na platéia e depois, no camarim, me disse:

– Emiliano, como é que você, com esse sucesso todo, com essas pessoas te acarinhando dessa forma, te amando assim, como você vai embora!

O companheirismo e a relação positiva entre os atores contribuíram muito para o brilho e o tom de alegria que predominava no palco. O público ficava contagiado e nós acabávamos o espetáculo no mais alto astral.

307

O texto de Osman Lins foi adaptado por Guel Arraes, Jorge Furtado e Pedro Cardoso, e produzido por Paula Lavigne e Virgínia Cavendish. Direção de arte e cenografia de Lia Renha e, na colaboração de criação, Fabrício Mamberti. Assist. Direção: Flávia Lacerda. Figurinos: Cao Albuquerque. Iluminação: Marcelo Brasil. Caracterização: Marlene Moura. Música: José Almino Arrais e Caetano Veloso.

A gravação de Caetano da música *Lisbela* – voz e violão – abria o espetáculo. No final, um *clip* do Trio Forrozão: nós entrávamos no palco e seguíamos o *clip* colocando nossas vozes:

Lisbela

Caetano Veloso e José Almino

*Eu quero a sina de um artista de cinema
Eu quero a cena onde eu possa brilhar
Um brilho intenso, um desejo, eu quero um beijo
Um beijo imenso, onde eu possa me afogar
Eu quero ser o matador das cinco estrelas
Eu quero ser o Bruce Lee do Maranhão
A Patativa do Norte, eu quero a sorte
Eu quero a sorte de um chofer de caminhão
Pra me danar por essa estrada, mundo afora, ir
embora
Sem sair do meu lugar
Ser o primeiro, ser o rei, eu quero um sonho
Moça donzela, mulher, dama, ilusão
Na minha vida tudo vira brincadeira
A matinê verdadeira, domingo e televisão
Eu quero um beijo de cinema americano
Fechar os olhos fugir do perigo
Matar bandido, prender ladrão
A minha vida vai virar novela
Eu quero amor, eu quero amar
Eu quero o amor de Lisbela
Eu quero o mar e o sertão*

Na abertura da peça, Guel fez uma procissão de semana santa, uma encenação da *Paixão de Cristo*. Bruno Garcia interpretou Cristo e nós, moradores da cidade, fizemos personagens da via-sacra. Nos nossos ensaios, eu falei para Guel do texto de Eduardo Garrido, *O mártir do calvário*, e frases do meu antigo espetáculo do *Mártir*, na montagem de Waldemar Garcia em Fortaleza, ressuscitaram.

Maria (para Jesus): Filho que amei tanto e com quem morrer só desejo. Com os olhos d'alma te vejo, que os do rosto cega o pranto. E cega eu fico, Jesus.



Lisbela e o Prisioneiro, Lúcio Mauro Filho, Tadeu Mello, Bruno Garcia e Virgínia Cavendish

Madame Satã

No catálogo do Grande Prêmio do Cinema Brasileiro, no Rio de Janeiro, datado de 16 de dezembro de 2003, aos concorrentes do Prêmio da Academia Brasileira de Cinema de Melhor Ator Coadjuvante, podemos ler:

Emiliano Queiroz – Madame Satã.

310 Rio de Janeiro, 1932. No bairro da Lapa, após deixar a prisão, João Francisco sonha em se tornar um grande astro dos palcos. Um dos seus amigos é Amador, ex-boxer, dono do bar Danúbio Azul, cenário de suas performances. É nesse ambiente no centro da boemia carioca que o artista à margem irá se transformar no mito Madame Satã. No papel de Amador, o veterano ator Emiliano Queiroz compõe com economia de recursos um personagem forte e verdadeiro, um dos que formam o núcleo familiar e afetivo do protagonista do filme de Karim Aïnouz.

Emiliano Queiroz atuou em filmes como *Stelinha* de Miguel Faria Junior que lhe valeu o Prêmio de Melhor Ator Coadjuvante do Festival de Gramado de 1990.

Karim Aïnouz nasceu no Ceará, iniciou sua carreira no cinema na Europa e voltou ao Brasil para



Madame Satã, com Lázaro Ramos

realizar, através da Vídeo-Filmes, o seu primeiro longa-metragem: *Madame Satã*.

Quando me chamou para participar do filme, conhecia meu trabalho, gostava de *Navalha na carne* e estava aberto a qualquer proposta que pudessem acrescentar ao que ele já tinha em mente.

Durante a preparação, fizemos laboratórios e improvisações gravadas em vídeo. O trabalho com Guel em *Lisbela* tinha me deixado afiado para esse tipo de exercício.

Dois momentos do filme gozam da minha preferência. Um deles é quando canto com um fio de voz:

Lua manda a tua luz prateada despertar o meu amado.

Quero matar os meus desejos...

O outro, no final do filme, quando desencadeia a reação homofóbica do personagem de Ricardo Blat. No Danúbio Azul de madrugada, quando Lázaro, como Madame Satã, e eu, como Amador, dançamos e cantamos uma música de Ary Barroso e Luiz Peixoto, *Na Batucada da Vida*.

312 O filme projetou Lázaro Ramos. Apresentou outra criação de Marcélia Cartaxo e colocou Karim Aïnouz na lista dos nossos melhores diretores. Rita Murtinho foi a figurinista. A fotografia do filme, forte e poderosa, foi de Walter Carvalho. Também no elenco Flávio Bauraqui, Floriano Peixoto e Renata Sorrah – numa participação luxuosa como uma cantora de música francesa, inspiração e paixão de Satã.

Nas filmagens, Karim era preciso, tinha certeza do que queria: do ângulo, da lente, do ritmo e do tempo. Exigente na limpeza, na violência, no abandono, conforme se fazia necessário. Nos entendemos desde o primeiro momento.

Recebi um carinho quando nos créditos do filme Karim colocou: Ator Convidado – Emiliano

Queiroz. O filme foi apresentado no festival de Cannes na mostra Un Certain Regard.

Bia Lessa

Orlando, de Virginia Wolf, na montagem de Bia Lessa, me deixou impactado.

Bia me chamou para fazer *Viagem ao centro da terra*, de Júlio Verne, primeiro em São Paulo e depois na Alemanha – para participar do Summer Theater Festival, em Hamburgo.

O espetáculo já estava em cartaz e não havia muito tempo para ensaios. Estreamos primeiro em Santo André, São Paulo, e, depois de uma pausa, ficou programado assim: ela ia fazer um filme em Praga e, quando estivesse próximo do Festival, eu a encontraria com todos lá.

Praga é misteriosa, tem uma cor diferente.

Era pleno verão no Leste Europeu. Conjuntos vocais e bandas de jazz se espalhavam pelo centro histórico. Dentro das igrejas, música de câmara que você assistia deitado no chão, com os olhos perdidos no infinito das cúpulas.

Eu fiquei esperando Bia voltar da filmagem hospedado num *acomodation*. Morava na rua

10. INTERNATIONALES

SOMMER



Veranstaltungsort:
Kornzeuggelände,
Janestraße 24,
22303 Hamburg

Sommertheater
börn, Komp
ab 1. Juli
14.00 - 20.0
Info 74
040/270
und 27.

**THEATER**

Gefördert durch die
Kulturstiftung der
Freien und Hansestadt
München

Unterstützung der
Entwicklung und des
Marketing-Programms
Kommunikation
Technische
Anschlüsse, in
Kontakt mit dem
DR

**Szene aus Bia Lessas umjubelter Verne-Adaption:
Emiliano Queiroz (l.), Otavio Müller Foto: declair**

FESTIVAL HAMBURG '93

16. Juli bis 7. August '93

Maiselowa e, no final dela, ficava o mais antigo cemitério israelita da história.

Um dia, levantei de manhã e fui a um café. Bia estava tal qual uma Dorothy Parker escrevendo cartas na antiga capital da Tchecoslováquia. Entrei e foi aquela alegria – Bia tem muita alegria. Ficamos mais uma semana ali, ensaiando nos mais diversos lugares.

Depois fomos para a Alemanha. Atravessamos o país, passamos Dresser, paramos em Berlim, e chegamos, então, a Hamburgo de trem.

O festival aconteceu em um centro cultural erguido entre as ruínas de um bombardeio. Grandes armações de aço, com mais de trinta espetáculos, toda hora, todos os dias.

315

A imprensa tinha uma atenção especial com Bia.

Em *Viagem ao centro da terra*, Otávio Müller era meu jovem assistente. Gabriela Duarte, minha sobrinha. Maurício Branco, o guia. O ator canadense Marq Frerichs, fazia a vaca. E mais Betty Goffman, que fez *Orlando* em Munique, e o músico Dany Roland, como a velha criada alemã.

Quando voltei da Alemanha, eu e Bia não nos vimos por alguns anos. Um dia, fui a São Paulo fazer um programa de televisão e nos encontramos no

aeroporto. Ela me abraçou muito carinhosa me chamando de “meu príncipe” e falou:

– Ainda vamos voltar a trabalhar.

De repente, não mais que de repente, Renata Sorrah me convidou para fazer *Medéia* de Eurípides, com tradução de Millôr Fernandes. Bia Lessa seria a diretora.

Nós começamos a ensaiar no Centro Cultural da rua Luís de Camões, próximo ao Real Gabinete Português de Leitura. Era verão no Rio de Janeiro, nós entramos naquele galpão e começamos a leitura da peça *Medéia*.

316

Líamos por partes. Bia pedia que a gente falasse de nossas experiências, do que achávamos dos personagens, da estrutura da peça, como a gente a entendia. Um dia ela chega e diz:

– Hoje nós vamos levantar a peça. Vamos montar do princípio ao fim. Não precisa ser com o texto decorado.

E distribuiu as cenas entre nós, que fomos diretores e intérpretes. Então, começamos a preparar, pensar, bolar, conversar uns com os outros para armar aquilo rápido. Ficou noite, ela fez um caminho com luz de velas e situou os ambientes.

Fizemos a peça inteira. Tinha uma figurinista francesa assistindo ao ensaio e quando nós voltamos, eu dei uma carona para ela:

– Foi a mais bela montagem de *Medéia* que eu já vi – me disse a figurinista.

O processo começou a nos dar poder sobre a história e os personagens. Bia fazia jogos, dava uma palavra, uma situação, e nós tínhamos de dramatizar na hora. Nos fazia interpretar outros personagens. Por exemplo: tinha dia em que eu e a Ivone éramos os filhos da Medéia – eu adorava. O elenco brincava comigo no final da temporada:

317

– O melhor filho da Medéia foi o Emiliano.

José Mayer dizia que eu parecia um menino molesto agarrado na saia daquela mãe.

Outro dia, fiz Medéia, na cena em que ela encontra Creonte. Bia queria que cada um fizesse essa cena com ações diferentes. Eu já não me lembro do que as pessoas fizeram, porque a gente ralava para realizar a coisa o mais próximo do que ela queria. Eu fiz Medéia se deparando com Creonte e desmaiando. Essa marca foi incorporada e burilada depois por Renata Sorrah e entrou no espetáculo.

Meu primeiro personagem era “o mais velho tutor dos filhos de Jasão”. Foram cenas de muita camaradagem com Ivone Hoffman, a ama, e eram fáceis porque – como velhos amigos – tínhamos muita complicidade. Batíamos o texto rindo, brincando. Depois, no meio dos ensaios, eu me deparei com o personagem do Mensageiro.

Mensageiro não dialoga, não tem vida própria, não tem história, ele tem de narrar o fato com a intensidade com que o fato aconteceu. Bixada de dever-de-casa e eu ficava viajando em tudo que poderia ser aplicado ou servir aos meus personagens.



Medeia, Cláudio Marzo, José Mayer, Christiana Guinle, Ivone Hoffman, Dalton Vigh, Renata Sorrah

Eu tecia com lentidão o mensageiro. Bia era estimulante. Um dia, no ensaio, consegui mostrar o que queria realizar no meu personagem. Ela me mandou um bilhete pelo contra-regra me botando nas “alturas”.

– Foge Medéia, foge. Tu que premeditaste essa ação monstruosa, violentando todas as leis, escapa.

Era a entrada do mensageiro e aí me jogava por inteiro.

Miguel Falabella, gestor da Rede Municipal de Teatro, tornou viável o Dulcina que Bia tanto queria.

319

O Teatro Dulcina estava com as cadeiras quebradas, sistema elétrico falido, maltratado e a Bia disse:

– Nós vamos aproveitar tudo e muito mais.

Rampas foram colocadas, alçapões preparados e a platéia veio, desde a galeria superior, passando pelos balcões, até a parte térrea do teatro, onde público e ação se misturavam.

Foi criado um aquário na parede, ao fundo, refúgio de Medéia em suas cenas finais e alçapões

no meio do palco, por onde as crianças sumiam, fazendo talvez a mais plástica e menos violenta – nem por isso menos dramática – cena da morte dos filhos de Medéia. O cenário era de Gringo Cardia. Era um prazer viajar por dentro do Teatro Dulcina.

No chão tinha barro, poeira e água. Chovia torrencialmente em cima de Renata e José Mayer numa bela cena de encontro dos dois. Depois – quando o mensageiro vem com a notícia do que aconteceu no palácio – eu aproveitava o final da chuva, me colocava debaixo dela e usava a água como um elemento dramático a mais.

320

Estreamos *Medeia* em um momento delicado na minha vida, pois perdi minha irmã Anézia. Ela fez a passagem numa segunda-feira depois da estréia, como era seu desejo: partir num dia que não atrapalhasse a função.

O sucesso popular de *Medéia* nos entusiasmou. Nós tínhamos casa lotada todas as noites.

Durante os ensaios, eu gostava de brincar com Bia, contando minhas histórias. Conteí que tinha trabalhado com Dulcina ali no teatro da própria, numa remontagem de *Catarina... da Rússia*. Bia falava:

– O que você acha que Dulcina diria se chegasse e visse isso aqui, hoje?

Então – imitando a Dulcina – eu respondia:

– Querido, essa diretora não deixou pedra sobre pedra no meu teatro, mas está montando um espetáculo magistral – acentuando o “L” como a própria.

Ou, então, quando a Bia perguntava o que Dulcina ia achar da chuva:

– Querido, diga à dona Bia Lessa que eu já fiz chover nesse teatro com *Chuva*, de Somerset Maughan, há meio século.

321

E, assim, fomos ensaiando entre as mensagens de Dulcina, os trabalhos vigorosos de corpo com a Márcia Robin, os figurinos de Sylvie Leblanc e a luz do Maneco Quinderé que trouxe um clima especial. Durante toda a temporada, Bia Lessa estava ali assistindo. Acabava o espetáculo eram beijinhos, beijinhos e não dizia nada. Aí o Marcelo, o contra-regra, avisava:

– A Bia falou para estarem todos aqui amanhã às seis horas da tarde.

No dia seguinte, quando chegávamos, ela dizia tudo que tinha acontecido no dia anterior.

Passava por todo mundo, mandava ver. Nós voltávamos ao palco recarregados.

Uma noite, quase no final da temporada no Teatro Dulcina, durante o agradecimento, parte do público, entusiasmado, lançava flores sobre os atores. Na platéia: Tônia Carrero acompanhada da Ítala Nandi. Parei diante dela, aplaudi a sua presença e ela me deu um longo abraço, falando:

– Maravilhoso, maravilhoso...

Ítala me beijou e, assim, fomos seguindo, de emoção em emoção. O público se sentia grati-



Medéia, com as crianças: Gabriel Caixeiro e Gabriel Moura

ficado com uma obra tão bonita e, em nenhum momento, cogitou que era um texto de difícil entendimento. Isso não aconteceu.

Depois que a temporada terminou, fizemos a peça nas lonas culturais em diferentes bairros do Rio de Janeiro. Foi uma travessia que comprovou a qualidade e a força da montagem. Recebemos carinho e entusiasmo, resultado de um espetáculo formado pela soma de esforços dos talentosos atores: Renata Sorrah, José Mayer, Ivone Hoffman, Christiana Guinle, Dalton Vigh e Cláudio Marzo. E de uma grande maestrina, Bia Lessa.

Durante as últimas semanas de temporada no Dulcina eu comecei a filmar *Casa de areia*, com Andru-cha Waddington. Meu último mês de temporada foi dividido com meu trabalho no Maranhão.

323

Casa de areia

O roteiro de *Casa de areia* entrou para competir e saiu vencedor. O filme de Andru-cha Waddington se tornou mais concreto ao receber o Prêmio de Melhor Roteiro no Sundance. A partir de uma idéia de Luiz Carlos Barreto, Elena Soarez escreveu esse excelente roteiro.

Li essa notícia no jornal e fiquei satisfeito:

– Mais um filme nacional vai ser rodado.

Poucos dias depois, Marta Jordan me telefonou, em nome da Conspiração Filmes, me convidando para fazer um vídeo que ela queria apresentar ao Andrucha, com um personagem do filme.

Marta me deu um texto do Seu Chico do Sal, um personagem com o qual de cara eu me identifiquei. Um velho que levou a vida inteira andando por aqueles caminhos sem-fim dos Lençóis Maranhenses, arrastando uma mula, vendendo sal, dono do poder daquele produto e conhecedor das dificuldades daqueles caminhos.





Uns dois meses depois, a Marta Jordan me ligou:

– Emiliano, o Andrucha está te convidando para fazer o papel.

Explicou que filmaríamos no Maranhão, que teríamos de viajar:

– Até lá a peça já acabou – pensei.

Mas não acabou. A peça estava fazendo tanto sucesso que continuou. Conversei com a Marta e disse que eu só teria condições de fazer o filme se eu fosse para o Maranhão e voltasse para fazer a peça. A essa altura, *Medéia* estava sendo feita de quinta a domingo. E aí Marta falou para mim:

– Emiliano, é muito duro você ter de ir e voltar para fazer a peça.

– Mas eu quero fazer esse filme.

A leitura na casa de Andrucha e Fernanda Torres foi um encontro maravilhoso com o elenco. Falei com Bia Lessa, que, generosa e desprendida, me disse:

– Você tem de fazer esse filme. É importante para você, não quero cortar isso. Qualquer dificuldade aqui a gente dá um jeito. Se for preciso a gente te substituí por um dia. Aí eu fui.

Às 6 horas da manhã, no aeroporto Antônio Carlos Jobim (Galeão), peguei um voo para o Maranhão. O avião ia parando. Parou em Brasília, depois em não sei onde, depois em Fortaleza, depois em Teresina e, finalmente, às 13h30, cheguei a São Luiz.

Em São Luiz, almocei e um carro da produção me levou até Sangue, um outro ponto de encontro. Viajamos quatro horas numa estrada muito boa, de asfalto. Quando cheguei em Sangue tinha um jipe com tração nas quatro rodas me esperando. Atravessamos aquelas dunas de areia, mas aquilo era um enduro e chegou uma hora que o jipe afundou na água. Você saía da areia e caía no meio duma mata densa.

327

Em determinada hora, a coisa ficou tão estranha que tivemos de passar a bagagem para o carro da frente que nos puxava com um cabo de aço.

À noite, um céu deslumbrante, com estrelas do tamanho de uma bola de bilhar, inacreditável, mas um pouco assustadora. Finalmente, por volta das 23h, chegamos à vila de Santo Amaro.

Ali era tudo muito delicado e difícil. Na pousada, eu tinha o meu quartinho, abria a janela e o silêncio era de ouro. Às 4h da manhã acordei para ir à base de onde sairíamos para as filmagens.

Quando chegamos na base, antes da maquiagem ou do café, eu me deparo com a Fernanda Montenegro, esplendorosa e sorridente, às 5h:

– Oh! Querido, você chegou. Que bom, que bom.

A partir dali nossos encontros eram sempre divertidos. Fazíamos o número em que éramos dois artistas de Hollywood nos estúdios da MGM. Até que ela nos definiu:

– Nós somos os irmãos Barrymore. Eu sou Ethel Barrymore e você é Lionel Barrymore – atores do teatro e cinema americano.

328 Então, Ethel e Lionel estavam sempre brincando com os nomes de antigos artistas de Hollywood. E Fernanda Torres falava:

– Emiliano, você e a mamãe só falam de gente que eu não tenho idéia de quem seja.

Nos carros com tração nas quatro rodas vencíamos aquelas dunas sem-fim para chegarmos à locação. Nos Lençóis, você olha para um lado e outro e não tem mais noção de onde é norte, sul, leste, oeste. No meio das dunas, águas brotam do solo formando lagos sob um belo céu. Um cenário deslumbrante: uma casa cenográfica, com coqueiros e o chiqueiro das cabras. A lagoa

atrás – azul como num filme em *Technicolor* de Dorothy Lamour.

Ricardo De La Rosa, o diretor de fotografia, imprimiu a visão de Andrucha. Esse cartão-postal aparece no filme com seu lado opressor, empoeirado e difícil das tempestades de areia.

O processo perfeccionista do diretor contagiava todo mundo. Rodamos uma seqüência durante um ou dois dias e ele não ficou satisfeito. Repetimos o plano na outra semana. O resultado foi a bela caminhada com o *steadycam*, em direção à cabana, que eu e Fernanda Torres realizamos.

Por conta de uma tempestade que destruiu o cenário, precisei voltar mais vezes aos Lençóis. A cada travessia pelos tortuosos caminhos, coisas imprevisíveis aconteciam. Numa delas, ficamos atolados sem socorro e sem comunicação. Um caminhão em sentido contrário nos viu, reconheceram o Dirceu Borboleta e foi aquele alvoroço. Nos salvaram e, entronizado numa pequena ilhota, fui fotografado com filhos, mulher e sogra do motorista.

Uma vez, desci no aeroporto Santos Dumont, depois da conexão com Brasília, às 20h. Às 21h, no palco do Teatro Dulcina, iniciei *Medéia*. Uma única vez não foi possível chegar para a sessão,

mas eu combinei tudo com Bia, que ensaiou Ivone Hoffman para o papel do mensageiro e a grande atriz me substituiu com “distinção e louvor”.

Marilene Saad e Stênio Garcia foram cuidadosos comigo quando sofri uma crise de labirintite. Seu Jorge e Luiz Melodia, cada um à sua maneira, encheram de brilho e música os nossos sets.

Fernanda Torres é dinâmica, consciente, criativa e excelente companheira. Fernanda Montenegro é a sabedoria, é filha da disciplina, da graça e do humor. Foi um presente estar com essas duas grandes atrizes e traçar com elas experiências de vida e de faz-de-conta.

330

Dois momentos nas filmagens deram frio na barriga. Em um deles, quando Fernanda Montenegro – impávida – atravessa o reduto dos ninhos das gaivotas, com aquelas aves ameaçadoras sobrevoando sua cabeça. E um dia em que filmei meu encontro com a criança (Camila Fagundes), do outro lado das dunas, em um mar aberto cheio de refugos com cascos imensos de tartarugas quase pré-históricas, eu e meu burro. Ao longe uma manada de búfalos que parecia nos espreitar. Filmamos quietinhos para não provocar o estouro da manada. Essa cena não entrou no filme.

Meu trabalho minimalista, eu construí acrescentando o inesperado das tempestades de areia, dos deslumbrantes poentes da região e de minhas lembranças de tropeiros do interior do Ceará. Filmei de pés descalços como eu andava



Fernanda Montenegro, Seu Jorge e Fernanda Torres



nas areias das praias da minha adolescência. As dunas que se deslocam, os lagos que brotam do solo para depois desaparecer, o inóspito da região contribuíram para a simplicidade franciscana que procurei para o velho andarilho Chico do Sal, sempre estimulado pela força criadora de Andrucha Waddington para a saga *Casa de areia*.

Coluna de Ancelmo Gois, no jornal *O Globo*

Sucesso em Berlim

Domingo, numa sessão para distribuidores em Berlim, *Casa de areia* foi aplaudido de pé.

332

O filme de Andrucha Waddington também é sucesso de público. Os mil ingressos para a sessão de hoje, no Zôo Palast, esgotaram-se há dois dias.

Luiz Fernando Carvalho

Meu primeiro encontro com Luiz Fernando aconteceu quando fui dirigido por ele no *rema-ke* de *Irmãos coragem*. Ficamos sediados em Diamantina e as gravações eram em Currallinho – um punhado de casas a que ele deu vida e cor e transformou na cidade de Coroadó. A igreja, quatro paredes caiadas, como num passe de mágica, virou um templo barroco com pinturas



Irmãos coragem

no teto. Luiz é a criação em forma de homem. O garimpo, em toda sua autenticidade, só não tinha ouro para ser garimpado. Um elenco de brilhantes atores, um trabalho difícil, mas uma grande camaradagem.

Cheguei ao set de gravação e Luiz comentou sobre minha aparência com a figurinista Betty Filipecki. Desarrumou meu chapéu – compreendi sua intenção – peguei a bengala, saí caminhando com dificuldade, devido à gota do meu personagem, Dr. Maciel, apressei o passo, dei três voltas em torno da praça, transpirei pesado, voltei à sua frente e gravamos. Depois, ele comentou com a Laura Cardoso, que me contou:

334

– O Emiliano voltou aqui com o personagem.

Sempre me preparei para ficar à sua frente e virei dono do Dr. Maciel até o final da novela. Os irmãos Coragem eram Marcos Palmeira, Ilya São Paulo e Marcos Winter. Letícia Sabatela era Lara; Gabriela Duarte, minha filha Ritinha, e Dira Paes, a índia Potira.

Vinte e cinco anos tinham se passado desde que eu havia vivido Juca Cipó, agora interpretado pelo ator Murilo Benício. Via Negromonte era a minha mulher. Nelson Xavier, o padre; Cláudio Marzo, o coronel, e Eliane Giardini fazia o papel

que, na primeira versão, coube a Glauce Rocha. Laura Cardoso (a mãe Coragem), Maria Helena Velasco, Zaira Zambelle, Reinaldo Gonzaga, Chico Terreiro e eu estávamos sempre juntos. Jogávamos cartas e nos divertíamos. Maurício Gonçalves era Brás e Denise Milfond, Cema, sua mulher – personagens de Milton Gonçalves e Suzana Faine na versão original.

Na primeira versão, Dr. Maciel, meu personagem, foi feito por Ênio Santos.

Tempos depois, participei da novela *Esperança*. Luiz me recebeu muito bem e, dessa vez, eu brinquei com ele:

335

– Agora não é só “Como vai Luiz?” Agora, tenho de tomar a bênção, você é um diretor de cinema. *Lavoura Arcaica* é, para mim, uma obra-prima.

Em *Esperança*, fiz um padre entediado, que realiza muitos casamentos, um atrás do outro, naquela igreja popularesca. Os meus colegas riram durante o ensaio para a gravação. Minha querida amiga Beatriz Segall ficou vermelhinha de tão engraçado que ela achou.

Voltei de São Luiz do Maranhão e terminei a temporada de *Medéia* no teatro Dulcina. O excesso de viagens, o esforço de locomoção, de estar

presente em tantos lugares, acabou me provocando uma labirintite. Eu estava tendo tonteiras e enjoos, seqüelas naturais de uma labirintite. Dra. Marta Moreira Rocha me atendeu, me encaminhou a especialistas e eu iniciei o tratamento.

A produção de *Hoje é dia de Maria* me comunicou:

– Luiz Fernando Carvalho quer você no trabalho.

Contei para a Fernanda Montenegro, quando nos encontramos na fase de produção:

336

– Luiz me chamou, mas estou com labirintite.

Aí ela disse:

– Emiliano, nenhum ator em sã consciência recusa um convite de Luiz Fernando Carvalho. Depois, nada melhor para curar doença do que o trabalho. Minha labirintite não foi empecilho algum para o diretor.

Luiz Fernando me convidou para conhecer o domo que a equipe apelidou de “bolha”, onde seria rodada a minissérie. Começamos os ensaios, uma fase de muita criatividade. Luiz trouxe Tiche Vianna, professora de corpo em São Paulo, que realizava

um trabalho especial em Campinas. O primeiro exercício que nós fizemos foi com máscaras.

A maneira de olhar, o movimento dos olhos através da máscara, tinha tudo a ver com os exercícios que eu estava fazendo para o labirinto: fixar um ponto, a cabeça ir e o olho ficar no ponto. O trabalho com Tiche foi me dando coragem para eu voltar a me movimentar, andar, pular e reencontrar meu equilíbrio.

Vieram, então, as marionetes. Luiz queria que nós fôssemos marionetes com vida. O Asmodeu, diabo original feito por Stênio Garcia, se transformava e dele saíam falanges que eram feitas por Ricardo Blat, João Sabiá, André Valli, por mim e por Luiz Dasmaceno. Eu era o Asmodeu velho.

337

Mais ensaios, mais aulas, mais dinâmica, momentos de criação, laboratórios, um festival de experiências. Nós ficávamos isolados do Projac, em um terreno em frente. Por inspiração da cenógrafa Lia Renha foi armado um domo enorme, uma tenda no estilo que existia no Rock'in Rio. Dentro, um ciclorama com paisagens em 360°.

No início dos ensaios, eu contei para ele a minha experiência de ter visto um diabo azul no pastoril da minha infância no Ceará. Durante um tempo trabalhei o personagem com essa idéia, mas Luiz

encontrou caminhos melhores, que eu segui à risca, pois estava apaixonado pelo trabalho. Vavá Torres, o maquiador, desenhou no meu rosto a alma, ou a ausência dela, na expressão do velho Asmodeu – o teatro Kabuki outra vez na minha vida de ator.

Osmar Prado, meu colega desde a TV Paulista, estava ali forte, cantante, cheio de energia.

338 Tim Rescala foi o diretor musical. Mesmo depois que nós começamos a gravação, continuamos a ensaiar. No elenco: Letícia Sabatela, Rodrigo Santoro, Inês Peixoto, Tadeu Mello, Juliana Carneiro da Cunha, Gero Camilo e Carolina Oliveira no papel de Maria. Foram co-autores de Luís Fernando Carvalho, Carlos Alberto Soffredini e Luiz Alberto de Abreu.

Quando gravei o encontro do velho Asmodeu com o jovem artista interpretado por Daniel de Oliveira, ele teve uma reação quando ficamos frente a frente. Foi uma cena densa. Quando terminou, ele disse para mim:

– Quando eu cheguei e vi você próximo ao fogo, Emiliano, naquele buraco, eu pensei: Esse homem tem um olho só!

Eu estava usando o processo da cabeça que virava com os olhos fixos no mesmo ponto. Mas o

que ele recebeu foi o velho com um olho só, resultado da inspiração com as marionetes, dos bem aproveitados exercícios da labirintite e do trabalho com Tiche Vianna.

Um dia, com a sua graça tão especial, Fernanda Montenegro brincou comigo:

– Emiliano, nós agora só nos encontramos nos clássicos.

Concordei. Nós acabávamos de fazer um clássico para a televisão – *Hoje é dia de Maria* – de Luiz Fernando Carvalho. A saga de Maria ocupou com brilho o lugar que a TV Globo reserva à cultura brasileira.





Asmodeu Velho, caracterização: Vavá Torres

Capítulo XXII

Epílogo

Nesse século, participei ainda de *Mulheres do Brasil*, de Malu de Martino, *O cobrador*, do romance de Rubem Fonseca com produção mexicana e direção de Paul Leduc. Também dos curtas-metragens *No princípio era o verbo*, de Virgínia Jorge, rodado em Vitória, e do premiado *Bala perdida*, de Victor Lopes, como um velho doente que, sob os efeitos da morfina, viaja na imagem de Camila Pitanga e canta na sua imaginação o clássico *Fascinação*, enquanto as balas zunem sobre sua cabeça.



Mulheres do Brasil, com Lea Garcia e Roberta Rodrigues

No cinema infantil, fiz *Xuxa e os duendes* e *Duendes no caminho das fadas*, com direção Rogério Gomes e Paulo Sérgio de Almeida. Com José Alvarenga, fiz o especial de fim de ano *Os amadores*, na TV Globo, além de participações em novelas e minisséries.



Xuxa e os duendes, com Ana Maria Braga



Um só coração



Bodas de Prata

Bodas de Prata

Embora já não estivéssemos morando juntos há quinze anos, Maria Letícia achou que isso não era motivo para não comemorarmos nossas Bodas de Prata. Foi uma festa onde reunimos amigos que não víamos há muito tempo. Ela tinha razão, foi maravilhoso reencontrá-los.

Hoje moro sozinho, Maria Letícia também, e Sérgio mora com a mulher e os filhos pequenos em outro apartamento perto de nós. Na casa, fica a produtora Estúdio Pesquisa, onde fazemos leituras, ensaiamos peças e filmamos. Lá, moram os filhos e os netos que Maria Letícia cria. É na casa que nos encontramos no trabalho e nas brincadeiras com os netos.



Maria Letícia e eu com filhos, nora e netos: à frente, Victor e, no colo, Rachel. Em pé: Ana, Bruno, Hugo, Sérgio, Elcy, Leandro e Joana

Capítulo XXIII

Teatro Emiliano Queiroz

Matéria no *Diário do Nordeste*, de Fortaleza, Ceará, do dia 1º de abril de 2000

Cidade

Uma festa com a presença de vários nomes do Estado, principalmente da área do comércio e do teatro, realizada na noite de ontem, marcou a inauguração do novo edifício do Serviço Social do Comércio (Sesc), na avenida Duque de Caxias.

A nova sede do Sesc recebeu também um teatro de 275 metros quadrados, que leva o nome de Emiliano Queiroz, em homenagem a um dos pioneiros da dramaturgia cearense. Já em reconhecimento ao empresário Petrônio de Aguiar Andrade, o prédio traz o seu nome.

347

Após o descerramento da placa pelo vice-governador do Estado, Beni Veras, o presidente da Federação do Comércio do Estado do Ceará (Fecomércio), Luís Gastão Bittencourt, fazendo as honras da casa, prestou o reconhecimento do Sesc ao grande ator cearense, destacando ser "justa e oportuna a homenagem a Emiliano Queiroz, tão querido e respeitado em todo o

Brasil". E o teatro, continuou Bittencourt, é uma contribuição do Sesc para o engrandecimento cultural da sociedade cearense.

O jornalista e escritor Eduardo Campos foi o responsável pela saudação ao ator, destacando a figura simples do eterno Dirceu Borboleta, que encantou muitas gerações. Após a saudação, Emiliano Queiroz recebeu um troféu das mãos do diretor regional do Sesc, professor Aluísio Pereira Filho.

Meio tímido e com voz embargada, o ator brincou dizendo que não tinha muito para falar "pois não me deram um texto para decorar".



Interior do Teatro Emiliano Queiroz

Porém, “ao teatro do Sesc dedico o que tenho de mais caloroso, o meu aplauso”, ressaltou, emocionado.

Na sobremesa da vida

Quando o ano 2000 chegou, eu estava com sessenta e quatro anos, entrando na sobremesa da vida, e pensei: o que ficou para trás foi para sempre. Não posso nem devo mais me preocupar com o que há de vir. A fase da procura deve gentilmente dar lugar a ser procurado. Agora me surpreendo, pois chegam a mim trabalhos e momentos de muita significação, tão gratos a um velho ator.

349

Reportagem de Patrícia Karan, no jornal *O Povo*, de Fortaleza, Ceará, em 31 de março de 2000

Emiliano Queiroz homenageado com a inauguração do Teatro Sesc.

Após passar uma vida inteira dedicando-se integralmente aos seus personagens, o ator Emiliano Queiroz vive uma experiência nova. O Serviço Social do Comércio (Sesc) inaugura hoje, à noite, o Teatro Emiliano Queiroz.

Chico Buarque compôs a música *Geni e o Zepelim* para o seu personagem em *A Ópera do malandro*.

Nos anos de chumbo da ditadura, ele desafiou os militares ao viajar o Brasil com Nelson Xavier, apresentando a peça *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos, o que levou Dom Hélder Câmara a declarar que “Dois perdidos valem mais do que dez sermões e vinte conferências”. Para o público nacional e o cearense, em particular, ele será sempre o inesquecível Dirceu Borboleta da novela (e depois série) *O bem amado*, de Dias Gomes.

Emiliano Queiroz, cearense de Aracati, dedicou toda a sua vida à arte de representar, mas nenhuma homenagem ou reconhecimento o tocou mais do que ter seu nome batizando um teatro.

350

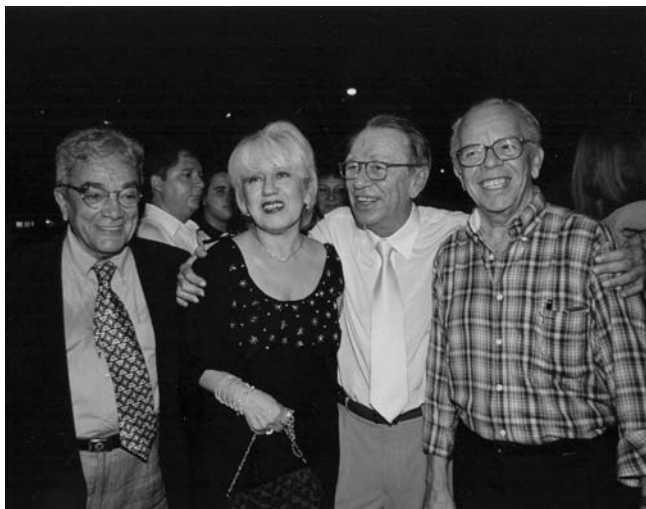
Geni de *A Ópera do malandro*, e Veludo, de *Navalha na carne*, retornam aos palcos hoje. Dois dos personagens mais célebres de Emiliano Queiroz irão contar a vida do próprio na peça *Um Palco para 1000 Anos: Evoé Ator Emiliano Queiroz*, de Eurico Bivar. “É uma metáfora sutil e poética. Os personagens vão mostrar o Emiliano ator, diretor e autor”, explica Bivar, acrescentando que na segunda parte da encenação será focado o sacerdócio da interpretação.

A peça, dirigida por Wellington Pará, com Timóteo Monte, Oscar Ronei e Marcos Sisco, foi escolhida para homenagear o ator na inauguração do

Teatro Sesc Emiliano Queiroz, hoje, às 19h30min. Em seguida, o escritor Manuelito Campos fará a saudação a Emiliano. No local, também será inaugurada uma exposição fotográfica sobre a vida e a carreira do ator. A inauguração oficial dará o pontapé inicial para uma extensa programação, que irá se prolongar por todo o fim-de-semana.



João Luiz Ramalho e Aluísio Pereira Filho entregam ao ator o Troféu Teatro Sesc Emiliano Queiroz, na noite da inauguração. Entre outros prêmios em Fortaleza: Troféu Jangada (TV Ceará 1961, 62, 63), Alô, Alô, Cultura (Nonato Freire) e o Prêmio Carlos Câmara – Destaque Teatral, Grupo Balaio de Marcelo Costa e Ibeu



Na inauguração do Teatro Emiliano Queiroz, com Ary Sherlock, Íris Breno e Augusto Borges

O ESTADO DE S. PAULO

Cinema Festival: QUARTA-FEIRA, 8 DE JUNHO DE 2005 ■

Cine Ceará homenageia Emiliano Queiroz

Ator cearense que está no longa *O Amigo Invisível* recebeu troféu por sua carreira

Luiz Zanin Oricchio
FORTALEZA

Uma singela homenagem ao ator Emiliano Queiroz foi o momento de maior emoção até agora desta 15.^a edição do Cine Ceará. Nascido em Aracati, e conhecido do grande público pelo personagem Dirceu Borboleta, da novela *O Bem-Amado*, Emiliano é daqueles atores que transformam pequenos papéis em grandes personagens. Por exemplo, por uma participação de apenas 5 minutos em *Stelinha*, de Miguel Faria Jr., recebeu em Gramado o Kikito de melhor coadjuvante. Ele participa do elenco de *Casa de Areia*, de Andrucha Waddington, ainda em cartaz, e estará na novela da Globo *Alma Gêmea*, que estreia em breve.

No cinema, Emiliano teve mais de 45 participações, entre curtas e longas. Mas possivelmente seu papel mais significativo seja o do homossexual Veludo, na versão de Braz Chediak para a peça *Navalha na Carne*, de Plínio Marcos, con-

tracenando com Glaucê Rocha e Jece Valadão. Ao receber o troféu Eusélio Oliveira por sua carreira, Emiliano, muito emocionado, só pôde dizer que era uma honra ter sido lembrado em sua terra natal. Ele está também no elenco do longa *O Amigo Invisível*, de Maria Leticia, que participa do Cine Ceará fora de concurso.

divulgação



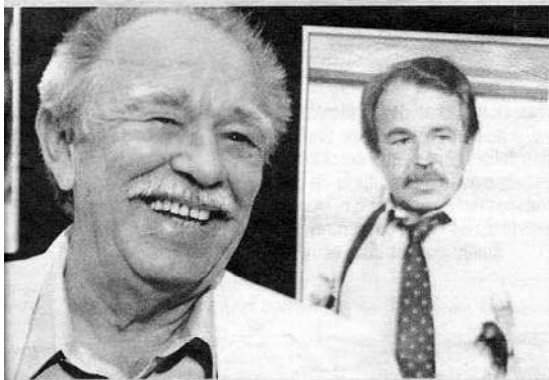
EMILIANO - Prêmio na terra natal

Diário do Nordeste

Fortaleza, Ceará - Quinta-feira, 9 de junho de 2005

CINEMACOM RAPADURA

◆ Abertura do XV Cine Ceará



◆ Aplausos merecidos

Homenageado no XV Cine Ceará, Emiliano Queiroz foi aplaudido de pé pela platéia presente ao Festival. O sorriso aberto revela a felicidade do ator que merecidamente ganhou reconhecimento pelo conjunto de sua obra

◆ Emiliano

Na noite do quarto dia de Cine Ceará o homenageado foi Emiliano Queiroz, que por sinal, foi aplaudido de pé, como não se a via há muito tempo no festival. Realmente, ele merece, e muito, esta grande homenagem.



Recebendo o Troféu Eusélio Oliveira das mãos de Luiz Gastão Bittencourt (Presidente da FECOMERCIO)



Com Dane de Jad (Gerente de Cultura do SESC) e o ator Ricardo Guilherme no Cine São Luis na noite da premiação



Nos intervalos do Festival, com Maria Letícia e minha irmã Terezinha Queiroz



SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

DEPARTAMENTO REGIONAL NO ESTADO DO CEARÁ

DIRETORIA REGIONAL

As cores destas rosas demonstram
o ouro dos raios do sol cearense,
que queimam os corações, na
admiração do seu povo por
Emiliano Queiroz.

Com o abraço do SESC.

AR-37

VIVA MAIS E MELHOR

SÉRGIO CABRAL



FRASE DO DIA

BANCO DE IMAGENS



*"Estou na sobremesa
da vida, vou
saboreando.*

*Tem ainda o café, um
licor, às vezes outro
cafezinho. Então,
deixa eu saborear!"*

EMILIANO QUEIROZ,
69 ANOS, ATOR



Teatro SESC Emiliano Queiroz Fortaleza - CE

Cronologia

Novelas

TV Globo

2005

Alma gêmea

De Walcyr Carrasco, Colab. Thelma Guedes. Dir. Geral: Jorge Fernando. Dir. Fred Mayrink, Pedro Vasconcelos. Com Priscila Fantin, Eduardo Moscovis, Flávia Alessandra, Nicette Bruno, Lady Francisco, Fulvio Stefanini, Neuza Faro, Ângelo Antônio, Umberto Magnani, Walderez de Barros, Drica Moraes, Davi Lucas, Renan Ribeiro, Ernesto Picollo, Carla Daniel, Hilda Rebello, Pâmela Rodrigues, Luigi Baricelli, Malvino Salvador, Fernanda Souza, Emillio Orciollo Netto e Ankito.

A história de um amor mais forte que o tempo, mais forte até que a própria morte. Personagem: Bernardo.

Hoje é dia de Maria

Criação e direção Luiz Fernando Carvalho. Com Fernanda Montenegro, Carolina Oliveira, Letícia Sabatela, Rodrigo Santoro, Tadeu Mello, Ricardo Blat, André Valli, Stênio Garcia.

A minissérie conta a saga da menina Maria. Personagem: Asmodeu Velho.

2004

Um só coração (minissérie)

De Maria Adelaide Amaral. Direção: Carlos Manga, Carlos Araújo, Ulises Cruz. Com Ana Paula Arósio, Eliane Giardini, Yoná Magalhães, Pedro Paulo Rangel e Betty Goffman.

Nas primeiras décadas do século XX, o crescimento e os conflitos políticos e sociais de São Paulo – A Semana de Arte Moderna e seus mitos, como Tarsila do Amaral. Personagem: Juca do Amaral.

Começar de novo

De Antonio Calmon e Elizabeth Jhin. Dir. Geral: Carlos Araujo. Dir. Marcelo Travesso, Gustavo Fernandes. Com Marcos Paulo, Natália do Vale, Eva Wilma, Antônio Abujamra e Bruno Garcia. Rapaz dado como morto se recupera do ferimento, mas fica sem memória. Para protegê-lo um amigo de sua família o leva para Moscou. Personagem: Mikhail Karamazov.

Senhora do destino

De Aguinaldo Silva. Dir. Claudio Boeckel, Luciano Sabino, Marco Rodrigo. Dir. Geral: Wolf Maya. Com Suzana Vieira, Renata Sorrah, José Mayer, José Wilker, Miryan Pires, Eduardo Moscovis e Dado Dolabella.

A trajetória de mãe de família após o seqüestro de um de seus filhos. Personagem: Padre Leovegildo.

2001

As filhas da mãe

De Silvio de Abreu. Escrita por Silvio de Abreu, Alcides Nogueira e Bosco Brasil. Colab. Sandra Louzada. Dir. Geral: Jorge Fernando. Dir. Marcelo Travesso, Marcus Alvisi. Com Francisco Cuoco, Raul Cortez, Toni Ramos, Thiago Lacerda e Jaqueline Laurence, Bete Coelho e Fernada Montenegro.

Toda a confusão se inicia no começo do século XXI, em São Paulo, com o misterioso desaparecimento de um homem, depois de dar um golpe em seus dois sócios. Personagem: Pai de Adriano.

361



A muralha, Edwin Luise

2000

A Muralha (minissérie)

Adaptação de Maria Adelaide Amaral do romance de Dinah Silveira de Queiroz. Colab. João Emanuel e Vicent Villari. Dir.Geral: Denise Saraceni e Carlos Araújo. Com Mauro Mendonça, Leandra Leal, Leonardo Brício, Alessandra Negrini, Tarcísio Meira, Letícia Sabatella, Matheus Nachtergaele, Ada Chaseliov, André Gonçalves, Paulo José, Vera Holtz. Fotos: Edwin Luisi, Cecil Thire, Sérgio Mamberti e Pedro Paulo Rangel.

As aventuras dos bandeirantes – os paulistas que desbravaram o interior do país no início do século XVII. Personagem: Dom Falcão.



1999

Andando nas nuvens

De Euclídes Marinho. Direção: Denis Carvalho, José Luiz Villamarim e Ary Coslov. Com Marco Nanini, Marcos Palmeira, Débora Bloch, Márcio Garcia e Regina Dourado.

Dilemas e conflitos de um homem que parou no tempo. Personagem: Motorista do táxi.

Chiquinha Gonzaga (minissérie)

De Lauro César Muniz e Marcílio Moraes. Dir. Geral: Jayme Monjardim. Com Gabriela Duarte, Regina Duarte, Carlos Alberto Riccelli, Marcelo Novaes e Odilon Wagner.

363

Painel histórico de 80 anos, traçado a partir das lutas e vitórias da maestrina Chiquinha Gonzaga.

1998

Hilda Furacão (minissérie)

De Glória Perez, do livro de memórias de Roberto Drumond. Direção: Maurício Faria, Luciano Sabino e Wolf Maia. Com Ana Paula Arósio, Rodrigo Santoro, Thiago Lacerda e Danton Mello.

Filha de uma tradicional família mineira escandaliza a sociedade ao escapar no dia de seu casamento para se refugiar entre prostitutas. Personagem: Profeta.

1996 a 1998

***Caça Talentos* (seriado)**

De Ronaldo Santos e Mauro Wilson. Direção Mário Vaz. Com Angélica, Betina Vianny, Mari-lu Bueno, Luiz Carlos Tourinho, Antônio Pedro, Mirian Freeland, Tony Tornado. Novela infantil focalizando o universo das fadas, dos seres mágicos, que se misturam ao mundo real. Personagem: Honorável Kelvin.

1998

Era uma vez

De Walter Negrão. Dir.Geral: Rogério Gomes. Dir. Jorge Fernando, Rogério Gomes, Marcelo Travesso, Fabrício Mamberti. Com Herson Capri, Andréa Beltrão, Drica Moraes, Cláudio Marzo,



Tuca Andrada, Mirian Rios, Suzy Rego. André Gonçalves e Stela Freitas.

Voltada para o universo infantil, a novela faz referências a clássicos da literatura como *Pinóquio* de Carlo Collodi. Personagem: Catulo.

1996

Quem é você

De Ivani Ribeiro e Solange Castro Neves. Dir. Herval Rossano, Flávio Colatrello, Luis Henrique Rios, Andre Schultz. Com Elizabeth Savalla, Cássia Kiss, Francisco Cuoco, Alexandre Borges e Paulo Gorgulho.

A relação de duas irmãs, a terceira idade e a farsa dos sexos são os temas predominantes da trama. Personagem: Honório.

365

1995

Irmãos coragem

De Janete Clair. Atualização: Dias Gomes e Marcílio Moraes. Colab. Ferreira Gular, Lílian Garcia e Margareth Boury. Dir. Geral: Luiz Fernando Carvalho, Mauro Mendonça Filho, Carlos Araújo, Reynaldo Boury e Ary Coslov. Com Marcos Palmeira, Marcos Winter, Ilya São Paulo, Cláudio Marzo, Letícia Sabatella, Murilo Benício, Nelson Xavier, Via Negromonte, Zaira Zambeli, Jackson Antunes, Maria Helena Velasco e Laura Cardoso.

Remake da novela de Janete Clair de 1970. Personagem: Maciel.

1993

Olho no Olho

De Antonio Calmon. Colab. Lílian Garcia, Tete Vasconcelos, Maria Carmem Barbosa. Dir. Ricardo Waddington, Rogério Gomes, Ary Coslov. Com Toni Ramos, Selton Mello, Bel Kutner, Sérgio Viotti e Rodrigo Santoro.

Homem revela em confissão a um padre que é um criminoso procurado por uma organização chefiada por um rapaz com poderes paranormais. Personagem: Antenor.

1992

Deus nos Acuda

De Silvio de Abreu. Colab. Alcides Nogueira e Maria Adelaide Amaral. Dir. Jorge Fernando, Marcelo Travesso e Rogério Gomes. Com Dercy



Gonçalves, Cláudio Corrêa e Castro, Francisco Cuoco, Marieta Severo, Paulo César Grande, Luigi Baricelli, Adelaide Chiozzo, Carmen Verônica, Jorge Dória e Cláudia Raia.

Mistura entre os domínios do divino e do mundano. Celestina, um anjo responsável pelo Brasil, ao ouvir de Deus a ameaça de ser mandada para o país, pede a ajuda ao anjo Gabriel. Personagem: Quaresma.

Anos Rebeldes (minissérie)

De Gilberto Braga e Sergio Marques. Dir. Denis Carvalho, Silvio Tandler e Ivan Zettel. Com Malu Mader, Cássio Gabus Mendes, Geraldo Del Rey, Betty Lago e José Wilker.

367

Nos anos de chumbo da ditadura no Rio de Janeiro, o conflito entre individualismo e consciência de classe. Personagem: Dr. Alcir.

Tereza Batista (minissérie)

Adaptação de Vicente Sesso do romance de Jorge Amado. Dir. Paulo Afonso Grisolli e Fernando Rodrigues de Souza. Com Patrícia França, Maria Gladys, Herson Capri, Helena Ignes, Othon Bastos e Zilka Salaberry.

A vida de Tereza Batista dos treze aos vinte e sete anos que criança é vendida por sua tia a um homem violento que coleciona meninas. Personagem: Alinor.

1991

O dono do mundo

De Gilberto Braga. Dir. Denis Carvalho, Ricardo Waddington, Mauro Mendonça Filho. Com Antônio Fagundes, Malu Mader, Fernanda Montenegro, Stênio Garcia, Paulo Gorgulho e Odete Lara.

Cirurgião plástico charmoso, inteligente e egoísta fica obcecado pela idéia de possuir a noiva de um funcionário seu. Personagem: Recepcionista apart hotel

1990

Barriga de aluguel

De Glória Perez e Leila Miccolis. Dir. Wolf Maya. Com Cláudia Abreu, Cássia Kiss, Victor Fasano, Sura Berditchevsky, Carla Daniel, Denise Fraga, Paulo César Grande, Jairo Mattos, Beatriz Segall e Mário Lago.

Casal perfeito, mas sem filhos decide contratar uma mãe de aluguel. Uma moça pobre que aluga seu útero em troca de dinheiro. Personagem: Dr. Barroso.

Rainha da sucata

De Silvio de Abreu. Colab.: José Antonio de Souza. Dir.: Jodele Larcher e Jorge Fernando. Com Regina Duarte, Glória Menezes, Paulo Gracindo, Antônio Fagundes, Cláudia Abreu, Marisa Orth e Cleyde Yáconis.

Em São Paulo, a trepidante vida dos novos ricos e da elite decadente do país. Personagem: Diretor do colégio.

1989

Abolição (minissérie)

Roteiro de Walter Avancini e Wilson Aguiar Filho. Colab. Joel Rufino dos Santos. Dir. Walter Avancini. Com Ângela Corrêa, Luiz Antônio Pillar, Celina Imbert, Edney Giovenazzi, Edwin Luisi, Mira Haar, Marta Overbeck e Milton Moraes. Personagem: Oswaldo Limeira.

Momentos que antecedem a assinatura da Lei Áurea com a ação centrada na escrava Iná Inerã, líder espiritual e guerreira.

369

Top Model

De Walter Negrão, Antonio Calmon, Rose Calza e Vinícius Vianna. Dir. Roberto Talma, Mário Márcio Bandarra e Fred Cofoloni. Com Nuno Leal Maia, Cecil Thiré, Eva Todor, Taumaturgo Ferreira, Alexandra Marzo, Jonas Torres, Suzana Faini e Yara Cortes.

Rivalidade entre irmãos. O *hippie* quarentão, surfista, remanescente de sua geração e o irmão *yuppie*, dono de uma confecção e uma agência de modelos. Personagem: Manfredo.

O sexo dos anjos

De Ivani Ribeiro; 2ª versão de "O Terceiro Pecado". Dir. Roberto Talma e Fábio Sabag. Com Mário Gomes, Felipe Camargo, Bia Seidl, Rosana Garcia, Humberto Martins, Norma Bengell e João Rebello.

Discussão sobre morte, destino e amor. Personagem: Padre Julião.

Que rei sou eu?

De Cassiano Gabus Mendes. Dir. Jorge Fernando. Com Edson Celulari, Giulia Gam, Tereza Rachel, Antônio Abujamra, Jorge Dória, Fábio Sabag, Ilka Soares e Dercy Gonçalves.

A história se passa em Avilan, um imaginário país da Europa, em 1786, três anos antes da Revolução Francesa. O "país" é uma paródia do Brasil. Personagem: La Roche (o velho centenário).

1988

Bebê a Bordo

De Carlos Lombardi. Colab. Luiz Carlos Fusco. Dir. Roberto Talma, Antonio Rangel e Marcelo de Barreto. Com Isabela Garcia, Toni Ramos, Dina Sfat, Maria Zilda Bethlem, Márcia Real, João Rebello, Leina Krespi e Ary Fontoura.

Criança nasce dentro de um táxi durante um engarrafamento. Personagem: Motorista.

Pagador de promessas (minissérie)

De Dias Gomes. Dir. Tizuka Yamasaki. Com José Mayer, Denise Milfont, Walmor Chagas, Mário Lago, Osmar Prado, Ana Beatriz Nogueira, Nelson Xavier.

Sobrevivência do homem e sua luta por aquilo em que acredita. Zé do Burro que vive num mundo à parte com seu fiel companheiro, o burro Nicolau. Personagem: Zanolho.

1987

O outro

De Aguinaldo Silva. Dir. Gonzaga Blota, Fred Confralonieri, Ignácio Coqueiro, Ricardo Waddington e Paulo Afonso Grisolli. Com Francisco Cuoco, Beth Goulart, Cláudia Abreu, Arlete Salles, Wanda Kosmo.

Dois homens vivem ambientes bem diferentes, mas têm uma semelhança física impressionante. Personagem: Delegado.

1986

Cambalacho

De Silvio de Abreu. Dir. Jorge Fernando. Com Fernanda Montenegro, Gianfrancesco Guarnieri, Natália do Vale, Mário Lago, Cláudio Marzo, Suzana Vieira, Edson Celulari, Débora Bloch, Regina Casé, Consuelo Leandro, Luis Fernando Guimarães, Flávio Galvão.



Casal parceiro nos cambalachos faz tudo para sobreviver até que um testamento muda a situação. Personagem: Tio Biju.

1985

Tenda dos Milagres (minissérie)

Adaptação da obra de Jorge Amado. Dir.de Paulo Afonso Grisolli, Mauricio Faria e Inácio Coqueiro. Roteiro de Aguinaldo Silva e Regina Braga. Com Nelson Xavier, Ângela Leal, Chica Xavier, Antônio Pompeu, Solange Couto, Júlia Lemmertz, Tânia Alves, Du Moraes.

Luta contra a discriminação racial. A missão de Pedro Arcanjo que tenta defender a cultura africana e integrá-la à sociedade branca. Personagem: Fontes.

Ti-Ti-Ti

De Cassiano Gabus Mendes. Colab. Luis Carlos Fusco. Dir. Wolf Maya e Fred Cofolonieri. Elenco: Reginaldo Faria, Luis Gustavo, Malu Mader, Cássio Gabus Mendes, Aracy Balabanian.

Rivalidade profissional, familiar e afetiva entre dois amigos de infância. Personagem: Seu Futuro.

1980 a 1984

O bem amado (seriado)

De Dias Gomes. Direção: Régis Cardoso. Com mesmo elenco da novela. Paulo Gracindo (foto)
Personagem: Dirceu Borboleta.

1979

Pai herói

De Janete Clair. Dir. Daniel Filho. Com Paulo Autran, Toni Ramos, Lima Duarte, Maria Fernanda, Elizabeth Savalla, Glória Menezes, Lélia Abramo, Carlos Zara, Beatriz Segall e Jorge Fernando.

Conta a história de um jovem e sua luta para limpar a imagem do pai, um bandido perigoso. Personagem: Horácio.

1978

Gina

De Rubens Ewald Filho, baseada no romance da Sra. Leandro Dupre. Dir. Sérgio Mattar. Com Christiane Torloni, Louise Cardoso, Denise Dumont, Marcelo Picchi, Diogo Vilela e Castro Gonzaga.



O bem amado, Paulo Gracindo

Trajetória de Gina, apresentando três fases de sua vida. A juventude pobre num bairro da Zona Norte carioca, uma temporada nos EUA e a ascensão social da heroína, reconhecida como artista plástica talentosa. Personagem: Fernando.

Maria, Maria

Adaptação de “Maria Dusa” de Lindolfo Rocha, por Manoel Carlos. Dir.Herval Rossano. Com Nívea Maria, Cláudio Cavalcante, Agnes Fontoura, Ana Ariel, Ary Coslov, Catulo de Paula, Felipe Wagner e Wilson Grey.

Ambientada numa região de garimpo de diamante na Bahia do século XIX, narra a história de um triângulo amoroso envolvendo as irmãs gêmeas Maria e Maria Dusá. Personagem: João Felipe de Souza.

375

1977

Espelho Mágico

De Lauro César Muniz. Dir.Daniel Filho e João Gabriel. Com Tarcísio Meira, Glória Menezes, Juca de Oliveira, Lima Duarte, Pepita Rodrigues, Tony Ramos, Bibi Vogel, Maria Lúcia Dahl, Milton Moraes.

O dia-a-dia, o sucesso e os conflitos vividos por autores, diretores, atores e jornalistas.

1976

Estúpido cupido

De Mário Prata. Dir. Regis Cardoso. Com Ricardo Blat, Ney Latorraca, Tião D'Ávila, Françoise Forton, Leonardo Vilar, Djenane Machado, Elizabeth Savalla, Marilú Bueno, Ida Gomes, Sônia de Paula, Tony Ferreira, Vic Militello, Oswaldo Louzada e Maria Della Costa.

Em 1961, no interior de São Paulo, uma normalista sonha em morar na capital e ser eleita Miss Brasil. Personagem: Padre Almerindo.

1975

Pecado capital

De Janete Clair. Dir. Daniel Filho. Com Francisco Cuoco, Betty Faria, Rosa Maria Murtinho, Lima Duarte, Tereza Amayo, Marco Nanini, Lauro Góis, Débora Duarte, Sandra Barsotti, Lady Francisco, Leina Krespi, Lutero Luiz e Valdir Maya.

Ambição de um motorista de táxi, a solidão de um rico empresário e o triângulo amoroso que eles formam com uma mulher. Personagem: Valdir.

1973

O bem amado

De Dias Gomes. Dir. Regis Cardoso. Com Paulo Gracindo, Lima Duarte, Jardel Filho, Sandra Bréa, Zilka Salaberry, Ida Gomes, Dorinha Duval, Dirce Migliaccio, Milton Gonçalves, Ruth de Souza, Lutero Luiz, João Carlos Barroso e André Valli.



Fato verídico ocorrido no estado do Espírito Santo, onde um candidato a prefeito se elegeu com a promessa de construir um cemitério. Personagem: Dirceu Borboleta.

1972

Selva de pedra

De Janete Clair. Dir. Daniel Filho, Walter Avancini, Reynaldo Boury, Milton Gonçalves. Com Francisco Cuoco, Regina Duarte, Carlos Vereza, Dina Sfat, Sônia Braga, Célia Coutinho, Germano Filho.

Moço simples do interior é acusado de um crime que não cometeu e refugia-se na casa de uma jovem escultora e se apaixona por ele. Personagem: Marcelo.

1971

O homem que deve morrer

De Janete Clair. Dir. Daniel Filho. Com Tarcísio Meira, Glória Menezes, Antônio Pitanga, Lea Garcia, Carlos Eduardo Dolabella, Dina Sfat, Paulo José e Lúcia Matos.

Em Porto Azul o falecido Ciro Valdez, que em vida era casado com Ester, reencarna como um médico que também é mestre em religiões orientais. Personagem: Dr. Paulus.

1970

Irmãos coragem

De Janete Clair. Dir. Daniel Filho e Milton Gonçalves. Zilka Sallaberry, Cláudio Marzo, Tarcísio Meira, Cláudio Cavalcanti, Gilberto Martinho, Glória Menezes, Lúcia Alves, Sônia Braga, Regina Duarte, Ana Ariel, Carlos Eduardo Dolabella, Dary Reis, Delorges Caminha, Francisco Milani, Francisco Serrano, Jacira Silva, José Augusto Branco, Jurema Penna, Sônia Clara, Waldir Onofre, Yara Amaral, Zeny Pereira.

Na fictícia cidade de Coroadó, no interior de Goiás, cuja atividade econômica é a garimpagem do ouro, desenvolve-se o drama da família Coragem. Personagem: Juca Cipó.

Verão vermelho

De Dias Gomes. Dir. Marlos Andreucci. Com Maria Cláudia, Dina Sfat, Jardel Filho, Paulo Goulart,

Arlete Salles, Ary Fontoura, Carlos Vereza, Ida Gomes, João Paulo Adour, Lajar Muzuris, Lúcia Alves, Maria Pompeu, Mário Lago, Osmar Prado, Ruth de Souza.

A partir do conflito entre gerações, a trama denuncia o preconceito social e racial, tratando de questões polêmicas como a reforma agrária e o divórcio, ainda não legalizado na época. Personagem: Irineu.

1969

Ponte de Suspiros

De Dias Gomes, sob o pseudônimo "Stella Calderón". Baseada no romance de Michel Zevaco. Direção: Marlos Andreucci. Com Carlos Alberto, Yoná Magalhães, Jardel Filho, Diogo Vilela, Arlete Salles, Ary Fontoura, Carlos Vereza, Dary Reis, Djenane Machado, Ida Gomes, João Lorêdo, João Paulo Adour, Lúcia Magna, Paulo Padilha, Roberto Argolo, Vinícius Salvatore, Zilka Salaberry.

Drama ambientado em Veneza, em 1500. Rolando Cândido é preso no dia de seu casamento com Leonor Dandolo, por causa de intrigas feitas pelo capitão Altieri. Personagem: Bembo.

Véu de noiva

De Janete Clair. Dir. Daniel Filho. Com Regina Duarte, Geraldo Del Rey, Myrian Pérsia, Cláudio Marzo, Ana Ariel, Betty Faria, Carlos Eduardo

Dolabella, Darlene Glória, Djenane Machado, Ênio Santos, Glauce Rocha.

Conta a história de Andréa que termina seu noivado com Luciano no dia do casamento, depois de descobrir que ele tinha um caso com sua irmã Flor. Personagem: Tomás.

A última valsa

De Glória Magadan. Dir. Fabio Sabag. Com Cláudio Marzo, Theresa Amayo, Glauce Rocha, Norma Blum, Betty Faria, Dary Reis, Geraldo Del Rey, Ida Gomes, Joana Fomm, Nildo Parente e Zilka Sallaberry.

Na Áustria do século XIX, o duque de Olenberg é acusado de espionagem em favor da Alemanha. Personagem: Conde Hoyot.

1967

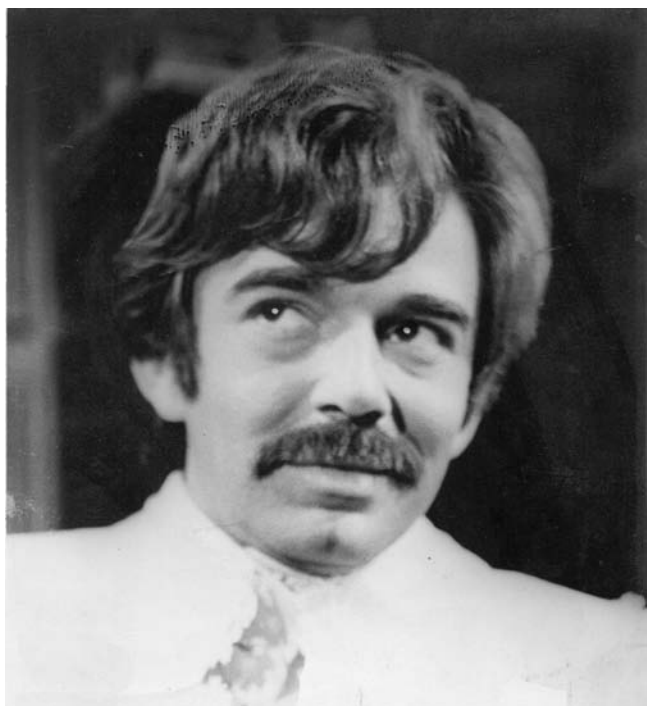
O homem proibido

Escrito por Glória Magadan, com direção e produção de Daniel Filho. Com Yoná Magalhães, Carlos Alberto, Álvaro Aguiar, Diana Morel, José Augusto Branco, Karin Rodrigues, Mário Lago, Norma Blum, Rubens de Falco e Vanda Lacerda.

A história focaliza o amor impossível entre Surama e Kim, que foge da fictícia cidade de Canchipur, na Índia, e torna-se um justiceiro chamado Demian. Personagem: Chandra.

Anastácia, a mulher sem destino

De Emiliano Queiroz e Janete Clair, baseada, entre outros, no folhetim francês *A Touti Negra do moinho*, de Xavier de Montetini, com supervisão de texto de Glória Magadan, direção geral de Henrique Martins e direção de imagem de Régis Cardoso. Com Aracy Cardoso, Cláudio Cavalcanti, Dary Reis, Edson França, Fábio Sabag, Gilberto Martinho, Hugo Santana, Luís Carlos Braga,



Neuza Amaral, Paulo Gonçalves, José Augusto Branco, Yolanda Cardoso.

Moça pobre ignora quem é seu pai. Filha de uma paixão proibida, foi abandonada na floresta, sendo encontrada por um velho lenhador. Emiliano: Pepe Le Coq.

Sombra de Rebeca

De Glória Magadan. Mistura das tramas de "Madame Butterfly" de Puccini e "Rebeca" de Daphne du Maurier. Dir. Henrique Martins. Com Yoná Magalhães, Carlos Alberto, Darcy de Souza, Henrique Martins, Mário Lago e Myrian Pires.

A trama conta a história do amor não correspondido da oriental Suzuki pelo jovem galã Felipe. Preterida por seu amado Suzuki comete suicídio.



1966

Sheik de Agadir

De Glória Magadan. Dir. Henrique Martins. Com Yoná Magalhães, Amilton Fernandes, Cláudio Marzo, Leila Diniz, Vanda Marchetti, Marieta Severo e Yara Lins.

Na Arábia e na França ocupada pelos nazistas, em meio a romances, misteriosos assassinatos acontecem e o criminoso é conhecido pela alcunha de Rato. Personagem: Hans Stauber.

Eu compro essa mulher

De Glória Magadan. Direção: Henrique Martins. Com Yoná Magalhães, Carlos Alberto, Cléa Simões, Irene Ravache, Luiz Orioni, José de Arimathea, Ita West Myrian Pires, Yara Lins e Leila Diniz.



História de amor entre Frederico Aldama e Maria Tereza que enfrentam a perversidade de Úrsula.

1965

Ilusões perdidas

De Enia Petri. Direção: Líbero Miguel e Sérgio Brito. Com Leila Diniz, Reginaldo Faria, Osmar Prado, Marcos Granado, Norma Blum, Joana Duarte e Myrian Pires.

Conflito familiar com destaque para o amor entre jovens.

A moreninha

384 Adaptação do romance homônimo de Joaquim Manuel de Macedo por Graça Mello, que também dirigiu e produziu a novela. Com Marília Pêra, Cláudio Marzo, Cláudia Martins, Gracindo Júnior, Iara Sarmiento, Iracema de Alencar, Milton Gonçalves, Nazareth Cruz, Paulo Graça, Renato Machado, Thaís Portinho, Zezé Macedo.

Carolina tenta de todo modo reencontrar Augusto, seu amor de infância. Em meio a festas, romances e passeios pela Ilha de Paquetá, o cotidiano de um grupo de jovens.

Paixão de outono

Escrita por Glória Magadan, baseada em texto homônimo de Osman Lins, com direção e produção de Líbero Miguel. Com Irene Ravache, Jaime

Costa, Leila Diniz, Reginaldo Faria, Thelma Elita. A trama gira em torno de um triângulo amoroso. Verônica é uma mulher insegura, não acredita em si mesma e em seu poder de sedução.

Um rosto de mulher

Adaptado por Daniel Más. Direção: Sérgio Britto. Com Natalia Timberg, Aldo de Maio, Myrian Pires, Marília Pêra, Lea Bulcão, Lícia Magna. Paulo Padilha e Kleber Drable.

Trama romântica relativo à vida de uma mulher



com dupla personalidade.

Entre 1965 e 2005, participação nos programas:

Bairro Feliz

Você Decide

Brava Gente

Caso Verdade

Caso Especial

Sítio do Pica-pau Amarelo

Planeta Xuxa

Os Trapalhões

Aplauso

386 *Escolinha do Professor Raimundo*

Comédia Especial

A Justiceira

Mulher

Os Amadores.

São Paulo

1965

A sombra do passado

De Leonardo de Castro. Direção: Moreira Junior.

Com Lucy Meirelles, Márcia Cardeal, Pena Filho,

Melany Del Nero, Turíbio Ruiz, Marta Greiss,

Aristides Molina, Lucimara Parisi, Luiz Pellegrini.

Personagem: Otávio.



Grande Teatro TV Paulista, com Maximira Figueiredo, 1964

Chamas que não se apagam

Texto e direção: Renan Alves. Com Marta Greiss, Jairo Gonzáles e Paulo Pinheiro

1964

Eu amo esse homem

De Enia Petri. Direção: Líbero Miguel. Com Nydia Licia, Regina Macedo, Mirthes Grisoli, Ada Hell, Márcia Cardeal, Denis Carvalho e Marcos Gramado.

Rapaz jovem com complexo de Édipo é levado a analista por quem se apaixona, mas conduzido por ela encontra o amor com uma mulher mais velha.

388

TV Ceará

De 1960 a 1963 - Entre outras novelas:

Poeira vermelha

Texto e direção: Guilherme Neto. Com Laura Santos, Lourdes Martins, João Ramos, Paulo Diniz.

O Morro dos Ventos Uivantes, de Emily Brontë. Direção: Péricles Leal. Com Cleide Holanda e Danúbio Bezerra.

A dama das camélias

De Alexandre Dumas. Direção: João Ramos. Com Cleide Holanda.

Ana Karenina

De Leon Tolstoi. Direção: João Ramos. Com Cleide Holanda.

Bel Ami

De Guy de Maupassant. Direção: Péricles Leal. Com Karla Peixoto, Maria Luiza e Ivone Mary.

Orgulho e Preconceito

De Jane Austin. Direção: Ary Sherlock. Com Cleide Holanda e Glice Sales

Horas amargas

Texto e direção: Guilherme Neto. Com Karla Peixoto.

389

Oliver Twist

De Charles Dickens. Adaptação e direção: Ary Sherlock. Com Ricardo Pontes, Iris Breno, Maria Luiza, Jane Azeredo e Nonato Freire.

Jane Eyre

De Charlotte Bronté. Direção; João Ramos. Com Cleide Holanda.

Dois Sargentos

De A.D. Ennery. Adaptação e direção: Ary Sherlock.

A Touti Negra do moinho

De Xavier de Montetini. Direção: Ary Sherlock.
Com Íris Breno, Karla Peixoto, Maria Luiza e Marcus Miranda.

Contador de histórias (entre outros programas)
Elegia para uma velha

Texto e direção: Péricles leal. Com Dora Barros e Ary Sherlock.

O prisioneiro

De Eduardo Campos. Direção: João Ramos. Com Paulo Diniz.

A longa viagem de volta

390 De Eugene O'Neill. Com Glice Sales e João Ramos.

Passagem para o Havre (Bola de Sebo)

De Guy de Maupassant. Direção: Péricles Leal.
Com Dora Barros, Jane Azeredo, Augusto Borges, Neide Maia, Maria Luiza e Ângela Maria.

Oceano Guimar

De Gianfrancesco Guarnieri. Direção: João Ramos.
Com Isis Martins e Ferreira Nunes.

A morte prepara o laço

De Eduardo Campos. Com João Ramos, Rinauro Moreira, Wilson Machado, Paulo Diniz e Mirian Silveira.

O lobo do mar

De Jack London. Direção: Péricles Leal. Com João Ramos, Cleide Holanda, Ary Sherlock, Wilson Machado.

A dama do mar

De Henrik Ibsen. Direção: João Ramos. Com Dora Barros, Cleide Holanda, Marcus Miranda.

Ajoelhai ante o sol nascente

De Erskine Caldwell. Direção: Péricles Leal. Com Paulo Diniz.

O fantasma de Canterville

De Oscar Wilde. Direção: Ary Sherlock. Com Marcus Miranda. 391

Os desgraçados também sonham

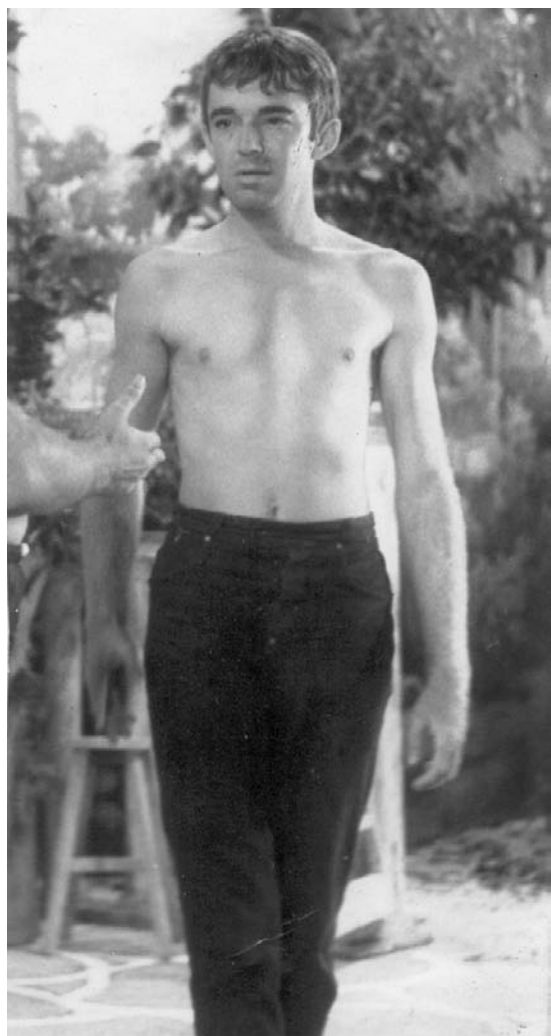
Texto e direção: Péricles Leal. Com João Ramos e Cleide Holanda.

Moby Dick

De Herman Melville. Direção: João Ramos. Com Rinauro Moreira e Wilson Aguiar.

Chá e simpatia

De Robert Anderson. Adaptação: Emiliano Queiroz. Direção: João Ramos. Com Dora Barros, Almir Telles, Gonzaga Vasconcelos, Karla Peixoto.



Chá e simpatia

Férias de Natal

de Emiliano Queiroz. Direção: João Ramos. Com Dora Barros.

A lenda de Perseu

De Charles Kingsley. Direção: Péricles Leal. Com Maria José Braz, Cleide Holanda e o Balé de Regina Picanço.

Teseu

De Charles Kingsley. Direção: Péricles Leal. Com Jane Azeredo.

A noite tudo encobre

de W.S. Thordyke. Direção: João Ramos. Com Karla Peixoto e Mirian Silveira.

393

Carmem

De Prosper Merimée. Direção: João Ramos. Com Jane Azeredo, Marcus Miranda, Karla Peixoto e Almir Telles.

Lucíola

De José de Alencar. Direção: Péricles Leal. Com Jane Azeredo, João Ramos, Maria Luiza e Isis Martins.

Macbeth

De William Shakespeare. Direção: Péricles Leal. Com João Ramos.

Rádio – Fortaleza

1954 a 1963

Ceará Rádio Clube

Teatro

Fortaleza

1953/54/56

Cristo no Calvário

De Eduardo Garrido. Direção, cenário, figurino e caracterização: Waldemar Garcia. Glice Sales, Ary Sherlock, B. de Paiva, José Humberto.

1954

Complexo

B. de Paiva (texto e direção) com Maria José Gonçalves e José Humberto.

Lampião

395

De Rachel de Queiroz. Direção: Vicente Marques e B. de Paiva. Com Marcus Miranda, Glice Sales, José Humberto e Ary Sherlock.

1955

A camisola do anjo

De Pedro Bloch. Direção, Haroldo Serra com Glice Sales e Nyl Rocha.

1956

Essa mulher é minha

De R. Magalhães Jr, direção Marcus Miranda. Com Esther Barroso, José Humberto, Marcus Miranda e Maria José Gonçalves.

1957

O mártir do Golgota

Adaptação e direção: Abel Teixeira. Com Ary Sherlock.

1963

Rosário, rifle e punhal

De Nertan Macedo. Direção: B. de Paiva. Com Gracinha Figueiredo, Edílson Soares e José Humberto.

Infantil – Fortaleza

1954/56

Simbíta e o dragão

De Lúcia Benedetti. Direção: Marcus Miranda

1955

A revolta dos brinquedos

De Pernambuco de Oliveira. Direção: Marcus Miranda.

1957

O rapto das cebolinhas

De Maria Clara Machado. Direção: Haroldo Serra.

1963

O julgamento dos animais

De Eduardo Campos. Haroldo Serra.

São Paulo

1959

Nega de maloca

De Cícero Camargo de Oliveira. Direção Hélio Quaresma. Com Eucharis Moraes, Claudio Olini e Joir Neves.

O pagador de promessas

De Dias Gomes. Direção: Flávio Rangel. Com Leonardo Vilar, Natália Timberg, Cleide Yaconis e Stênio Garcia.

1964

Depois da queda

De Arthur Miller. Direção: Flávio Rangel. Com Maria Della Costa, Paulo Autran, Juca de Oliveira, Marcia Real, Dina Sfat, Suzy Arruda.

397

Rio de Janeiro

1965

Os fantástikos

De Harvey Schmidt e Tom Jones. Direção Antônio de Cabo. Com Rubens de Falco, Norma Suely, Suely Franco, Perry Salles, Gracindo Jr., Nestor Montemar, Lafaiete Galvão, Aníbal Marota e Acyr Castro.

1966

Onde canta o sabiá

De Gastão Tojeiro. Direção: Paulo Afonso Grisolli. Com Marília Pêra, Gracindo Jr., Norma Suely, Nestor Montemar, Afonso Stuart, Casaré, Suzy Arruda, Suely Franco, Carlos Kopa, Dudu Barreto Leite e Lafayete Galvão.

1967

Sabiá 67

De Gastão Tojeiro. Direção: Paulo Afonso Grisolli. Com Betty Faria, Marieta Severo, Maria Gladys, Spina, Gracindo Jr., Modesto de Souza.

Navalha na carne

398 De Plínio Marcos. Direção: Fauzi Arap. Com Tônia Carrero e Nelson Xavier.

1968

Dois perdidos numa noite suja

De Plínio Marcos. Direção: Nelson Xavier.

1969

Dr. Getúlio sua vida, sua glória

De Dias Gomes e Ferreira Gullar. Direção: José Renato. Com Nelson Xavier, Tereza Rachel, Ângela Pires e Aizita Nascimento.

Catarina... da Rússia, naturalmente!

De Alfonso Passo. Direção: Antonio de Cabo. Com Dulcina, Tereza Rachel, Rubens de Falco, Raul da

Mata, Aníbal Marota, Alberto Perez, Ary Fontoura, Ruth Mezeck, Jane Mosso e Lourdes Mayer.

Meu bem como posso ouvir você com a torneira aberta

3 peças em 1 ato de Robert Anderson. Direção: Antônio de Cabo, Hélio Bloch e Dulcina. Com Dulcina, Ary Fontoura, Alberto Perez e Dayse Lourenço.

1970

A preguiça

De Ricardo Talesnik (autor e diretor). Amandio, Zilka Salabery, Maria Helena Dias, Fernando José e Artur Costa Filho.



Romina e Julian

Romina e Julian

De Charles Dyer. Direção: Luiz Carlos Maciel. Com Napoleão Moniz Freire e Maria Gladys.

1971

As garotas da banda

Revista – Coletânea de textos – Oduvaldo Viana Filho, Jô Soares, entre outros. Direção: Nelson Xavier. Coreografia: Nino Giovaneti. Com Nestor Montemar, Leina Krespi, Norma Suely, Marcos Wainberg, Tina Louise e Vera Setta.

1972

Bordel da salvação

De Brendan Behan. Direção: João das Neves. Com Ivone Hoffman, Marieta Severo, Jorge Cherques, Buza Ferraz, Norma Suely, Paulo Ribeiro, Luis Sérgio Lima e Silva, Maria Rita, Geyr Macedo.

1973

A dama de copas e o rei de Cuba

De Timochenco Wehbi. Direção: Odavlas Peti. Com Marlene e Vanda Lacerda.

1977

Equus

De Peter Shaffer. Direção: Celso Nunes. Assistente: Chico Medeiros. Com Ricardo Blat, Ana Lúcia Torre (foto), Monah Delacy, Betina Vianni, Antônio Patiño, Davi Pinheiro, Almir Telles e Dartangnan Jr.



1978

A Ópera do malandro

de Chico Buarque de Holanda. Direção: Luiz Antônio Martinez Correa. Com Otávio Augusto, Marieta Severo, Ary Fontoura, Maria Alice Vergueiro (depois Telma Reston), Elba Ramalho, Ilva Nino, Cláudia Jimenes, Cidinha Millan, Neuza Borges, Maria Alves, Cida Moreira, Tony Ferreira, Ivan de Almeida e Antônio Pedro.

1979

Feira livre

de Plínio Marcos. Direção: Emiliano Queiroz. Com Louise Cardoso, Maria Helena Velasco, Maria Leticia, Patrícia Hungria, Catalina Bonaki, Ricardo Zambelli, Luis Sérgio Lima e Silva, Sérgio Maia e César Manaus.

1980

Homem é homem

Direção: Ivan de Albuquerque. Com Rubens Correa, Leila Ribeiro, Davi Pinheiro. Ricardo Mauricio, Marcus Alvisi, Lina Froes.

1982

Viva sem medo suas fantasias sexuais

Adaptação de João Bittencourt. Direção: José Renato. Com Pepita Rodrigues, Carlos Eduardo Dolabella, Sérgio Mamberti.

1983

A desinibida do Grajaú

De Sérgio Porto. Direção: Ary Coslov. Com Pedro Cardoso, Telma Reston, Felipe Pinheiro, Stela Miranda, Ângela Rebelo, Mario Borges e Analú Prestes.

1985

Honey baby – era uma vez nos anos 70

De Paulo César Coutinho. Direção: Jacqueline Laurence. Com Ângela Leal, Érico de Freitas, Zaira Zambelli, Enrique Diaz e Thais Portinho.

1986

Flávia, cabeça, tronco e membro

De Millôr Fernandes. Direção: Luiz Carlos Maciel. Com Nicette Bruno, Paulo Goulart, Paulo César Grande, Ângela Leal, Antônio Pitanga, Dirce Migliácio, Alexandre Frota e Silvana Calabria.

403

1987

Nossa voz

De Luiz Maria Lima. Direção: João das Neves. Com Marcélia Cartaxo. Reynaldo Gonzaga e Eduardo Coutinho.

Camas redondas, casais quadrados

De Ray Cooney e John Chapman. Direção: José Renato. Com Jonas Bloch, Ângela Vieira, Nedira Campos, Maria Ferreira, Luiz Magnelli.

1988

Tamen

De Luiz Carlos Maciel. Direção: Paulo Afonso Grisoli. Com Eduardo Tornaghi, Luiz Armando Queiroz, Cássia Kiss, Ângelo Antônio, Ivan Setta, Maria Isabel de Lisandra, Tony Tornado, Almir Telles e Luis Sérgio Lima e Silva.

Martine Seco

De Fernando Sabino. Direção: Roberto Talma. Com Leina Krespi, Jorge Fernando, Paulo César Grande, Rodolfo Bottino. Luiz Magnelli e Marcelo Faria.

404

1991

O tiro que mudou a história

De Carlos Eduardo Novais e Aderbal Freire Filho que também dirigiu. Com Cláudio Marzo, Rogério Froes, Paulo José, Domingos de Oliveira, Jonas Bloch, Suzana Saldanha e Márcia do Valle.

O homem e o cavalo

De Oswald de Andrade. Direção: Milton Dobbin. Com Duse Nacaratti, Jitman Vibranoski, Catarina Abdala, Zózimo Bubul, Veluma, Ana Adelaide, Tadeu Mello, Antônio dos Santos, Rodrigo Solteiro, Maria Cita.



Viagem ao centro da Terra

1995

Sara e Severino

Texto e direção: Emiliano Queiroz. Com Leina Krespi, Cláudia Mauro, Paulo César Grande, Tadeu Mello, Marcos Miranda, Antônio dos Santos e Luis Sérgio Lima e Silva.

1996

Os fantástikos

Direção: Elias Andreatto. Com Cláudio Botelho, Chiara Sasso, Nildo Parente, Guilherme Correa, Antônio dos Santos, Paulo Bibiano e Beto Bellini.

Viagem ao centro da terra

De Júlio Verne. Direção: Bia Lessa. Com Betty Goffman(foto), Otávio Müller, Gabriela Duarte, Dany Roland, Maurício Branco.

2001

Lisbela e o Prisioneiro

De Osman Lins. Direção: Guel Arrais. Com Virgínia Cavendish, Bruno Garcia, Lúcio Mauro Filho, Marcos Oliveira, Lívia Falcão, Tadeu Mello, Aramis Trindade.

2004

Medéia de Eurípedes

Direção: Bia Lessa. Com Renata Sorrah, José Mayer, Cláudio Marzo, Christiana Guinle, Dalton Vigh e as crianças Gabriel Caixeiro e Gabriel

Moura.

Show de Boite

1966

Machado's Holliday

Boite Fred's. Direção: Carlos Machado. Com Irene Ravache, Érico de Freitas, Ary Fontoura, Suely Franco.

Cinema

1959

Conceição

Direção Hélio Souto. Com Norma Bengell, Anick Malvil, Celso Faria, Walter Avancini. Personagem: Play Boy.

1960

Cidades exóticas

(semidocumentário alemão)

1962

Lamparina

408 Dir. Glauco Mirko Laurelli. Com Mazaropi, Geny Prado, Zilda Cardoso, Celso Garcia, Davi Cardoso, Ana Maria Guimarães, Astrogildo Filho e Francisco de Franco. Personagem: Ezequiel.

1966

Engraçadinha depois dos 30

De Nelson Rodrigues. Dir. J.B. Tanko. Com Vera Viana, Irma Alvarez, Fernando Torres, Mário Petraglia e Carlos Eduardo Dolabella. Personagem: Cabeça de Ovo.

1967

Carnaval barra limpa

Dir. J.B. Tanko. Com Costinha, Geórgia Quental, Edson Silva, Ary Fontoura, Chacrinha e Dircinha Batista.

1968

Jovens pra frente

Dir. Alcino Diniz. Com Oscarito, Rosemary, Jair Rodrigues e Heloísa Helena.

Enfim sós com o outro

Dir. Wilson Silva. Com Augusto César Vannucci, Grande Otelo, Anick Malvil, Leila Santos, Mozael Silveira e Rogéria. Personagem: Maurício (colunista de TV)

O homem que comprou o mundo

Dir. Eduardo Coutinho. Com Flávio Migliaccio, Marília Pêra e Sônia Clara.

409

1969

Navalha na carne

De Plínio Marcos. Dir. Bráz Chediak. Com Glaucete Rocha e Jece Valadão. Personagem: Veludo.

1970

O bolão

Dir. Wilson Silva. Com Taiguara, Tânia Scher, Suzy Arruda, Maria Pompeu e José Lewgoy.

Uma garota em maus lençóis

De Wilson Silva. Com Neide Aparecida, Arduíno Colassanti, Zilka Salabery e Wanda Moreno.

1971

As quatro chaves mágicas

Dir. Alberto Salvá. Com Dita Corte Real, Isabela, Milton Gonçalves, Wilson Grey, Dorinha Duval e Daniel Filho.

Uma pantera em minha cama

Dir. Carlos Hugo Cristensen. Com Rosana Tapajós, Rubens de Falco, Geórgia Quental.

Dois perdidos numa noite suja

De Plínio Marcos. Dir. Braz Chediak. Com Nelson Xavier, Pepa Ruiz, Fernando José e Wanda Crisiskaia. Personagem: Tonho.

410

Confissões do Frei Abóbora

De José Mauro Vasconcelos. Dir. Braz Chediak. Com Tarcísio Meira, Norma Bengell, Jacqueline Myna e Nelson Xavier.

1972

Independência ou morte

Dir. Carlos Coimbra. Com Tarcísio Meira, Glória Menezes, Kate Hansen, Manuel da Nóbrega, Labanca e Anselmo Duarte. Personagem: Chalaça.

A difícil vida fácil

De Alberto Pieralise. Com Jece Valadão, Rubens de Falco, Paulo Fortes, Sandra Barsotti, Hélio



Ary, Marli de Fátima. Personagem: Sony Boy/
Sandro.

1973

Mestiça

De Gilda de Abreu. Dir. Lenita Peroy. Com Sônia
Braga (foto), Arduíno Colassanti, Walmor Chagas
e Lola Brah. Personagem: Mascate.

1975

A extorsão

De Rubem Fonseca. Dir. Flávio Tabelini. Com
Paulo César Pereio, Otávio Augusto, Kate Lyra,
Arlete Salles, Suzana Faini e Carlos Kroeber.

Intimidade

Dir. Maichel Sarne. Com Vera Fischer e Perry Salles. Personagem: José Carlos.

Deixa Amorzinho... deixa

Direção Saul Lachtermacher. Com Ney Latorraca, Sandra Barsotti, Bibi Vogel, Jaime Barcelos.

1976

Vampiro de Copacabana

Dir. Xavier de Oliveira. Com André Valli, Ângela Valério, Kátia Dangelo e Catalina Bonaki.

O pistoleiro

412 Dir. Oscar Santana. Com João Carlos Barroso, Rui Resende, Elza de Castro, Regina Célia e Gilberto Martinho.

Um brasileiro chamado Rosaflor

Dir. Geraldo Miranda. Com Stepan Nercessian, Joana Fomm, Lucélia Santos, Jofre Soares, Suzana Faini e Otávio Augusto.

1984

Amor maldito

Dir. Adélia Sampaio. Com Monique Lafond, Wilma Dias, Isolda Cresta, Tony Ferreira, Nildo Parente, Maria Letícia e Júlia Miranda.



Amor maldito

1988

1º de abril, Brasil

De Maria Letícia. Com Rosamaria Murtinho, Ida Gomes, Tessy Calado, Aline Molinari, Melise Maia, Chico Diaz, Ricardo Blat. Personagem: Mr. Gordon.

1989

O grande mentecapto

De Fernando Sabino. Dir. Oswaldo Caldeira. Com Diogo Vilela, Osmar Prado, Luiz Fernando Guimarães, Duse Nacarati, Regina Case.

1990

Stelinha

De Rubem Fonseca. Dir. Miguel Faria Jr. Com Ester Góis, Marcos Palmeira, Stela Freitas, Ana

Beatriz Nogueira, Clemente Viscaíno. Personagem: Alcides.

1999

Tiradentes

Dir. Oswaldo Caldeira. Com Humberto Martins, Adriana Esteves, Marco Rica, Cláudio Cavalcante, Henri Pagnocelli, Cláudio Mamberti, Júlia Lemertz, Eduardo Galvão. Personagem: Cláudio Manuel da Costa.

2001

Xangô de Baker Street

414 De Jô Soares. Dir. Miguel Faria Jr. Com Joaquim de Almeida, Marco Nanini, Maria de Medeiros, Cláudia Abreu, Caco Ciocler, Maurício Gonçalves e Cláudio Marzo. Personagem: Dr. Saraiva.

Xuxa e os duendes

Dir. Rogério Gomes e Paulo Sérgio de Almeida. Com Xuxa, Ana Maria Braga, Angélica, Luciano Huck, Gugu Liberato, Guilherme Karan, Tadeu Mello. Personagem: Mika, o Rei dos Duendes.

2002

Madame Satã

Dir. Karin Aïnouz. Com Lázaro Ramos, Marcélia Cartaxo, Flávio Bauraqui, Ricardo Blat, Renata Sorrah. Personagem: Amador.

2003

Xuxa e os duendes no Caminho das Fadas

Dir. Rogério Gomes e Paulo Sérgio de Almeida.
Com Xuxa, Ana Maria Braga, Vera Fischer, Zezé Motta, Davi Brasil, Luciano Szafir, Luiz Carlos Tourinho e Tadeu Mello. Personagem: Mika, o Rei dos Duendes.

O amigo invisível

Dir. Maria Letícia. Com Isabela Garcia, Paulo César Grande, Marcélia Cartáxo, Cláudia Mauro, Zezé Motta, Rosamaria Murtinho, Ida Gomes, Chico Dias, Enrique Diaz, Antônio dos Santos, Tadeu Mello, Amália Rocha, Luis Sérgio Lima e Silva, Ilya São Paulo, Neuza Borges, Fernanda Ghelma e Enzo Ramos. Personagem: Vô Juca.

415

2005

Casa de areia

de Andrucha Waddington. Com Fernanda Montenegro, Fernanda Torres, Stênio Garcia, Enrique Diaz, João Acaiabe, Ruy Guerra, Seu Jorge e Luiz Melodia. Personagem: Seu Chico do Sal.

Mulheres do Brasil

Dir. Malu de Martino. Com Roberta Rodrigues, Lea Garcia, Tuca Andrada, Carla Daniel, Camila Pitanga e Bete Coelho. Personagem: Nicolau.

O cobrador

Co-produção. Dir. Paul Leduc. Com Lázaro Ramos, Milton Gonçalves, Matheus Nachtergaele, Mauro Mendonça, Jonas Bloch.

2006

Xuxa gêmeas

Dir. Jorge Fernando. Com Luis Salém, Marcelo Barros, Fabiana Carla.

Curta-metragem

O Retrato

Dir. Ronaldo German.

416

Ärte: Comunicação

Dir. Miguel Faria Jr.

Rodolfo Arena, um ator

Dir. Stepan Nercessian.

Padre Mestre

Dir. Ney Costa Santos.

Tangerine girl

De Rachel de Queiroz. Dir. Liloye Boubli.

No princípio era o verbo

Dir. Virgínia Jorge.

Bala perdida

Dir. Victor Lopes.

Vídeo

Pedro Nava 100, 200, 300 anos

De Eliane Terra e Karla Holanda.

Pastores da noite

Versão em DVD. Direção: Sérgio Machado. Direção Geral: Maurício Farias. Com Eduardo Moscovis, Luiz Carlos Vasconcelos, Lázaro Ramos.

Índice

Apresentação	5
Prefácio	11
Vocação	13
A 2ª Guerra – Orson Welles	31
Shazan	39
O TEA	43
Soldado Queiroz ou (Marcha soldado cabeça de papel)	51
Em ondas curtas e médias	53
Viajando num pau-de-arara	59
O teatro de Plínio Marcos (outubro de 1967)	109
Dulcina - a grande dama entra em cena	145
O véu de Janete e o verão de Dias	175
Jorge Fernando	199
A volta ao mundo	207
Ópera do malandro	221
Filmes e diretores	245
Filmes e peças de que participei em outras funções	267
<i>Os fantástikos</i>	287
Minha mãe	293
Século XXI	297

Epílogo	341
Teatro Emiliano Queiroz	347
Cronologia	359

Crédito das Fotografias

Adriano Espínola Filho capa, 209, 345

Vantoen Pereira Jr.: contra-capas, 324, 325, 331

Guilherme Maia 339, 340

David Prichard 311

Chico Albuquerque (acervo Ricardo Albuquerque) 35

Acervo Nirez 32

Guilherme Da Costa 318

Jorge Kuraïem 33

Rosário 165, 166

Leocácio Ferreira 66, 68, 70, 392

Carlos 112, 116

Acervo Funarte 149, 150, 151

Memorial Norma Suely (Natal Luiz) 104, 107, 153, 155

Magnus Filmes 134, 135, 137, 141

Paulinhos Foto 212, 401

Denise Del Cueto 259

Liloye Boubli 283

Dante Belluti 297

Acervo Miguel Faria Jr. 301, 302

Ricardo Malta 341

Guga Melgar 277, 288, 290

Lívio Campos 291

Tobias 387

Arley Alves 333

Paulo Alencar 157

Cláudia Ferreira 276

Artur Franco 221, 226, 227, 228, 233, 234, 235

Jornal Zero Hora, Porto Alegre 106

Val Nogueira 270

Sílvio Pozatto 322

Declair 309

Acervo Teatro SESC – Emiliano Queiroz 348, 351,
352, 355, 356, 358

Cedoc TV Globo 96, 99, 100, 179, 180, 181, 182, 183,
188, 198, 200, 201, 202, 205, 218, 343, 361, 364, 366,
372, 377, 381

Demais fotografias: acervo Emiliano Queiroz e
Maria Letícia

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

Braz Chediak - Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi

e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

Carlos Coimbra - Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach -

O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

Casa de Meninas

Inácio Araújo

Cinema Digital

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Como Fazer um Filme de Amor

José Roberto Torero

Críticas Edmar Pereira - Razão e sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas Jairo Ferreira - Críticas de invenção: os anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas L. G. Miranda Leão

Org. Aurora Miranda Leão

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Djalma Limongi Batista - Livre Pensador

Marcel Nadale

Dois Córregos

Carlos Reichenbach

Fernando Meirelles - Biografia prematura

Maria do Rosario Caetano

Fome de Bola - Cinema e futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Guilherme de Almeida Prado - Um cineasta cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton - O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaza

Jeferson De - Dogma feijoad

- o cinema negro brasileiro

Jeferson De

João Batista de Andrade -

Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky - O homem com a câmera

Carlos Alberto Mattos

Narradores de Javé

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

O Caso dos Irmãos Naves

Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade por Ariane Abdallah e

Newton Cannito

Pedro Jorge de Castro - O calor da tela

Rogério Menezes

Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Viva-Voz - roteiro

Márcio Alemão

Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Zuzu Angel - roteiro

Sergio Rezende e Marcos Bernstein

Série Cinema

Bastidores - Um outro lado do cinema

Elaine Guerini

Série Teatro Brasil

Antenor Pimenta e o Circo Teatro

Danielle Pimenta

***Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -
Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

Samir Yazbek - O teatro de Samir Yazbek

Samir Yazbek

***Críticas Maria Lucia Candeias - Duas tábuas e uma
paixão***

Org. José Simoes de Almeida Júnior

Críticas Clóvis Garcia - A crítica como ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Teatro de Revista em São Paulo

Neyde Veneziano

Série Perfil

Alcides Nogueira - Alma de Cetim

Tuna Dwek

Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Bete Mendes - O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Cleyde Yaconis - Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso - Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Etty Fraser - Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Ilka Soares - A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache - Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

José Dumont - Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maria Adelaide Amaral - A emoção libertária

Tuna Dwek

Miriam Mehler - Sensibilidade e paixão

Vilmar Ledesma

Nicette Bruno e Paulo Goulart - Tudo Em Família

Elaine Guerrini

Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti - Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José - Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi - Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renata Palottini - Cumprimenta e pede passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Renato Consorte - Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin - Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho - Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza - Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema

Maximo Barro

Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Suely Franco - A alegria de representar

Alfredo Sternheim

Walderez de Barros - Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Leonardo Villar - Garra e paixão

Nydia Licia

Carla Camurati - Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Zezé Motta - Muito prazer

Rodrigo Murat

Tony Ramos - No tempo da delicadeza

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel - O samba e o fado

Tania Carvalho

Vera Holtz - O gosto da Vera

Analú Ribeiro

Série Crônicas Autobiográficas

Maria Lucia Dahl - O quebra-cabeças

Especial

Cinema da Boca

Alfredo Sternheim

Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Ney Latorraca - Uma Celebração

Tania Carvalho

Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

***Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira***

Álvaro Moya

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 432

Tiragem: 1.500

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**

Letícia, Maria.

Emiliano Queiroz : na sobremesa da vida / Maria Letícia.
– São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo,
2006.

432p. : il. – (Coleção aplauso. Série perfil/ coordenador
geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 85-7060-233-2 (Obra completa) (Imprensa
Oficial)

ISBN 85-7060-500-5 (Imprensa Oficial)

1. Atores e atrizes cinematográficos - Brasil 2. Atores
e atrizes de teatro – Brasil 3. Atores e atrizes de televisão
- Brasil 4. Queiroz, Emiliano, 1938 I. EWald Filho, Rubens.
II. Título . III. Série.

CDD – 791.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia : Crítica e interpretação :
Representações públicas : Artes 791.092

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional
(Lei nº 1.825, de 20/12/1907).

Direitos reservados e protegidos pela lei 9610/98

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 Mooca

03103-902 São Paulo SP

T 00 55 11 6099 9800

F 00 55 11 6099 9674

www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

livros@imprensaoficial.com.br

Grande São Paulo SAC 11 6099 9725

Demais localidades 0800 0123 401

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

editoração, ctp, impressão e acabamento

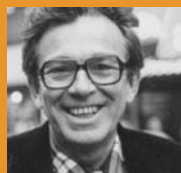
imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 0123401
www.imprensaoficial.com.br

"Emiliano vê o mundo através do teatro." Esta é uma das definições da autora, também sua esposa, a respeito de Emiliano Queiroz. Segundo Maria Leticia, Emiliano "tornou-se ator em sua essência".



Este título da *Coleção Aplauso* conta a trajetória do menino ingênuo de Aracati, Ceará, que começou a interpretar ainda na escolinha infantil e fez de sua vida uma crescente carreira, com personagens inesquecíveis na televisão; como o Dirceu Borboleta, de *O bem amado*, de Dias Gomes; no teatro, Tonho, de *Dois perdidos numa noite suja*, de Plínio Marcos; e também do cinema, como Seu Chico do Sal, do recente *Casa de areia*, de Andrucha Waddington.



Este é o primeiro registro da história de Emiliano Queiroz, ator de mais de cinquenta novelas e minisséries (*A moreninha*, *Selva de pedra*, *Alma gêmea*, *Hilda Furacão*) e quarenta peças. Mais um trabalho de pesquisa e resgate da *Imprensa Oficial do Estado*.



ISBN 85-7060-500-5



9 788570 605009